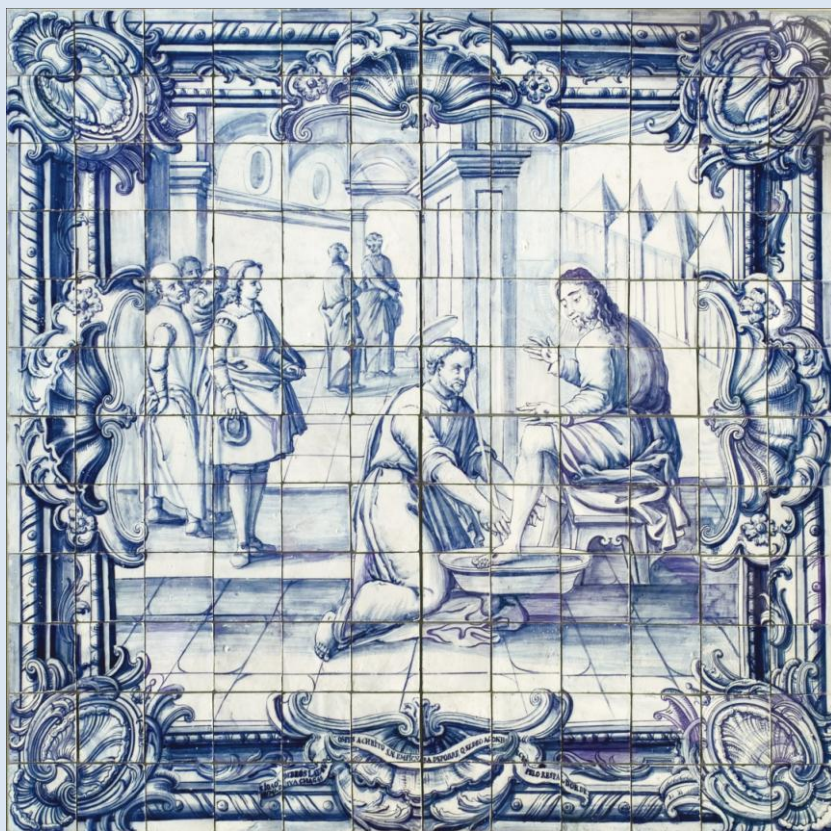


# Azulejaria de São João de Deus em Portugal

Séculos XVII-XXI



Augusto Montinho Borges



# **Azulejaria de S. João de Deus em Portugal**

**Séculos XVII-XXI**

**Roteiro Cultural e Turístico**



LUSOSofia:PRESS

Lisboa, 2013

FICHA TÉCNICA

**Título: *Azulejaria de S. João de Deus em Portugal, séculos XVII-XXI*  
*Roteiro Cultural e Turístico***

Autoria, Concepção e Textos: Augusto Moutinho Borges

Colaboração: Aires Gameiro e Jorge Fonseca

Colecção: Ensaios LUSOFONIAS

Capa: S. João de Deus a lavar os pés ao pobre que se transfigurou em Cristo, Museu do Hospital e das Caldas. N.º Inv.: C/A 256.

Design da Capa, Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, fevereiro de 2013

ISBN – 978-989-97458-0-3

Augusto Moutinho Borges

**Azulejaria de S. João de Deus  
em Portugal**

**Séculos XVII-XXI**

**Roteiro Cultural e Turístico**

CLEPUL

Lisboa  
2013

**NOTA:** A Guarda Nacional Republicana, o Município de Montemor-o-Novo, o Hospital Militar de Belém, o Centro de Saúde Militar de Évora, a Santa Casa da Misericórdia de Fão, a Santa Casa da Misericórdia de Lamego, o Museu do Hospital e das Caldas e a Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas autorizaram a reprodução das fotos inseridas neste livro.

# Índice

<b>APOIOS INSTITUCIONAIS</b> . . . . .	5
<b>AGRADECIMENTOS</b> . . . . .	7
<b>ABREVIATURAS UTILIZADAS</b> . . . . .	9
<b>APRESENTAÇÃO</b> . . . . .	11
<b>PREFÁCIO</b> . . . . .	13
<b>INTRODUÇÃO</b> . . . . .	17
<b>1 AS FONTES ICONOGRÁFICAS</b>	<b>23</b>
Historiografia e temas iconográficos . . . . .	26
As seis cartas do Santo (cerca de 1544-1550) . . . . .	28
As fontes iconográficas. Estampas, pintura e escultura . . . . .	35
<b>2 AZULEJARIA DE S. JOÃO DE DEUS EM PORTUGAL</b>	<b>41</b>
Século XVII . . . . .	46
Século XVIII . . . . .	49
Século XIX . . . . .	52
Século XX . . . . .	54
<b>3 ARTES DECORATIVAS</b>	<b>63</b>
Monumentos . . . . .	65
Painéis . . . . .	67
Registos . . . . .	70
A heráldica e a romã na azulejaria . . . . .	73
S. João de Deus na toponímia . . . . .	78

<b>4 CENTROS PRODUTORES</b>	<b>83</b>
Fábricas, ateliers e oficinas . . . . .	86
Mestres e pintores . . . . .	89
Legendas e datas . . . . .	94
<b>5 ANEXOS</b>	<b>109</b>
Sobre os mestres, século XX . . . . .	110
Cronologia . . . . .	111

## APOIOS INSTITUCIONAIS

Livro premiado com o **PRÉMIO SOS AZULEJO 2010**, na categoria de *Investigação, História e Arte*, instituído pelo Museu da Polícia Judiciária, Escola de Polícia Judiciária, Instituto Politécnico de Tomar, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, Associação Nacional de Municípios Portugueses, Guarda Nacional Republicana, Polícia de Segurança Pública, e Rede Temática de Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel Santos Simões, Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com os apoios da União das Misericórdias Portuguesas e Escola/Real – Design e Publicidade.



**CLEPUL** | Centro de Literaturas  
e Culturas Lusófonas  
e Europeias  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



## AGRADECIMENTOS

Ordem Hospitaleira de S. João de Deus: Casa de Saúde do Telhal (Sintra), Casa de Saúde S. João de Deus (Barcelos), Casa de Saúde S. João de Deus (Trapiche, Madeira), Casa de Saúde S. Rafael (Terceira, Açores), Casa de Saúde S. Miguel (S. Miguel, Açores), Residência S. João de Deus (Fátima), Hospital S. João de Deus (Montemor-o-Novo), Sede da Ordem Hospitaleira S. João de Deus (Lisboa); Biblioteca Nacional de Portugal; Biblioteca de Olivença; Bombeiros Voluntários de Montemor-o-Novo; Câmara Municipal de Montemor-o-Novo; Cemitério de Nordeste (S. Miguel, Açores); Centro Clínico da Guarda Nacional Republicana; Centro Hospitalar de Lisboa Central: Hospital de S. José (Lisboa); Centro Hospitalar Oeste-Norte: Museu do Hospital e das Caldas (Caldas da Rainha); Centro Hospital Lisboa Central; Centro de Saúde Militar (Évora); Comando Geral da Guarda Nacional Republicana; Comissão Portuguesa de História Militar; Direcção do Serviço de Saúde do Exército; Escola Prática de Artilharia (Vendas Novas); Hospital e Farmácia da Misericórdia da Guarda (Guarda); Hospital Militar de Belém (Lisboa); Hospital da Misericórdia de Fão (Fão); Hospital da Misericórdia de Lamego (Lamego); Igreja da Madalena (Olivença); Igreja de Nossa Senhora da Graça (Funchal, Madeira); Igreja de Nossa Senhora do Bispo (Montemor-o-Novo); Igreja do Santo Senhor do Calvário (Montemor-o-Novo); REFER, EPE – Rede Ferroviária Nacional; Universidade Católica Portuguesa (Biblioteca João Paulo II); Villa Ter-

mal das Caldas de Monchique (Monchique); Pe. Doutor Aires Gameiro, OH; pintor Ângelo Manuel Pereira; Dr. José Luís Dória; Cónego Dr. José Morais Palos; Família do Mestre Lino António; Dr. Luís Alfonso Limpo; Pe. Roiz Dorado; Dr. Servando Rodriguez Franco; aos proprietários de registos e a todos que, de forma directa e indirecta, colaboraram nesta obra.

# ABREVIATURAS UTILIZADAS

**Cap.** – Capítulo

**CSSJDB** – Casa de Saúde S. João de Deus, Barcelos

**CST** – Casa de Saúde do Telhal

**c.** – cerca de

**CPHM** – Comissão Portuguesa de História Militar

**cf.** – consultar fonte

**Col.** – Colecção

**Coord.** – Coordenação

**DGEMN** – Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais

**doc.** – documento

**DS** – Duquesa de Sesa

**ed.** – edição

**FC** – Francisco de Castro

**fl.** – fólio/fólios

**HSJD** – Hospital S. João de Deus, Montemor-o-Novo

**Inv** – Inventário n.º

**IPM** – Instituto Português de Museus

**ISJD** – Instituto S. João de Deus

**n.º** – número/números

**n. ass.** – não assinado

**o. c.** – obra citada

**OHSJD** – Ordem Hospitaleira de S. João de Deus

**p. / pp. / pág.** – página / páginas

**Pe.** – Padre

**Rg.** – Registo

**Rev.** – Reverendo

**SCM** – Santa Casa da Misericórdia de

**v** – verso (relativo a numeração de fólios)

**vol.** – volume

# APRESENTAÇÃO

*A Azulejaria de S. João de Deus em Portugal, Séculos XVII-XXI. Roteiro Cultural e Turístico* é uma obra que se inscreve na reflexão inter-artes desenvolvida no Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, atenta às configurações estéticas do imaginário colectivo português, que com outros se cruza e dialoga.

Desta vez, a azulejaria é o cenário e a matéria em que uma personalidade e uma Ordem se encontram e se confundem *humanizando* a sociedade na esfera mais básica da sua vida: a saúde e a assistência. S. João de Deus, o “Português de Granada”, e a Ordem Hospitaleira de São João de Deus: o homem e a Ordem consubstanciados no gesto e na acção através de *cenias, poses e insígnias*. Imagens expressivas e simbólicas de percursos e de ideários. Signos-sinais do(s) tempo(s), observatórios da cultura (inter)nacional, barómetros de *sensibilidades* sociais.

Augusto Moutinho Borges fez um levantamento ambicioso no escopo cronológico (do século XVII até à actualidade) e espacial (todo o país), sensível na abordagem, informado na análise, compreensivo no enquadramento. A sua familiaridade com as Instituições e com as áreas temáticas e disciplinares assegurou um trabalho de anos norteado

pela paixão de *conhecer* e de *dar a conhecer*. A aventura da investigação desdobrou-se em cumplicidade de partilha, conquistando o leitor e promovendo nele o desejo de fazer o seu próprio (re)conhecimento. Cumpriu, assim, a dupla missão do Investigador: *procurar* e *transmitir* de modo a *iniciar* o outro. E fê-lo com mestria distinguida pelo **PRÉMIO SOS AZULEJO 2010**.

Com esta obra de Augusto Moutinho Borges, o Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) vê reconhecido o esforço deste seu investigador e reforçada a bibliografia de uma reflexão em curso, com equipas vastas e diversificadas, estudos pioneiros na abrangência e na transversalidade, no intercâmbio interinstitucional, internacional, interdisciplinar e intergeracional. Na confluência de perspectivas, os Investigadores enfrentam o risco das novas vias de inteligência compreensiva e relacional da cultura, abordando o *nacional* no *teatro do mundo*, na publicação, abre-lhe o coração da sua aventura intelectual. Que acolham bem este *exercício arriscado!*

*Annabela Rita*

Coordenadora do Grupo de Investigação 4 do CLEPUL – Literaturas e Culturas Europeias

# PREFÁCIO

O azulejo foi, nos últimos cinco séculos, o material de suporte mais utilizado nas artes decorativas portuguesas. Barato, resistente, capaz de manter, sem deterioração, a riqueza cromática, transportou até aos nossos dias um vasto e precioso testemunho sobre o passado. Hábitos, lendas, acontecimentos e personagens históricas, tudo isso se pode encontrar, quer nos grandiosos painéis que revestem igrejas e palácios, quer nos simples registos das fachadas dos prédios.

Num país de fortes raízes cristãs, a temática religiosa tinha de ter, nesta área, uma presença dominante. Foi assim que, com o barroco e a moda do azulejo historiado azul e branco, as igrejas e os conventos se encheram de episódios do Antigo e do Novo Testamento e de composições legendadas com vidas de mártires e doutores da Igreja.

Mais importantes ainda, para conhecer as preferências do culto popular, são os registos de santos que, a partir do século XVIII e até aos dias de hoje, têm tido uma presença constante nas nossas fachadas. Através deles estamos em condições de saber, por exemplo, que Santo António é o santo mais venerado pelos lisboetas, que São Vicente, apesar de padroeiro da cidade, é pouco invocado (ao contrário de outros diáconos mártires como São Lourenço e Santo Estêvão) e que São Marçal, tão representado nos registos setecentistas do Bairro Alto e de Al-

fama, desapareceu completamente da memória colectiva da população de Lisboa.

São João de Deus é entre nós, e a vários títulos, um santo muito peculiar. Nascido em Montemor-o-Novo, João Cidade (assim se chamava) abandonou aos oito anos a família e o solo português por razões nunca bem esclarecidas. Nos anos que se seguiram foi pastor, servente de pedreiro, livreiro ambulante, participou em campanhas militares durante as quais viajou pela Europa, esteve à beira da morte após queda de um muar e, só por um triz, não foi enforcado às ordens de um capitão. Durante mais de quarenta anos, e se esquecermos os acontecimentos sobrenaturais da sua biografia, teve uma existência semelhante à de muitos homens da sua época, nada fazendo prever que um dia viria a acrescentar o seu nome à galeria dos santos.

Mas subitamente, já em Granada, depois de ouvir um sermão do Mestre João de Ávila, é possuído por uma estranha agitação. Percorre então as ruas da cidade a gritar “sou pecador! sou pecador! misericórdia!”, bate no corpo com uma pedra, arranha a cara, arranca os cabelos, chafurda nas poças de lama. Todos julgam que está louco e tratam-no como tal: levam-no para o Hospital Real, prendem-no com algemas e flagelam-no até sangrar.

É precisamente este estranho episódio que irá mudar radicalmente a sua vida. Ao tomar consciência do tratamento desumano praticado nos hospitais de então, João passa a dedicar-se sem desfalecimentos a todos quantos precisam de ajuda. Com o dinheiro de esmolas, recolhe os doentes que encontra nas ruas, lava-os, alimenta-os, conforta-os e oferece-lhes um leito individual. Em poucos anos cria uma obra que é objecto de admiração e que leva os seus contemporâneos a olhá-lo como um santo.

A sua acção é, indiscutivelmente, um exemplo sublime de caridade cristã e de amor pelo próximo. Mas contém uma outra dimensão que nos surpreende: a importância que atribuiu, pela primeira vez, à higiene, à alimentação, à organização e à separação das doenças no espaço

hospitalar. Por tudo isto São João de Deus irá ficar para a história como um dos pioneiros dos hospitais modernos.

Apesar de português de nascimento, é em Granada que faz o percurso que o conduzirá à canonização. Em Portugal, só será conhecido a partir de 1606 quando alguns dos seus discípulos fundaram, em Montemor-o-Novo, a primeira comunidade hospitaleira que depois se irá estender a todo o país.

Mas em 1834, depois de decretada a extinção dos conventos masculinos e a expulsão das congregações religiosas, a Ordem Hospitaleira de São João de Deus vê-se obrigada a abandonar Portugal. Só regressará em 1891 para se implantar em todo o território, desenvolvendo, a partir de então, uma vasta acção assistencial, particularmente na área das doenças mentais.

São João de Deus, o “Português de Granada”, como alguns lhe chamam, está hoje ligado a inúmeras instituições de assistência, à toponímia urbana e a templos religiosos. Não sendo aquilo que se pode chamar um “santo popular”, passou a ser um daqueles que os portugueses mais acarinham e veneram.

É dentro deste contexto que a azulejaria portuguesa dedicada a São João de Deus deve ser entendida. Azulejaria que se encontra sobretudo nos edifícios da Ordem ou em instituições de assistência a ela ligadas e que, durante o período em que a Ordem esteve ausente do país, desapareceu quase por completo. No seu conjunto constitui um mostruário riquíssimo da iconografia do Santo – tal como esta ficou definida no século XVII – e dos atributos que invariavelmente o acompanham – a cruz, a romã, o escapulário e a sacola.

A publicação deste livro do Doutor Augusto Moutinho Borges é, antes de tudo, um acontecimento extremamente oportuno, na medida em que nos dá a conhecer o vasto leque da azulejaria joandeina actualmente existente e em grande parte ainda desconhecida.

Através de um exaustivo inventário, nele está patente, não apenas o rigor, a cultura, o sentido didáctico e o método do historiador, como também a paixão de quem se tem dedicado ao estudo e à divulgação da vida e da obra de São João de Deus. É por isso que, para além de ser uma contribuição importante para o conhecimento da nossa azulejaria e de oferecer um roteiro precioso para quem queira conhecer a história, os percursos e a iconografia do Santo, este livro é também um hino à forma abnegada, heróica e lúcida como ele soube praticar a solidariedade e o amor pelo próximo, deixando para a posteridade um exemplo que ainda perdura e, mais do que nunca, permanece actual.

*António José Barros Veloso*

# INTRODUÇÃO

S. João de Deus ainda não tinha sido abordado na azulejaria em Portugal de forma sistemática, comparativamente às outras figurações iconográficas do Santo e de outros Santos, que têm por base a pintura e a escultura e estão, inúmeras vezes, referenciados em livros temáticos.

Sendo Portugal o país do azulejo, também a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus não foi indiferente, em fazer representar o seu fundador neste suporte cerâmico. Os motivos para tal arte são facilmente encontrados na extensa bibliografia, desde o século XVII até ao presente, que enriqueceu o interior das obras literárias, com inúmeras gravuras e estampas. Os gravadores têm sido, para a obra de Frei António de Gouveia, de 1659, e de Manuel Trinchería, de 1773, solicitados a conceber e produzir *registos* evocativos da vida e obra do Santo, permitindo aos encomendadores, quer reais, quer religiosos e públicos, elementos suficientes para a obra azulejar que chegou até ao presente.

O desenvolvimento artístico em torno de S. João de Deus deve-se, fundamentalmente, à devoção que os Irmãos Hospitaleiros desenvolveram em Portugal em torno do seu fundador, essencialmente a partir do Convento-Hospital em Lisboa, desde os inícios do século XVIII.

De norte a sul do país, têm sido inúmeros os painéis e registos a representar iconograficamente S. João de Deus. Numa primeira abordagem ao tema, constatamos que a figuração do Santo está implantada nos centros hospitalares ou de devoção régia. Também se encontram

nos conventos seguidores dos seus princípios assistenciais, ou seja os estabelecimentos conventuais, as Casas de Saúde e Hospitais da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.

Não é nosso objectivo, nesta análise, desenvolver as características técnicas específicas dos processos da formação, pintura, vidrado e cozedura, entre outros, da azulejaria. Este estudo fará parte de obras técnicas procurando, essencialmente, realizar uma inventariação que propusesse um roteiro temático em torno de S. João de Deus, através da azulejaria em Portugal, que é bastante variada e de grande qualidade artística, tal como iremos ver neste livro.

Os motivos para tal roteiro vão impressos nesta obra, de norte a sul do Continente, Ilha da Madeira e Arquipélago Açoriano. O espaço temporal vai desde o século XVII até ao presente, localizando-se em áreas públicas e privadas, tanto no interior como no exterior dos edifícios.

A recolha iconográfica de S. João de Deus na azulejaria desenvolveu-se no terreno, em conventos que foram propriedade da Ordem Hospitaleira, nos Reais Hospitais Militares administrados pelos Irmãos Hospitaleiros entre 1645 a 1834, nas Casas de Saúde do Telhal, em Barcelos, em Vilar de Frades, no Funchal, em Angra do Heroísmo e em Ponta Delgada, no Hospital S. João de Deus, em Montemor-o-Novo e na Residência de S. João de Deus, em Fátima. Em bibliografia específica e geral há referências sobre a azulejaria, contribuindo a sua recolha para complementar o nosso estudo<sup>1</sup>.

Calcorreamos Montemor-o-Novo para localizar algum painel ou registo alusivo ao Santo, que nasceu na localidade por volta de 1495, desenvolvendo-se, por tal motivo, o seu culto em terras alentejanas. Neste périplo, não posso deixar de referenciar as obras comemorativas do IV Centenário da sua morte, editadas em 1950<sup>2</sup>, mas também a

---

<sup>1</sup> Vide BROCHADO, 1950, e a obra de GOMES, 2006. Em virtude da variedade azulejar sobre S. João de Deus não vamos nesta obra apresentar a totalidade dos azulejos inventariados.

<sup>2</sup> Foram muitas as obras publicadas nesse ano, havendo uma em especial, fundamental para o estudo que desenvolvemos neste livro. Ver MONTEIRO, 1950.

importante obra, *Inventário Artístico de Portugal*<sup>3</sup>, que nos deu pistas fundamentais para a localização dos exemplares em estudo no Alentejo.

Após a localização e identificação dos espécimes iconográficos relativos a S. João de Deus, desenvolvemos contactos com os centros produtores, na tentativa de saber o histórico das produções identificadas através da menção fabril, das assinaturas dos mestres e pintores e dos anos em que foram concebidos. Nalguns casos, sentimos dificuldades quanto à datação e identificação dos autores pois os arquivos, com excepção da Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego, não são consultáveis<sup>4</sup>.

Tivemos preciosas informações por parte de alguns centros produtores, muitas vezes informalmente, o que muito agradecemos. Pequenos dados tornaram-se fundamentais para descodificar datas, assinaturas ou atribuir períodos fabris e quem o seu presumível autor<sup>5</sup>.

As temáticas que encontramos em Portugal têm diversas funções, podendo ser narrativas, evocativas, explicativas, figurativas e decorativas, estando representadas em painéis e em registos.

Durante o século XVII não identificamos nenhum conjunto azulejar representando S. João de Deus<sup>6</sup>. Só a partir deste século é que se promoveu artisticamente esta temática na azulejaria, que continuou até à actualidade. Temos a noção que as representações variam consoante o encomendador, reflectindo-se na cenografia para onde vai ser colocado.

---

<sup>3</sup> ESPANCA, 1976.

<sup>4</sup> Apesar de alguns centros ainda terem uma actividade laboral há outros que, por diversos motivos, encerraram o seu ciclo fabril, perdendo-se inúmera documentação. Dos centros de menor dimensão produtiva, a documentação não é, por vezes, valorizada, perdendo-se algumas referências, como por exemplo notas de encomenda, desenhos preliminares de estudos e correspondência de facturação e pagamentos.

<sup>5</sup> Referimos, como exemplo, o apoio dado pelas Fábricas de Cerâmica Viúva Lamego, em Sintra, e Cerâmica Aleluia, em Aveiro.

<sup>6</sup> BORGES, 2006. O culto a S. João de Deus na Bandeira da Misericórdia da Guarda é o mais recuado que consegui localizar até ao presente. Vide levantamento da iconografia de S. João de Deus em Portugal, realizado por BORGES, 2009.

Este projecto teve a sua génese no epicentro azulejar da Casa de Saúde do Telhal e no Hospital S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, propriedade da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. Posteriormente desenvolvemos a realização duma obra total que abarcasse a representação de S. João de Deus na azulejaria em Portugal, criando um roteiro patrimonial.

Sabemos hoje que, muitas vezes, as encomendas eram ofertas de particulares, como aconteceu para os grandes revestimentos das capelas da Casa de Saúde do Telhal e do Hospital Infantil S. João de Deus, em Montemor-o-Novo<sup>7</sup>.

S. João de Deus é Patrono Universal dos Hospitais, dos Doentes e dos Enfermeiros e, em Portugal, dos Bombeiros, da Direcção do Serviço de Saúde Militar, dos Hospitais Militares e da Escola de Serviço de Saúde Militar, para além de diversas Escolas Superiores de Enfermagem e múltiplas instituições privadas relacionadas com a assistência e saúde encontrando-se, por esse motivo, alguns exemplares evocativos do Santo, nesses mesmos locais.

Após o levantamento bibliográfico, procedemos ao registo inventarial, de forma a perpetuarmos, no tempo e no espaço, a sua existência e localização.

De todos os proprietários contactados, assim como dos centros produtores e dos pintores, todos colaboraram neste projecto, respondendo às nossas solicitações e aos pedidos de informação, deixamos aqui expressa a nossa gratidão, pois teria sido impossível realizar o presente trabalho sem a sua ajuda. A recolha de imagens foi alicerçada numa inter-relação, contando com o acervo próprio do autor, de diversos colaboradores e do banco fotográfico de algumas instituições<sup>8</sup>.

Desde o início, entendemos alargar a colaboração a outros investigadores, pois assim teríamos uma visão pluridisciplinar e seria frutuosa a sua experiência académica. A uns não foi possível aceitar o convite formulado, constituindo a equipe final eu próprio, na *coordenação ge-*

---

<sup>7</sup> Informação verbal do Pe. Aires Gameiro, OH.

<sup>8</sup> Museu do Hospital e das Caldas, a quem agradecemos.

*ral, autoria e restantes textos*, o Pe. Doutor Aires Gameiro, OH, para as *fontes iconográficas*, eu e o Doutor Jorge Fonseca, para a *toponímia*.

Por tudo aquilo que vão ter oportunidade de folhear, podemos afirmar que este trabalho é já o embrião do roteiro temático alusivo a S. João de Deus em Portugal, o qual está a ser complementado por mim<sup>9</sup> com o levantamento da sua iconografia na pintura e escultura em território nacional. Concluímos o presente estudo ao fim de longos meses de trabalho, após muitas leituras e análise decorativa sobre o vasto património existente relativo a S. João de Deus.

Esperamos, com este livro, contribuir para um melhor conhecimento de S. João de Deus, que nascido no Alentejo, em Montemor-o-Novo, cerca 1495, desenvolveu e promoveu práticas holísticas universais para com o assistido, dando nova razão de ser ao conceito hospitalar, o qual se mantém até hoje. É este o tema principal que aparece referenciado na azulejaria, destacando-se algumas cenografias, que variam quanto à forma, mas que estão sempre relacionadas no lema do Santo:

***Irmãos, fazei o bem a vós próprios.***

*Augusto Moutinho Borges*

---

<sup>9</sup> Sobre o tema vide Bibliografia.



S. João de Deus na Enfermaria, séc. XVIII, Vendas Novas, Capela do Paço das Passagens.

# Capítulo 1

## AS FONTES ICONOGRÁFICAS

Iniciamos o nosso estudo, sobre *São João de Deus na azulejaria em Portugal*, pelo levantamento artístico referente aos modelos e fontes iconográficas, por onde os mestres e pintores se basearam para realizar as suas obras.

Desde os mais remotos períodos os pintores tiveram, ao seu dispor, representações pictóricas para dar resposta aos desejos das encomendas. Uma vez estas figurações eram entregues pelos próprios encomendadores, outras vezes eram sugeridas pelas representações iconográficas incorporadas nos livros e biografias dos Santos, que circulavam entre os Conventos da Ordem Hospitaleira. Basta, para isso, analisar a quantidade de obras sobre S. João de Deus, para verificar que não seria difícil a sua escolha<sup>1</sup>.

As encomendas azulejares, realizadas sobre S. João de Deus, tiveram as suas fontes representando o Santo, constituindo-se por painéis

---

<sup>1</sup> Vide Bibliografia neste livro, em especial BROCHADO, 1950, e GOMES, 2006.

históricos que decoravam os espaços conventuais da Ordem Hospitalreira<sup>2</sup>, como em Montemor-o-Novo e Lisboa.

As fontes iconográficas têm, genericamente, como centro objectivo da representação azulejar a vida do Santo, ou elementos que imediatamente o relacionam com a prática assistencial dos quais sobressai, entre outros, a cenografia, diversas vezes repetida na actualidade, normalmente associada ao incêndio do Hospital Real de Granada, da autoria de Pomares, em 1928<sup>3</sup> e trazendo o doente ao colo.

Não é só nas estampas que os pintores se basearam para representarem S. João de Deus na azulejaria, sendo comum localizar a inspiração criativa em pinturas e nas esculturas existentes em território nacional. Pelo levantamento que efectuamos sobre o tema, encontramos cópias fiéis na azulejaria dos modelos pictóricos e escultóricos concebidos sobre S. João de Deus<sup>4</sup> ao longo dos séculos.

Vamos, neste capítulo, desenvolver as fontes iconográficas que serviram de base para a azulejaria de S. João de Deus, sob a perspectiva do que nos dizem os seus biógrafos e as suas biografias. Damos uma visão global de quais os modelos que serviram para as oficinas se inspirarem, desde o século XVIII até ao presente, para pintarem no azulejo as narrações alusivas à vida e obra do Santo.

Do vasto leque de estampas, gravuras e motivos decorativos que acompanham as obras impressas somente algumas foram utilizadas. E mesmo destas, muito poucas se projectaram no tempo, deixando de ser específicas de um período artístico, atravessando a perenidade visual associada ao retratado.

Os programas e ciclos iconográficos desenvolvidos, em torno da historiografia joandeína, tiveram as suas origens nas pinturas que ainda

---

<sup>2</sup> Sobre este tema vide a obra de MECO, 1999.

<sup>3</sup> Pintura a óleo sobre tela em diversos núcleos religiosos. Vide BORGES, 2008 e 2009.

<sup>4</sup> Ao contactarmos o pintor Ângelo Manuel Pereira (em 17 de Dezembro de 2008) fomos informados que o próprio se baseou numa escultura do Santo do Mestre Ferreira Thedim, para conceber o painel que se encontra na igreja de N.ª Sr.ª da Graça, no Funchal.

hoje se encontram expostas no Hospital S. João de Deus em Granada<sup>5</sup>. As figurações são baseadas nas leituras da vida santificada da personalidade central, de forma a perpetuar a unidade temática, desenvolvendo-se em núcleos imagéticos que edificaram a apologia modelar do fundador da Ordem da Hospitalidade<sup>6</sup>.

A relação cenográfica dos ciclos tinha por função relatar, pela imagem, o percurso humano e vivencial do português João Cidade. Por tal motivo, imprimiu-se mais intensidade nuns dados momentos da sua vida do que noutros, trazendo mesmo elementos caracterizadores que, para sempre, ficariam associados à sua identidade.

Falamos, concretamente, da coroa de espinhos, sem tonsura como os religiosos, com hábito pardo ou castanho e escapulário joandeíno, que é, muitas vezes, imposto ao Arcanjo S. Rafael o qual surge, nomeadamente, em duas figurações: *A dar o pão retirado dum cesto*, transportado pelo próprio mas que também pode ser levado no regaço do seu escapulário, ou *A ajudar o Santo a transportar um doente aos ombros*.

O que iconograficamente mais identifica S. João de Deus na azulejaria é a *sacola*, o *pão*, o *cajado*, a *bengala*, o *bastão*, o *livro* e o *caldeiro*, entre outros, em vez da *romã* e da *cruz patriarcal*, tal como é representado maioritariamente nas esculturas do século XVII e XVIII.

Na azulejaria do século XX e XXI a sua iconografia está directamente relacionada com o doente. Pode aparecer a *lavar-lhe os pés na enfermaria* (com ou sem o Arcanjo S. Rafael), *ao seu colo*<sup>7</sup> ou *às suas costas*. Estes são os temas levados à exaustão, assim como a representação do *incêndio do Hospital Real de Granada*, inúmeras vezes repetida pelo simbolismo concreto que tem para com os profissionais das Corporações de Bombeiros.

<sup>5</sup> MINGORANCE, 1979, pp. 8, 13-14.

<sup>6</sup> Sugerimos a leitura da vasta obra de LARIOS LARIOS, 2006.

<sup>7</sup> TEDIM, 2006, pp. 220-228. Do Mestre Ferreira Thedim referimos outra imagem: *S. João de Deus com uma criança ao colo e outra pela mão*, localizada no Hospital S. João de Deus em Montemor-o-Novo, modelo que tem sido escolhido pelos montemorenses para a reproduzir em registos.

Em Portugal, sobre S. João de Deus, são conhecidos cinco locais onde se representam alguns painéis dos ciclos do Santo; em Lisboa, no Convento-Hospital S. João de Deus (7 painéis), em Olivença, na Igreja da Madalena (4 painéis), na Capela Termal das Caldas de Monchique (4 painéis), na Capela da Casa de Saúde do Telhal (15 painéis) e na Igreja do Hospital S. João de Deus, em Montemor-o-Novo (9 painéis), sendo as outras figurações em painéis isolados ou em registos.

Pela análise geral do tema, concluímos que não há um estereótipo único para a representação de S. João de Deus. Variam os temas perante o espaço arquitectónico, consoante a encomenda ou as efemérides a evocar<sup>8</sup>.

## Historiografia e temas iconográficos

Procuramos fazer uma breve síntese das fontes da iconografia de S. João de Deus, independentemente dos tipos de base utilizados posteriormente para os ícones que conhecemos.

Para um retrato objectivo e carismático do Santo da hospitalidade universal e da sua Ordem Hospitaleira temos hoje, por ordem cronológica, várias fontes fundamentais que apresentamos<sup>9</sup>.

Antes, porém, damos o perfil biográfico de S. João de Deus e os traços mais salientes da sua época. Natural de Montemor-o-Novo, onde,

---

<sup>8</sup> Em Olivença, na Capela de S. João de Deus, em virtude do Santo ser patrono do Regimento de Cavalaria Real, o fecho decorativo culmina com a heráldica régia nacional. Curiosa é a colocação da simbólica da Ordem Hospitaleira, com ramos de romã e do luzeiro (estrela) em talha entrelaçados ao longo do retábulo.

<sup>9</sup> Seguimos o trabalho de GAMEIRO, 1997, pp. 117-135. Entrada de Aires Gameiro.

segundo a tradição, nasceu em 1495<sup>10</sup>, ou dois ou três anos antes, foi levado aos oito anos, sem os seus pais o saberem, para a cidade de Oropesa, em Espanha.

Foi pastor, por cerca de vinte anos até que, alistando-se como soldado, combateu em Fuenterrabia, em 1523, contra a França. Mais tarde, em 1532, tomou parte na campanha da defesa de Viena contra os Turcos. No regresso por La Corunha, em 1533, quis visitar os seus pais em Montemor. Por breve tempo foi de novo pastor por terras de Sevilha, em 1534, e viveu em Ceuta e Gibraltar de 1535 a 1536, antes de se fixar em Granada em 1537.

Por volta de 1538-1539 converteu-se a Cristo de forma espectacular. Considerado louco, teve uma breve estada no Hospital Real de Granada. Ao sair fez uma peregrinação a Guadalupe, iniciando a sua vida de hospitalidade a doentes e pobres em abrigos precários. Em 1540 dispõe já do seu primeiro hospital, na Rua Lucena, o qual, pelo ano de 1541, muda para o *Hospital de los Gomeles*, aumentando de 120 para 200 assistidos. Como também ali “nem cabiam de pé” (FC, XII), fizeram-se diligências, em 1542, para construção de outro hospital.

Em 1544 inicia-se a sua construção junto à Porta de S. Jerónimo. Por estes anos escreve algumas das suas *cartas* e, em 1548, assiste ao funeral de um dos seus confessores, o Pe. Domingos de Alvarado (6 de Abril).

No mesmo ano visita a corte em Valladolid e assina um recibo em Granada (6 de Dezembro) com as suas três letras sigladas.

Em 1549 salva os doentes do incêndio do Hospital Real (3 de Julho) e Brás Ortiz, cónego da catedral de Toledo, publica uma notícia, de cerca de uma página, sobre ele e o seu hospital.

---

<sup>10</sup> Segundo a cronologia estabelecida por Giuseppe Magliozzi, S. João de Deus teria nascido em 1492 (MAGLIOZZI, 1992, pp. 106-108). Já mais recentemente, este autor estabeleceu uma cronologia corrigida que tem em conta o *Documento Pleito (Vita Ospedaliera*, Julho-Agosto, 1994, pp. 6-7, Setembro de 1994, pp. 4-5 e 9, *Hospitalidade*, n.º 59, Janeiro-Fevereiro de 1995, pp. 9-10).

João de Deus, no Inverno de 1549, e já muito doente, deixa a III Carta à Duquesa de Sesá por acabar, e morre a 8 de Março de 1550 na Casa de los Pisas.

Em 14 de Agosto 1553 os doentes são mudados para o Hospital de João de Deus, à Porta de S. Jerónimo. Após o processo da causa dos Santos, é beatificado em 1630 e canonizado em 1690.

A época de S. João de Deus punha desafios de declínio religioso e moral, dentro e fora da Igreja, aceites por movimentos espirituais contemplativos, devoções ao alcance de todos, práticas penitenciais com alguns extremismos; e iniciativas de irmandades de misericórdia a favor de pobres e doentes.

O Santo marcou a sua vida e experiências com os problemas e os acontecimentos da Europa e do mundo em que viveu, de 1495 a 1550: guerra entre a Espanha e a França, guerra entre a Cristandade e o mundo muçulmano em Viena, lutas religiosas entre a Reforma e a Contra-Reforma e nos esforços de Portugal em Ceuta por ocupar terras do maometismo.

Termina a sua vida de hospitalidade para com os pobres e doentes, quando o Concílio de Trento se encontra no impasse entre a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> Sessão. Tinham morrido recentemente Henrique VIII de Inglaterra (Janeiro de 1547) e Francisco I de França (Julho de 1547) e, um ano antes, Martinho Lutero.

## **As seis cartas do Santo (cerca de 1544-1550)**

As seis cartas do Santo, que chegaram até nós, “são autênticas, pois transmitem-nos as palavras e o pensamento de S. João de Deus”. Conservam-se os originais de quatro delas, não autografadas mas escritas por escrivão, como se fazia na época. A assinatura é constituída pelas

três letras que aparecem nas quatro cartas originais, num recibo assinado por S. João de Deus em Granada, a 6 de Dezembro de 1548, e num documento, recentemente descoberto, a assinatura completa, de 5 de Maio de 1542<sup>11</sup>:



Assinatura de 5 de Agosto de 1542



Siglas de S. João de Deus retiradas das suas Cartas

As três letras da sigla de João de Deus (YFO) têm sido objecto de muitas interpretações e expressões iconográficas. São interpretadas pelo Santo como “mis armas” pessoais e a cada letra é dado sentido de uma virtude teologal, fé, esperança e caridade (cf. 3 DS)<sup>12</sup>.

Vamos desenvolver o nosso estudo sucessivamente nos três primeiros biógrafos de S. João de Deus: Francisco de Castro, Dionísio Celi e António de Gouveia.

Muitos dos episódios e narrativas dos biógrafos são confirmados pelas declarações juradas das testemunhas do Processo de Beatificação.

Gómez-Moreno<sup>13</sup>, realizou uma investigação profunda que constituiu um marco significativo e introdução esclarecedora dos procedimentos dos dois processos, o *ordinário* e o *apostólico* e a sua avaliação

<sup>11</sup> GAMEIRO, 1997, p. 120.

<sup>12</sup> A interpretação destas iniciais “Yfo” continua a ser campo de hipóteses e conjecturas. A mais recente é proposta por FONSECA, 2007, pp. 221-234 (específicas pp. 232-234) como sendo a abreviatura de João, J + o com a cruz ao meio.

<sup>13</sup> GÓMEZ-MORENO, 1950, pp. 179-191.

histórica. A selecção que fez das respostas das testemunhas, e a sua classificação por temas, a que deu o nome de *Floreto*, constituem um criterioso guião para a leitura e a consulta<sup>14</sup>, assim como para os estudos de outros dois autores que fizeram pesquisa sobre o Processo de Beatificação<sup>15</sup>: Matias Mina e Sánchez Martínez.

O nosso objectivo, com estas referências, não é decidir o que é mais ou menos histórico. Apenas desejamos sublinhar as escolhas e a relevância dada a alguns episódios.

Fica assim abrangido um maior número de temáticas e narrações, pois foi nestas figurações literárias que os artistas, e os devotos se inspiraram para a realização de estampas, gravuras, pinturas, azulejos e esculturas, alusivas à vida e obra de S. João de Deus.

António Gouveia declara no “Prólogo ao Leitor Cristão” que recorreu, além de outras fontes, a Francisco de Castro, pois a todos os biógrafos deu “matéria e a ele muita luz para esta empresa”, dizendo que “reduziu a breve história ... as informações e palavras” das 470 testemunhas dos processos ordinários de beatificação, para elaborar a biografia do Santo.

Destas figurações, apenas algumas gravuras foram realizadas, as quais ainda hoje constituem invariável fonte de inspiração aos pintores para representarem, na azulejaria, momentos da vida do Santo.

Na sua obra há muitas influências de Dionísio Celi. Recordamos que foi o livro adulterado de Dionísio Celi que serviu para redigir as questões a colocar às testemunhas do Processo de Beatificação.

### ***Biografia do Santo escrita por Francisco de Castro, 1579-1582***

*História dela vida y sanctas obras de Juã de Dios, y de la instituciõ de su ordẽ, y principio de su hospital. Compuesta por el Maestro Frã-cisco de Castro Sacerdote Rector del mismo hospital S. Juã de Dios,*

<sup>14</sup> Idem, 1950, pp. 193-320.

<sup>15</sup> MINA, 1994 e MARTÍNEZ, 1995, ver a valiosa introdução ao Processo de Beatificação, pp. 190-203, deste segundo autor.

*Granada Dirigida al illustrissimo señor Don Iuan Mendez de Salva-tierra Arçobispo de Granada con privilegio en Granada, en casa de Antonio de Librixa. Año de MDLXXXV*

Esta biografia de S. João de Deus, da autoria de Francisco de Castro, foi escrita entre 1579-1582 e publicada em 1585, após a morte do autor, a pedido da sua mãe. Tem o mérito de ser a primeira biografia do Santo, no tempo, na garantia e credibilidade histórica. Foi avalizada por Manuel Gómez-Moreno<sup>16</sup>, por Gabriel Russotto<sup>17</sup> e, mais recentemente, por José Sánchez-Martínez<sup>18</sup>.

A obra de Francisco de Castro ainda hoje é considerada a melhor biografia do ponto de vista histórico e literário, mas mais ainda como interpretação teológico-espiritual, superando, sem comparação possível, as duas que se seguiram.

***Biografia de Dionísio Celi*, 1617 (1621)**

*MIRACULOSA VIDA Y SANTAS OBRAS DEL Beato Patriarca Iuan de Dios Lusitano, fundador de la Sagrada Religión que cura enfermos. Compuesta por el Maestro Francisco de Castro [Dionísio Celi]. Aora nuevamente añadida y enmendada por un Religioso de la misma Orden. En Burgos, en casa de Ioseph de Mena 1621.*

É a segunda biografia do Santo datada de 1617 e publicada em 1621.

Dionísio Celi, prior do Hospital de S. João de Deus de Granada foi o seu autor mas de forma duplamente fraudulenta: alterou a obra de Castro, deixando nela o nome mas atribui-a a si mesmo publicando a carta de Dom Aleixo de Meneses em resposta a uma dele, e na dedicatória ao Pe. Frei Pedro Egipcíaco, Geral da Ordem.

O livro já estava em redacção em 1617, como se pode verificar pela referida carta, publicada no início. Como obra fraudulenta e adulterada

<sup>16</sup> GÓMEZ-MORENO, 1950, pp. 322-323.

<sup>17</sup> RUSSOTO, 1969.

<sup>18</sup> MARTÍNEZ, 1996.

intercala na narração de Castro, sóbria e crítica, inúmeras páginas de episódios miraculosos<sup>19</sup>.

Dionísio Celi, apesar de não oferecer confiança com a sua biografia, veio influenciar as biografias posteriores, pelo facto de lhe ser atribuída a autoria principal do questionário do processo ordinário de beatificação, respondido nas várias dioceses e as questões, do mesmo, serem tiradas do seu livro.

Deu-se por isso uma contaminação do maravilhoso entre o autor, o livro, o processo e as testemunhas, com algumas das suas respostas induzidas pelas questões.

### ***Biografia por António de Gouveia, 1624***

*Vida y Mverte del Bendito P Ivan de Dios, fundador de la ordê de la hospitalidad de los pobres ãfermos. Al Exmo. Sr. D. Dvarte, Marques de Frechilla. D. F. Antonio de Govea – opõ. De Cirene visitador Apos.<sup>co</sup> en Persia del Consejo de Su Mag.<sup>d</sup> y Su Predicador por la Corona de Portugal. Madrid, por Thomas Iuiiti, Impressor del Rey, MDCXXIII.*

O terceiro biógrafo de S. João de Deus, António Gouveia<sup>20</sup>, publicou a sua obra em 1624, quando o processo de beatificação ordinário tinha terminado e ia decorrer o processo apostólico.

António de Gouveia integrou na sua biografia, sem crítica, grande parte do material das respostas do processo, servindo-se do livro de Dionísio Celi, sem porém o dizer, como pensam Gabriel Russotto, Manuel Gómez-Moreno e Sánchez Martínez.

Baseia-se, segundo ele diz, nos 460 testemunhos do processo de beatificação, mas peca por falta de crítica e por se ter deixado influen-

---

<sup>19</sup> Esta biografia por ter avolumado o maravilhoso de forma barroca e acrítica e se ter servido, abusivamente, do nome e aprovações da obra de Francisco de Castro, quase não teve outras edições. Ver recente apresentação crítica por MAGLIOZZI, 1995, pp. 43-45. Este historiador defende que nem tudo o que ele acrescentou a Castro é de rejeitar *a priori* e sem exame crítico.

<sup>20</sup> Ver resumo da sua vida em ANDRADE, 1995, pp. 46-50.

ciar pela biografia fraudulenta de Dionísio Celi. Os historiógrafos são unânimes em reconhecer que na obra de António de Gouveia há muitas influências cruzadas de Dionísio Celi.

Gouveia publica no final, pela primeira vez, cinco das seis cartas de S. João de Deus, tomadas do processo e as três que S. João de Ávila dirigiu ao Santo (a II Carta à Duquesa de Sesa não era conhecida). Esta biografia teve inúmeras edições, traduções e adaptações em várias línguas.

A edição de 1659 tornou-se um marco na iconografia do Santo, por integrar gravuras com cenas de episódios da sua vida. Os desenhos são atribuídos, por Larios Larios<sup>21</sup>, a Francisco Fernandes e as gravuras, num total de trinta e cinco, aos seguintes artistas<sup>22</sup>:

a) de Pedro de Villafranca são quinze gravuras:

**1.** *Nascimento em Montemor[-o-Novo]*; **2.** *Pastor em Oropesa*; **3.** *Aparição da Virgem em Fuenterrabia*; **4.** *Regresso da Hungria*; **5.** *Aparição do Menino Jesus*; **6.** *Prodígio em Fuenteovejuna*; **7.** *Assistido por São Rafael*; **8.** *Visão celestial em Guadalupe*; **9.** *Lava os pés a Cristo*; **10.** *Conversão de mulheres públicas*; **11.** *Afugenta o demónio com oração*; **12.** *Iluminado pelos anjos*; **13.** *Prodígio em casa do genovês*; **14.** *Assistido pela Virgem e Santos no leito de morte*; **15.** *Cura de uma mulher em Málaga e conversão de um mouro.*

b) a Juan de Noort ficaram a dever-se as quinze seguintes:

**16.** *Tormenta no Estreito*; **17.** *Conversão de Granada*; **18.** *No Hospital Real de Granada*; **19.** *Prodígio em Guadalupe*; **20.** *Coroado de espinhos no Sacrário de Granada*; **21.** *Veste meninos nus*; **22.** *Conversão de Antão Martín*; **23.** *Assistido por anjos*; **24.** *Esbofetado por um jovem*; **25.** *Roubo do burro*; **26.** *Confessa-se ao Arcebispo*; **27.** *Morre de joelhos*; **28.** *Venerável Pedro Pecador*; **29.** *Venerável João Pecador*; **30.** *Confirmação da Ordem por Paulo V.*

<sup>21</sup> LARIOS LARIOS, 1979, pp. 56-57.

<sup>22</sup> Vide AZEVEDO, 2006, p. 207.

c) a Herman Panneels ficaram a dever-se, finalmente, as cinco gravuras:

**31.** *Cura de uma mulher em Oropesa*; **32.** *Conversão de Simão de Ávila*; **33.** *Incêndio do Hospital Real de Granada*; **34.** *Prodígio do morto sem sacramentos*; **35.** *Enterro em Granada*.

***Biografia pelo Pe. Manuel de Trinchería, 1773***

*PASMOSA VIDA, HEROYCAS VIRTUDES, Y SINGULARES MILAGROS DEL ABRAHAN DE LA LEY DE GRACIA, PATRIARCA, Y FUNDADOR DE LA SAGRADA RELIGION HOSPITALARIA EL GLORIOSO SAN JUAN DE DIOS. SÁCALA A LUZ, y la consagra à su paternal amor, como agradecido hijo, [...] SU AUTOR El Padre Manuel Trinchería, de los Clerigos Menores, [...] MADRID MDCCLXXIII. Por D. Joachin Ibarra, Impressor de Cámara de S.M.*

O título desta obra traduz o estilo barroco do seu conteúdo.

Esta biografia, no dizer de Gómez-Moreno<sup>23</sup>, não vem acrescentar elementos novos às biografias já apresentadas, “não ensina nada de novo” e no seu “ultra barroquismo”<sup>24</sup> está cheio de “insignificâncias” e episódios do processo de beatificação que António de Gouveia desvalorizou, e por isso pode ser considerado “lenda indigesta”.

A razão da sua inclusão, nesta síntese de fontes, está no facto de inserir as 34 gravuras que constam da edição de António de Gouveia de 1659. A obra teve uma segunda edição (Madrid, 1829) igualmente com as mesmas gravuras.

<sup>23</sup> GÓMEZ-MORENO, 1950, p. 342.

<sup>24</sup> Idem, p. 338.

## **As fontes iconográficas. Estampas, pintura e escultura**

Ao lermos a entrada que precede a que agora escrevemos, ficamos cientes da fundamentação descritiva que levou os artistas a reproduzir em desenhos, pintura e escultura os momentos mais significativos da biografia de S. João de Deus.

Os motivos históricos foram bem alicerçados para enriquecimento das obras de Dionísio Celi, Fr. António de Gouveia e Pe. Manuel Trinchería, tal como tivemos já oportunidade de analisar, com ou sem reedições, e que chegaram aos nossos dias como modelos artísticos inspiradores de novas cenografias estéticas.

Se a base inicial para a difusão de conhecimento, concreto e real do Santo, foi através da escrita, esta constitui o embrião para as figurações evocativas do seu quotidiano e das mais emblemáticas alusões à assistência em terras do al-Andaluz. As representações seguem esquemas programáticos ao gosto dos encomendadores.

Em primeiro lugar a arte decorativa, em torno de S. João de Deus, teve como objectivo o revestimento dos grandes claustros do Hospital de S. João de Deus, em Granada (1540), que posteriormente se alarga e se projecta a outros núcleos hospitalares do reino espanhol.

A temática continua a valorizar, tal como na escrita, os momentos que serviram de base para o Processo de Beatificação (1630) e da Canonização (1690), para além de outros aspectos onde se procura, pela imagem, exaltar as virtudes de João de Deus.

Em Portugal a representação mais antiga do Santo encontra-se na Bandeira da Misericórdia da Guarda<sup>25</sup>, com data de 1608 e pintada por Simão Lopes. Para a história cronológica deste facto, analisamos

---

<sup>25</sup> BORGES, 2007, p. 293.

o testemunho, no Processo de Beatificação, de Francisco Fernandes, natural da Guarda e mestre de *abanicos* (leques). Questionamos até que ponto a figuração do Santo na referida Bandeira não está interligada com a mesma pessoa, sendo o referido testemunho responsável pelo culto de S. João de Deus na cidade.

A Bandeira em análise serve de modelo a dois registos azulejares do século XX<sup>26</sup>, onde vemos o Santo totalmente rebaixado com o Menino Jesus aos ombros, tal como se representa na gravura de Pedro de Villafranca<sup>27</sup> “*Aparição do Menino e ao fundo, o Santo leva-o aos ombros*”.

A sua representação iconográfica, desde o século XVII até à actualidade, depressa extravasou o suporte fixo do papel, da tela, da madeira, em parede (pintura a fresco), cobre, vidro e azulejo, passando também a ser reproduzido em escultura, concebida em diferentes materiais como madeira, pedra e terracota, independentemente das suas dimensões<sup>28</sup>.

O processo evolutivo das figurações pode ser definido da seguinte forma:

**1.º** *A representação da vida e obra de S. João de Deus é baseada nos testemunhos do Processo de Beatificação e do Processo de Canonização;*

**2.º** *Numa primeira fase a iconografia do Santo é em desenho e pintura;*

**3.º** *Posteriormente, e com base nas figurações pictóricas, são concebidas e realizadas esculturas. Referenciamos que surgem situações de extrema criatividade escultórica, dando como exemplo os trabalhos “S. João de Deus ampara o doente” de Filippo de la Valla<sup>29</sup>, de 1745,*

---

<sup>26</sup> Na Farmácia e no Hospital da SCM da Guarda.

<sup>27</sup> Para melhor análise das fontes iconográficas de S. João de Deus, vide AZEVEDO, 2006, pp. 201-219.

<sup>28</sup> Sobre a iconografia de S. João de Deus em Portugal, vide BORGES, 2007 e BORGES, 2009.

<sup>29</sup> Em Portugal há uma réplica escultórica em madeira estofada e policromada no Museu da SCM de Castelo Branco. Vide BORGES, 2007, p. 299 e BORGES, 2009, p. 42.

“S. João de Deus com o menino ao colo” de Agapito Valmitjana, de 1891<sup>30</sup> e “S. João de Deus com o doente ao colo” da autoria do Mestre José Ferreira Thedim, de 1927;

4.º As esculturas de referência artística e arquétipos conceituais da assistência, servem de modelos para novas representações pictóricas que posteriormente se divulgaram em estampas avulsas ou impressas em livros, revistas e opúsculos, mas também em litografias e quadros, projectando a figuração de S. João de Deus<sup>31</sup> pela Europa.

Grosso modo, estes quatro momentos que definimos, caracterizam os modelos onde os mestres e pintores da azulejaria, se basearam para conceber as figurações e os cenários para pintar as encomendas solicitadas.

As primeiras representações azulejares em Portugal do Santo, são constituídas pelo conjunto de sete painéis no Convento-Hospital de S. João de Deus, em Lisboa<sup>32</sup>, seguindo-se o revestimento, com quatro motivos num único plano, da Capela de S. João de Deus na Igreja da Madalena<sup>33</sup>, em Olivença. Localizamos também painéis integrados noutros conjuntos azulejares tanto nas Caldas da Rainha como em Vendas Novas.

Outra cenografia muito reproduzida é a que alude ao incêndio do Hospital Real de Granada, ocorrido em 1548. As figurações azulejares baseiam-se na tela de Luís Palomares, de 1928, como já referimos.

As reproduções tanto se fazem na totalidade do quadro ou no pormenor central da cena salientando-se, do todo, o tema do Santo com o

---

<sup>30</sup> Encontra-se no Hospital S. João de Deus em Barcelona. Vide *Arte e cultura nell'Ordine...*, p. 419.

<sup>31</sup> Desde 1950 até ao presente a escultura do Mestre Ferreira Thedim, de 1928 “S. João de Deus com o doente ao colo”, tem sido objecto de diversas reproduções litográficas, motivo que promove a sua difusão e apropriação iconográfica para a feitura azulejar, principalmente sob a forma de registos.

<sup>32</sup> As gravuras são da responsabilidade de Pedro de Villafranca.

<sup>33</sup> Idem.

velho ao colo<sup>34</sup>, do doente que se lhe ampara no braço direito<sup>35</sup> e do jovem que aponta o rumo a seguir com se fosse o guia, ou com o Menino Jesus a confirmar o vaticínio de que Granada seria a sua cruz.

Em virtude do Santo ser o Patrono de algumas Corporações de Bombeiros portugueses<sup>36</sup> a representação do incêndio surge em alguns Quartéis de Bombeiros, como o de Montemor-o-Novo.

No século XX, entre 1950-1952, afirmaram-se dois grandes centros da iconografia joandeina, primeiro na Casa de Saúde do Telhal, em Mem-Martins, Sintra, e posteriormente no Hospital Infantil de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo. O centro produtor foi a Fábrica de Sant'Anna, em Lisboa, sob a mestria pictórica e responsabilidade cenográfica do Mestre Rogério do Amaral, inspirados nos desenhos e na iconoteca da obra de António de Gouveia, 1659, e de Manuel de Trinchera, 1773.

Também no século XX, os Mestres Jorge Colaço e Leopoldo Battistini, imprimiram às suas obras um cunho pessoal, não deixando, no entanto, de estarem prisioneiros das gravuras das obras citadas, tal como é visível nos painéis históricos que nos deixaram no Hospital da Misericórdia de Lamego (Jorge Colaço), na Capela das Caldas de Monchique e nos Paços do Concelho de Montemor-o-Novo (Leopoldo Battistini).

Os modelos das gravuras das biografias continuam a ser a grande referência para os Mestres e Pintores até à actualidade. No entanto adaptaram técnicas e novos conceitos estéticos às figurações do passado, tal como Mestre Lino António fez no seu painel para a Escola Primária do Hospital Infantil de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, tendo como patrono a Fundação Calouste Gulbenkian.

Vamos pois analisar a iconoteca das pinturas e também as esculturas que serviram de base e modelo para se reproduzirem em azulejo as figurações de S. João de Deus, e se encontram em território nacio-

<sup>34</sup> Conjunto muito similar ao desenho de Alexandro Cardunets, de 1908.

<sup>35</sup> Alusão à obra de Filippo de la Valla, de 1745.

<sup>36</sup> Desde o Congresso Nacional dos Bombeiros Portugueses realizado em Sintra, em 1982, que S. João de Deus e S. Marçal são co-patronos dos bombeiros portugueses.

nal. Além das estampas referidas, impressas nos livros discriminados, encontra-se, na Biblioteca Nacional de Portugal, vasta colecção de gravuras avulsas<sup>37</sup>, que também serviram de base para diversas figurações azulejares.

---

<sup>37</sup> BORGES, 2009.



S. João de Deus fundador da Ordem da Hospitalidade, séc. XX (1934),  
Lamego, Hospital da Misericórdia.

## Capítulo 2

# AZULEJARIA DE S. JOÃO DE DEUS EM PORTUGAL

S. João de Deus em virtude de estar inter-relacionado com a assistência Hospitalar, por ter fundado a Ordem Hospitaleira de seu nome, e da sua perenidade ter chegado até aos nossos dias em constante intervenção com a sociedade ressalta, para o nosso estudo, o revestimento azulejar existente em torno da complexidade artística e patrimonial da instituição religiosa sua continuadora<sup>1</sup>.

Numa fase inicial, a difusão azulejar nos edifícios da Ordem Hospitaleira, em Portugal, teve o seu epicentro em Montemor-o-Novo, terra natal de João Cidade, na qual, em 1606, se construiu um oratório no local onde outrora fora a casa paterna do Santo.

Fazendo uma análise crítica, sobre os temas e representações existentes no antigo Convento de S. João de Deus<sup>2</sup>, encontramos a utilização de diversos elementos, realçando-se os motivos policromados

---

<sup>1</sup> BORGES, 2005, n.º 269 e 270, pp. 33-35.

<sup>2</sup> Para mais complemento vide LAMEIRA, 2006, pp. 129-173.

atapetados do corpo da igreja e os painéis estilizados da capela-mor. No corpo da igreja, na primeira capela lateral esquerda, chama especial atenção a existência do que seria um frontal de altar, entretanto desmantelado.

O que encontramos em Montemor-o-Novo, nos séculos XVII a XIX, é, invariavelmente, um gosto comum ao restante património religioso existente na região, não se comparando com as representações históricas da vida e obra do Santo, existente no átrio do Convento-Hospital de Lisboa, sito na Rua das Janelas Verdes, à Pampulha, em Lisboa. Aqui, deparamo-nos com um valioso conjunto artístico, o qual pode ser dividido em três grupos distintos: o átrio já referido, as escadarias e corredores e o revestimento da varanda nobre, voltada ao Tejo. Os autores das gravuras são Pedro de Villafranca, Juan de Noort e Herman Panneels<sup>3</sup>.

Realça neste conjunto um lambrim com albarradas, localizado no corredor nobre, e que estaria noutra local, assim como os restantes lambrins monocromáticos (azul sobre fundo branco) que revestem as escadarias.

Estes núcleos constituem, a nível nacional, o que de melhor representa a arte azulejar sobre S. João de Deus, durante os séculos XVII e XVIII, enriquecida com o painel do *Lava-pés ao pobre que se transfigurou em Cristo*, que está no Hospital Termal das Caldas da Rainha<sup>4</sup>, de *S. João de Deus com o doente na enfermaria*, localizado na Capela Real do Paço das Passagens, em Vendas Novas<sup>5</sup>, e da Capela de S. João de Deus existente na Igreja da Madalena, em Olivença, representando quatro passos da vida do Santo.

Até ao presente chegaram-nos também testemunhos, directos e indirectos, da aplicação azulejar nos átrios de entrada, escadarias nobres, corredores e rodapés, tal como presenciamos no Convento-Hospital de S. João de Deus em Elvas e no Real Hospital Militar de S. João de Deus,

<sup>3</sup> AZEVEDO, 2006, pp. 200-219.

<sup>4</sup> MACHADO, 1987.

<sup>5</sup> BORGES, 2009, p. 136.

no Castelo de S. Jorge, em Lisboa. Deste último recebemos a informação oral, dos arqueólogos responsáveis pelas escavações locais, que “aquando da campanha arqueológica, encontravam-se no chão painéis monocromáticos, com a tipologia de desenhos geométricos repetitivos, prontos para serem aplicados num corredor”<sup>6</sup>.

Após a exclausuração de 1834, os frades hospitaleiros tiveram de abandonar os seus Conventos-Hospitais e Reais Hospitais Militares, onde exerciam funções assistenciais e administrativas, perdendo-se o rasto das aplicações artísticas das artes decorativas, sob nítida influência dos Irmãos Hospitaleiros.

Em 1890, deu-se novo impulso artístico com o regresso da Ordem Hospitaleira pela mão do Pe. Bento Menni, quando se instalou, temporariamente, em Aldeia da Ponte, concelho de Sabugal, e, definitivamente, na Quinta do Telhal, concelho de Sintra, em 1893.

A arte azulejar na Ordem Hospitaleira de S. João de Deus teve, no século XX, o seu auge aquando das comemorações do *IV Centenário da Morte de S. João de Deus*, em 1950. Datam dessa altura os magníficos painéis historiados pela mão artística do Mestre Rogério do Amaral, da Fábrica de Sant’Anna, e que podem ser admirados nas capelas da Casa de Saúde do Telhal e do Hospital S. João de Deus, em Montemor-o-Novo.

O património artístico e cultural da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal está, entre outros, directamente relacionado com a cerâmica de revestimento, ou seja, com a azulejaria.

Entretanto, não podemos deixar de referenciar nomes consagrados desta arte nacional, que pintaram o Santo, tais como Mestre Teixeira

---

<sup>6</sup> MESTRE; GASPAR e GOMES, 2002, pp. 133-139, com fotografias específicas na p. 138. Também no Real Hospital Militar de Évora se encontram exemplares azulejares no átrio de entrada e escadaria nobre, que teriam como objectivo específico questões higienistas, e não decorativas. Eventualmente poderia ser uma tentativa de embelezamento, à semelhança do Convento-Hospital da Pampulha, em Lisboa. Doutrous exemplares arquitectónicos não temos referência, supondo que em Moura também poderiam ter existido azulejos decorativos, mas que obras de intervenção orgânica retiraram todo e qualquer vestígio desse elemento cerâmico.

Lopes (Pai), Jorge Colaço, Leopoldo Battistini e Lino António, que nos legaram obras de inigualável valor pictórico e concepção artística mas também de rara beleza cromática.

Em Portugal encontramos outras representações iconográficas do Santo, em pintura sobre azulejaria, *a fresco* e em tela do *lava-pés a Cristo*. Em azulejo, a figuração mais recuada sobre este tema é a existente no Hospital Termal das Caldas da Rainha, 1747-1750<sup>7</sup>, precedida pelo registo que se encontra na Casa de Saúde do Telhal, de 1908, da autoria de Teixeira Lopes (Pai) e confeccionada na *Fábrica de Cerâmica das Devesas*, em Vila Nova de Gaia.

No caso concreto do *lava-pés* vemos a utilização da lavanda e do gomil (reservados apenas a alguns dignitários), o que desde logo caracteriza a qualidade hospitaleira do Santo que tratava a todos por igual, tal como era prática nos seus hospitais.

Em 1950, a quando das apoteóticas comemorações do IV Centenário da Morte de S. João de Deus, foi inaugurada a capela da Casa de Saúde do Telhal, tendo-se forrado os laterais do templo com painéis emoldurados com a vida e obra do Santo, feitura da Fábrica de Sant'Anna e tendo o Mestre Rogério do Amaral executado a pintura.

Foi a mesma Fábrica e o mesmo Mestre que, em 1953, pintaram e revestiram de azulejo a capela do Hospital Infantil S. João de Deus, em Montemor-o-Novo<sup>8</sup>. Nas capelas referidas, encontramos a representação da sua vida, tendo como modelo estereotipado a cenografia da obra de António de Gouveia<sup>9</sup> e de Manuel Trinchería<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> MACHADO, 1987, p. 82.

<sup>8</sup> O conjunto azulejar não está assinado, apenas com a identificação fabril, mas comparando os elementos decorativos e pictóricos, para além do contacto com a fábrica nos referir que nesta altura as obras de grande responsabilidade eram da autoria do Mestre Rogério do Amaral podemos atribuir-lhe uma autoria. Também a artista, pintura de azulejo, Etelvina Santos, natural de Montemor-o-Novo, me confirmou que o Mestre lhe transmitiu que foi o autor da referida obra.

<sup>9</sup> GOUVEIA, 1659.

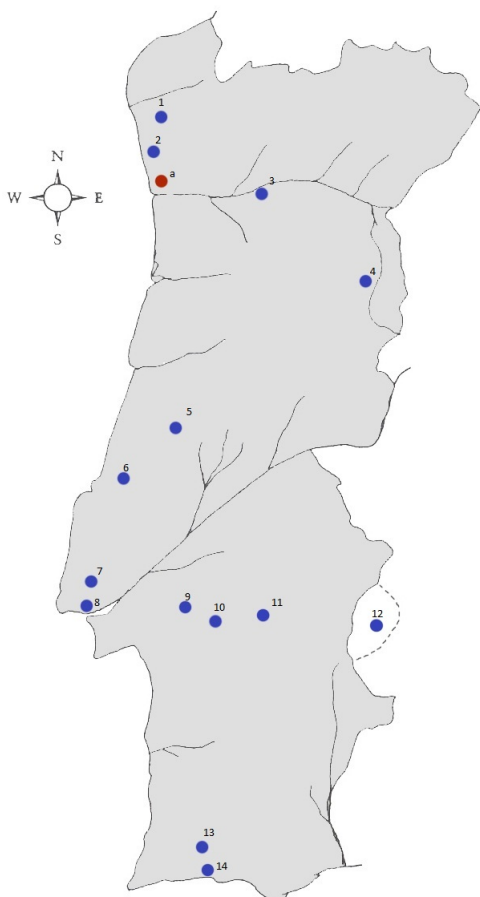
<sup>10</sup> TRINCHERÍA, 1773.

No presente, percorrendo as unidades dos Centros Assistenciais do Instituto S. João de Deus, encontramos elementos azulejares que decoram os espaços comuns, nomeadamente os átrios de entrada, corredores, escadas, salas de estar e refeitórios.

Os elementos artísticos utilizados são constituídos pelo que normalmente se adquiria para este género decorativo, pasta vidrada monocromática, normalmente a branco, com remate estampilhado ou em relevo vidrado, não tendo os motivos decorativos a ver com a Instituição, mas sim com o gosto utilizado na arquitectura da época. Datam desse período os azulejos estampilhados, formando lambrins separadores, entre a pasta azulejar e o estuque pintado.

Mais tarde, e já nas décadas de 80/90, assistimos ao proliferar de peças unitárias com a simbologia da Ordem Hospitaleira, isto é, a romã estilizada, mas muito expressiva, podendo ser muito decorada, pouco decorada ou simples. O objectivo destes elementos singulares varia consoante as funções atribuídas, podendo ter uma aplicação diferente da sua encomenda, mas sempre com o atributo de louvar S. João de Deus.

Os exemplos da arte azulejar em Portugal podem ser encontrados em Igrejas, Capelas, Comunidades de Irmãos Hospitaleiros, Casas de Saúde, Hospitais, Quartéis, Monumentos e espaços privados.

**Legenda**

**1 – Barcelos**, Casa de Saúde S. João de Deus

**2 – Fão**, Hospital da Misericórdia

**3 – Lamego**, Hospital da Misericórdia

**4 – Guarda**, Farmácia da Misericórdia, Hospital da Misericórdia

**5 – Fátima**, Residência S. João de Deus

**6 – Caldas da Rainha**, Museu do Hospital e das Caldas

**7 – Telhal**, Casa de Saúde do Telhal

**8 – Lisboa**, Convento-Hospital de S. João de Deus, Hospital Militar de Belém, Hospital de S. José, Sede da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus

- 9 – Vendas Novas**, Paço das Passagens, Capela Real
- 10 – Évora**, Centro de Saúde Militar
- 11 – Montemor-o-Novo**, Hospital de S. João de Deus, Paços do Concelho, Bombeiros Voluntários, Centro urbano
- 12 – Olivença**, Igreja da Madalena
- 13 – Monchique**, Capela Termal
- 14 – Portimão**, Monumento a S. João de Deus
- a – Folgosa da Maia**, Casa do Abade de Lordelo do Ouro.

## Século XVII

A azulejaria do século XVII sobre S. João de Deus é, até ao presente, inexistente em Portugal. Temos de referir que a Ordem Hospitaleira se fixou em Montemor-o-Novo a partir de 1606, começando a construir aí um oratório, que rapidamente se transformou em Convento-Hospital. Essencialmente a azulejaria é, na igreja, de revestimento decorativo e de revestimento avulso e funções higienistas, na *enfermaria velha*<sup>11</sup>.

Os azulejos da igreja são comuns na sua constituição, denominados azulejos de repetição, sendo uns monocromáticos ou policromáticos, em azul e amarelo. Destaque para os vestígios de um frontal de altar deste século, localizado na Capela de S. João Baptista.

Na *enfermaria velha* realçamos os azulejos avulsos que foram aplicados ao longo das paredes, com altura de 1,60 m. Tinham por função tornar o espaço mais facilmente lavável. Nenhum dos elementos representados alude à heráldica da Ordem Hospitaleira, apesar de em alguns azulejos figurar a romã.

---

<sup>11</sup> FONSECA, 2009, p. 103. Expressão utilizada para se diferenciar da *Enfermaria Nova*, edificada em 1676 e concluída em 1712. Estas obras foram totalmente custeadas pelo patrono D. Luís de Vasconcelos e Sousa, 3.º Conde de Castelo Melhor.

O exemplo de colocar azulejos nas enfermarias é inspirado no Hospital de S. João de Deus em Granada. Podemos dizer que o centro de fabrico é, com alguma segurança, da área de Lisboa<sup>12</sup>.

No Convento-Hospital de Montemor-o-Novo, a igreja é parcialmente revestida com azulejaria tipo tapete, em perfeita harmonia com as pinturas *a fresco* (cerca 1669). Aqui, as pinturas que referimos, obedecem ao estereótipo decorativo análogo aos outros elementos arquitectónicos, valorizando-se os grotescos a envolverem figurações do Santo fundador da Ordem. Vejamos o que nos diz Santos Simões sobre a igreja conventual<sup>13</sup>:

*“Igreja Matriz (antigo Convento de São João de Deus)*

*Em 1950 a Igreja foi restaurada pela DGEMN, servindo actualmente de matriz. As capelas ostentam, cada, uma data pintada no fecho dos arcos. Corresponderiam provavelmente a obras de aformoseamento, incluindo os azulejos. É difícil saber quais aqueles que ainda se conservam nos locais primitivos.*

*A capela-mor é a atapeada, ainda havendo elementos de uma barra. Quase todos os ângulos são guarnecidos com cantoneiras.”*

A voga de colocar a cerâmica por toda a base da construção tinha por objectivo a conservação, evitando-se as humidades subjacentes ao envolvimento do edifício com o terreno, permitindo, simultaneamente, o embelezamento do templo. Neste caso concreto o azulejo entra pelos espaços de oração, preenchendo as capelas laterais na igreja de invocação ao Beato João de Deus, natural desta localidade.

Neste século não localizamos nenhuma representação figurativa da imagética do Santo, apesar de já existirem, desde 1659, figurações estampadas que circulavam na obra de Frei António de Gouveia.

O grande interesse que o Convento-Hospital de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, tem para a história da arquitectura é o de utilizar,

<sup>12</sup> Vide outros exemplos.

<sup>13</sup> Cf. SIMÕES, 1997, p. 221.

e servir como modelo para todos os outros Conventos da Ordem, a azulejaria para revestimento e decoração. A sua localização é, como já referimos, essencialmente na igreja, mas também nas enfermarias.

A azulejaria que analisamos tinha objectivos utilitários. Esta era adquirida pelo custo reduzido com que se apresentava à clientela, ciente da exigência decorativa que era fundamental para embelezar grandes vãos edificados. Também não serão alheios os conceitos higienistas fundamentais às práticas holísticas, que eram desenvolvidas pela Instituição.

Estamos ainda longe da representação figurativa do patrono da Ordem Hospitaleira, pois só com a Beatificação, em 1630, e a sua Canonização, em 1690, se deu uma verdadeira explosão cenográfica do Santo<sup>14</sup>, com representação iconográfica, como temos referido, baseada nas estampas impressas na obra de Fr. António de Gouveia, a partir de 1659<sup>15</sup>.

Analisemos então a enfermaria, modelo que temos vindo a referenciar. Apresenta-se construída em rectângulo perfeito, protegida do estio do Verão pela massa granítica da igreja, edificada a sul. Este princípio obedece aos padrões tipológicos já por nós analisados<sup>16</sup> onde, em frente à porta de entrada, se encontra o oratório, o qual ainda subsiste. Existia uma tribuna que dava para o núcleo central da igreja, a qual permitia aos doentes assistirem aos actos religiosos, os quais faziam parte do tratamento espiritual. A parede norte tinha duas janelas, que permitiam a entrada de luz e a ventilação do espaço, e uma porta com acesso ao claustro superior.

Esta enfermaria é um verdadeiro exemplo do conforto para com o assistido, conceito arquitectónico que perdurou até aos inícios do século XX.

<sup>14</sup> BORGES, *Reais Hospitais Militares em Portugal...*, 2009, pp. 123-136.

<sup>15</sup> BORGES, *Museu São João de Deus...*, 2009, pp. 48-59. Vide entradas das estampas, gravuras e litografias alusivas a S. João de Deus e ao Arcanjo S. Rafael.

<sup>16</sup> FRÓIS, 2002. Sugerimos a leitura desta obra para se compreender a componente arquitectónica da organização interna do espaço conventual no sul do território português.

Do Convento-Hospital S. João de Deus em Lisboa, fundado em 1629<sup>17</sup>, não temos registo sobre a utilização azulejar nos seus espaços, sendo estes do século XVIII, análise que faremos em Capítulo próprio.

## Século XVIII

O século que vamos analisar é aquele por onde começa, em Portugal, o culto iconográfico a S. João de Deus através da azulejaria. Até ao presente conhecemos quatro núcleos onde o Santo se encontra representado. Um era propriedade da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, no seu Convento-Hospital de Lisboa<sup>18</sup>, e os outros três, por devoção régia, no Hospital Termal das Caldas da Rainha, na Capela Real do Paço das Passagens, em Vendas Novas e na Igreja da Madalena, capela de invocação patronímica do culto do Regimento de Cavalaria da Praça de Olivença<sup>19</sup>.

José Meco<sup>20</sup>, para além destas figurações cenográficas, evidencia outros elementos decorativos existentes, que têm a ver com o nosso estudo temático, quer propriedade da Ordem Hospitaleira, quer dos Reais Hospitais Militares administrados por ela, ou ainda sob administração do Exército Português.

---

<sup>17</sup> CHORÃO, 2009.

<sup>18</sup> Na Rua das Janelas Verdes, à Pampulha, onde se localiza actualmente a Clínica da Guarda Nacional Republicana.

<sup>19</sup> A informação referente a este conjunto azulejar foi-nos referenciado pelo Dr. Servando Rodriguez Franco em Abril de 2009. Agradecemos o exemplo de intercolaboração e fontes sobre a origem da referida capela, acompanhada por um valioso conjunto fotográfico. Referimos que é o primeiro exemplo conhecido em Portugal, no século XVIII, de um Regimento do Exército Português ter como patrono S. João de Deus, com capela própria e custeadas as suas despesas de manutenção pelo Regimento de Cavalaria.

<sup>20</sup> MECO, 1992.

Sobre as artes decorativas existentes nos referidos Hospitais Militares as informações que temos, pelo levantamento nacional que efectuamos<sup>21</sup>, não detectamos azulejos temáticos alusivos ao Santo, sendo preferencialmente escolhidos elementos que tinham por objectivo e função a higienização dos espaços (átrios de receber, corredores, escadarias e eventualmente alguma enfermaria). O exemplo melhor conseguido é o que existiria no Real Hospital Militar no Castelo de S. Jorge, em Lisboa. Relativamente ao Hospital dos Soldados, no referido Castelo, as escavações arqueológicas efectuadas entre 1999-2002, evidenciaram a utilização de azulejaria de revestimento no átrio de entrada<sup>22</sup>. Quanto ao seu interior ficará, para sempre, a incógnita decorativa por falta de informação documental e o edifício ter sido destruído em 1755, no Teramoto de Lisboa.

Nalguns casos este tipo de arte era substituído, por ser mais económico, pela pintura *a fresco*. Em virtude dos Reais Hospitais Militares estarem apenas sob a administração dos Irmãos Hospitaleiros, o emprego e utilização destes suportes cerâmicos não eram normalmente aplicados. Identificamos um ou outro local da existência de motes decorativos, principalmente nos espaços devocionais ou nas capelas que prestavam apoio espiritual aos enfermos<sup>23</sup>.

Estamos certos que a maior parte dos elementos decorativos relativos ao Santo, nos Hospitais em território nacional, cingiram-se à pintura *a fresco*, às pinturas em tela, essencialmente por serem de transporte e fácil mobilidade interna, e às esculturas, preterindo-se o azulejo

---

<sup>21</sup> BORGES, 2007.

<sup>22</sup> MESTRE, 2002, pp. 132-139.

<sup>23</sup> Sobre a iconografia de S. João de Deus e do Arcanjo S. Rafael existentes nos Reais Hospitais Militares em Portugal vide BORGES, *Reais Hospitais Militares em Portugal...* (Tese de Doutoramento), 2008. É possível analisar, pelo levantamento efectuado, que é nos Hospitais Militares do Alentejo onde se encontra o maior núcleo decorativo alusivo ao Santo, quer em pintura, tendo como suporte a tela, argamassa e azulejo, quer em escultura, tanto em terracota como em madeira estofada e policromada.

por dificuldades logísticas de encomenda e porque os frades Hospitaleiros apenas tinham a administração desses locais<sup>24</sup>.

Analiseemos então os locais onde se encontram os painéis azulejares de S. João de Deus, procurando nesta inventariação comparar, pela imagem, as diferenças artísticas, pictóricas e do centro produtor, chamando à atenção para a coloração dos painéis e da técnica que personaliza o seu autor.

No Convento-Hospital de Lisboa, os painéis, sete no total, aludem à vida do Santo, desde o seu nascimento, passando por outras figurações que retratam a sua vida (*Nascimento em Montemor-o-Novo com maravilhas, Pastor em Oropesa, Queda do cavalo e aparição de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> que lhe dá de beber, Salvo da força após ter deixado roubar o saque, Sermão do Mestre Ávila na festa de S. Sebastião, Tratamento aos loucos no Hospital Real de Granada e Milagre de acender uma fogueira quando chovia*). Seguem uma ordem cronológica<sup>25</sup>, sem legendas identificativas.

Em Olivença, na Capela de S. João de Deus integrada na Igreja da Madalena, encontram-se quatro figurações, as quais não seguem nenhuma ordem cronológica: *Nascimento em Montemor-o-Novo com maravilhas, S. João de Deus amparado por anjos transporta lenha para a ceia de Natal, S. João de Deus convertendo as mulheres públicas, O Santo vendedor ambulante de livros pela Andaluzia pára numa fonte para beber e aparece-lhe o Menino Jesus que lhe diz: João, Granada será a tua cruz*.

Nas Caldas da Rainha e em Vendas Novas, com o objectivo de relacionar S. João de Deus com as virtudes assistenciais, as figurações temáticas incidem na interligação prática da saúde, personificadas na sua pessoa e no doente.

---

<sup>24</sup> Do todo, realçamos as duas telas existentes no Hospital Militar de Estremoz, actualmente na Igreja de S. Francisco, e os *frescos* do Hospital Militar de Olivença e de Castelo de Vide.

<sup>25</sup> As estampas que serviram de cópia, quer em Lisboa, quer em Olivença, encontram-se na obra de Frei António de Gouveia, 1659. Vide Bibliografia.

Ainda nas Caldas da Rainha a figuração representa *S. João de Deus a lavar os pés ao pobre que se transfigura em Cristo*. O cenário é uma enfermaria ou hospital, centrado no ambiente que o rodeia. É observado por médicos, por cirurgiões e físicos, tendo um deles um braço entalado, como elemento representativo de que estamos numa casa para assistência.

Em Vendas Novas representa-se o Santo, ajudado por S. Rafael, com um doente no chão (ou átrio hospitalar) de uma enfermaria. Confirmamos esta sugestão, pois lateralmente está um doente num leito. Do todo realça o gomil sem asa, com tampa e bocal<sup>26</sup>, que o Arcanjo S. Rafael dá a S. João de Deus, para que o Santo dê de beber ao doente.

Os quatro núcleos referidos constituem, em Portugal, os locais onde há elementos azulejares referentes a S. João de Deus em todo o século XVIII.

## Século XIX

O século XIX foi, para a azulejaria alusiva a S. João de Deus, o período menos propício em termos de produção artística. O motivo que originou a ausência de azulejos temáticos, alusivos ao Santo, é a falta de encomendas, derivadas dos conflitos sociais que deflagraram na Europa nos inícios do século e se arrastaram, em Portugal, até à Guerra Civil (1832-1834) e, subsequentemente, à expulsão das Ordens Religiosas, em 24 de Maio de 1834.

Contabilizamos, para este século, apenas um painel/registo, colocado no Hospital de S. José, em Lisboa, inspirado na temática *S. João de Deus na enfermaria*. A base iconográfica tem a sua origem no painel existente na Capela Real de Vendas Novas, pese a diferença cenográfica. O conjunto representa o Santo a segurar um doente, coadjuvado

<sup>26</sup> MATOS, 1996, pp. 236-237.

pelo Arcanjo S. Rafael, tendo, no espaço superior, maravilhas a envolverem N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Guadalupe com o Menino Jesus.

O artista voltou a pôr em ênfase o objecto cerâmico com que o Santo irá saciar a sede do doente. O gomil<sup>27</sup> volta a ser representado sem asa, mas com a tampa e o bocal, o qual iria permitir encostar o recipiente aos lábios do paciente para melhor ingestão dos líquidos.

Desconhecemos qual o seu centro produtor devendo, por análise comparativa com outros elementos análogos, ser originário da capital.

O painel/registo, em estilo *rocaille*, encontrava-se na Enfermaria S. João de Deus, no Hospital de S. José, e mais tarde, no século XX, foi retirado, por motivo de obras de benfeitoria e adaptação do espaço. Posteriormente foi retirado desse local e recolocado na biblioteca, até ser novamente transferido para uma escadaria secundária, local onde hoje se encontra<sup>28</sup>.

Consideramos que a imagem vale mais pela qualidade temática, do que pela originalidade com que foi realizada. A riqueza policromada, tão ao género dos finais do século XVIII e primórdios do século XIX, dá um toque artístico a toda a componente de exaltação do Santo, reconhecido como o Pai da Hospitalidade.

Além deste painel/registo não localizamos em Portugal mais nenhum elemento figurativo do Santo para o século que analisamos, considerando que a composição anterior existente em Vendas Novas vai mais ao encontro da realidade preconizada por S. João de Deus, ao cuidar de um enfermo na enfermaria.

A exclausuração das Ordens Religiosas, em 1834, foi o motivo que impediu qualquer tentativa artística, para a difusão pela imagem azulejar dos valores religiosos. Este facto justifica a ausência durante, aproximadamente, 100 anos, das encomendas decorativas azulejares tendo como base S. João de Deus.

<sup>27</sup> MATOS, 1996, pp. 236-237. Para melhor análise do gomil representado, sugerimos uma visita à Casa-Museu Anastácio Gonçalves, em Lisboa, onde se pode observar um destes exemplares, n.º de inventário CMAG 330.

<sup>28</sup> Sobre este painel vide VELOSO, 1997, p. 71; PINA, 2007, p. 124; BORGES, 2007, pp. 267-270 e BORGES, 2009, p. 59.

Denotam-se, desde esse período até ao presente, preocupações direccionadas com o alicerçar da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, durante os primeiros anos da nova fixação em território nacional, em 1891. Constatamos que não é alheio o interesse testemunhal de elementos artísticos relacionados com a azulejaria nas Casas de Saúde que S. Bento Menni fundou no Telhal e em Idanha.

## **Século XX**

O século XX é o que mais produção azulejar realizou, não só pelo alicerçar da Ordem Hospitaleira em Portugal, mas também pelo reconhecimento institucional, político e público do carisma de S. João de Deus.

Desde os primórdios do referido século constatamos a existência de obras azulejares difundidas em todo o território nacional. Constituem a colecção os registos temáticos sobre a vida do Santo passando, nos meados deste século, a grandes conjuntos integrados em painéis históricos, profusamente decorados e aplicados em edifícios ligados à assistência.

A primeira grande obra alusiva a S. João de Deus, com data de 1934, encontra-se no átrio de entrada do Hospital da Misericórdia de Lamego. Faz parte integrante de oito painéis relativos à assistência praticada em Portugal (da direita para a esquerda: *St.º António de Lisboa, S. João de Deus, Rainha St.ª Isabel, Heitorzinho de Loureiro, St.ª Mafalda, S. Francisco Xavier, Rainha D. Leonor e Frei Miguel Contreiras*). O seu autor é Mestre Jorge Colaço, que reproduziu um momento alusivo à obra caritativa do Santo que analisamos: *S. João de Deus transporta, pelas ruas de Granada, um doente pelos ombros*.

Simultaneamente, e no mesmo período, foram realizadas para a Casa de Saúde do Telhal, três obras, um painel para o exterior e dois

registos, para interior, versando o mesmo tema utilizado em Lamego; *S. João de Deus com o doente ao colo e Ajudando um doente acamado, sob o olhar de S. Rafael*.

Decorria o ano de 1931, quando o executivo camarário de Montemor-o-Novo, deliberou revestir o Salão Nobre, dos Paços do Concelho, com painéis azulejares. A encomenda recaiu sobre a Fábrica de Cerâmica Constância<sup>29</sup> e o seu autor foi Mestre Leopoldo Battistini, com informação histórica de Manoel S. Claro<sup>30</sup>. Um dos painéis é alusivo a S. João de Deus, enquanto os outros, estão relacionados com cenas da história política e cultural, local e nacional.

Datando de 1945, e mais a sul, a capela das Termas das Caldas de Monchique, no Algarve, foi decorada com um conjunto de painéis históricos, alusivos a S. João de Deus e a Santa Teresa de Jesus, patronos da capela. Infelizmente os painéis não estão identificados, não sendo possível atribuir a sua autoria. Apontamos para que o seu autor seja Mestre Leopoldo Battistini. Os oito painéis que decoram a capela têm grande qualidade técnica.

Outros grandes conjuntos sobre S. João de Deus datam da década de 1949, prolongando-se até 1954. Integram dois núcleos fundamentais para a história da azulejaria sobre S. João de Deus em Portugal. Falamos das capelas da Casa de Saúde do Telhal e do Hospital Infantil de S. João de Deus, actual Hospital S. João de Deus.

Nesta década e pelo país foram executados, para outros centros assistenciais, painéis e registos, que se colocaram aquando das comemorações nacionais do IV *Centenário da morte de S. João de Deus, 1550-1950*. Depois desta data, e até ao presente, mais nenhuma obra foi executada com as dimensões anteriores. Desde então o que mais se

---

<sup>29</sup> No vão da varanda central há quatro azulejos que dão as indicações que descrevemos.

<sup>30</sup> Como consta do memorando em azulejo existente no Salão.

produz são painéis isolados e registos<sup>31</sup>, os quais vamos analisar em capítulo próprio.

Por meados de 1970, a escadaria nobre do Hospital Militar de Belém, em Lisboa, foi revestida com um interessante conjunto de painéis históricos alusivos a S. João de Deus<sup>32</sup>, da responsabilidade da Fábrica de Sant'Anna e da autoria do Mestre Rogério do Amaral. A representação alude a três episódios bem conhecidos do Mestre, os quais apresentou em encomendas anteriores, nomeadamente no Telhal e em Montemor-o-Novo. Na referida escadaria temos a célebre cenografia do *Incêndio do Hospital Real de Granada* e o *Santo a ajudar dois idosos pobres, apoiados por muletas*. No vestíbulo encontra-se o lava-pés. Tal como as encomendas anteriores também o conjunto está assinado pelo autor com as iniciais RA (Rogério do Amaral).

Pela análise que efectuamos consideramos que a criatividade dos mestres e artistas está cingida às fontes, recriando modelos tradicionais, os quais praticamente esgotaram qualquer hipótese de inovação pictórica<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> Temos conhecimento avulso da existência de pequenos painéis e registos que são concebidos por artistas locais para embelezar o património edificado de particulares, essencialmente à volta de Montemor-o-Novo, onde se radicaram os Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus no século XX.

<sup>32</sup> Na actualidade encontram-se na escadaria três painéis, mas não deixamos de colocar a hipótese de terem sido quatro, tendo um deles sido retirado para se abrir um vão no seu espaço. Contactada a Fábrica de Sant'Anna não foi possível confirmar esta hipótese, pois os arquivos arderam em 1972 e não há nenhum colaborador que se lembre da concepção desta obra.

<sup>33</sup> Foram poucos os artistas que produziram obra inovadora no século XX. Realgamos, na escultura (em terracota), a obra de Amélia Carvalheira que reproduz momentos cruciais da vida e obra do Santo. Na pintura a *fresco* Mestre Domingos Rebelo deixou uma importante e vasta obra sobre S. João de Deus. Vide BORGES, *Mestre Domingos Rebelo em Montemor-o-Novo...*, 2008, pp. 205-216 e BORGES, *Museu S. João de Deus...*, 2009, pp. 43 e 47.



S. João de Deus no Hospital Real de Granada, séc. XVIII, Lisboa, Hospital Convento de S. João de Deus.



S. João de Deus dando esmola aos pobres em Granada, séc. XX (1936),  
Montemor-o-Novo, Paços do Concelho.



S. João de Deus na Enfermaria, fim do séc. XVIII, Lisboa, Hospital Real de S. José.





## Capítulo 3

# ARTES DECORATIVAS

Entendemos agrupar neste capítulo os elementos decorativos que constituem as referências iconográficas, heráldicas e toponímicas alusivas a S. João de Deus, após termos referido as grandes obras constituídas pelos painéis azulejares.

Damos especial atenção a todo um conjunto de motivos associados ao culto do Santo e da Ordem Hospitaleira em Portugal, associados aos aspectos religiosos, militares e civis, tanto de carácter público como privado.

Estas mostras de fé desenvolveram-se durante quatro séculos, de meados de 1620/1630, triunfando em pleno nos primeiros anos do novo milénio.

Analisando a temática decorativa verificamos que os artistas que trabalharam e produziram os exemplos que apresentamos fazem parte, nalguns casos específicos, do grupo dos mestres nacionais que mais desenvolveram a arte cerâmica azulejar durante o século XX. Citamos alguns autores como exemplos, Mestre Teixeira Lopes (Pai), Mestre Jorge Colaço, Mestre Leopoldo Battistini, Mestre Rogério do Amaral,

Mestre Lino António e Mestre Ângelo Manuel Pereira. Todos eles desenvolveram a sua criatividade relacionada com a hagiologia joandaina.

Outros autores, de menor expressão, deram o seu contributo para a criação artística e há outros que também, anonimamente, o fizeram, ou porque estavam em desenvolvimento técnico, ou porque eram colaboradores pontuais em determinado centro produtor.

O centro temático é S. João de Deus, o Doente, S. Rafael e a Ordem Hospitaleira, podendo aparecer em conjunto, ou individualizado. O mais retratado é o Santo com o doente ao colo, pelos ombros ou no leito duma enfermaria.

Essencialmente a coloração tem, por base, a monocromia, sendo esta o tradicional azul. No entanto alguns motivos foram enriquecidos com tons policromos, desde o amarelo aos castanhos e vermelhos.

Nas placas toponímicas predomina a cor azul, destacando-se a placa de Évora, que segue o primitivo e tradicional formato oval<sup>1</sup>, e de Oeiras, tanto pela configuração como pelo elaborado do motivo decorativo.

Outra análise que se evidencia, ao percorrermos as artes decorativas é a da utilização, mesmo no século XX, de elementos figurativos utilizados em épocas mais recuadas, tais como as panóplias, as cercaduras e as conchas, em clara alusão aos conjuntos monumentais do século XVIII, tão ao gosto nacional<sup>2</sup>.

Ao longo destas páginas vamos percorrer outras formas decorativas, não só os grandes painéis a revestirem capelas, átrios e escadarias, mas também registos e placas toponímicas, que dando expressão ao culto devocional de S. João de Deus, muito contribuem para a sua difusão e carisma em Portugal.

---

<sup>1</sup> BORGES, 1997, p. 35. As primeiras representações das placas toponímicas eram pintadas directamente na parede com a forma oval. Posteriormente passaram a ser rectangulares, inscrevendo-se a legenda em elementos graníticos e azulejares. A cidade de Évora anda conserva, sob a forma de azulejo o modelo antigo.

<sup>2</sup> A utilização pastiche para decorar a azulejaria, continua a ser bastante utilizada para os silhares, lambrins, painéis e registos.



## Monumentos

A tradição artística de representar escultoricamente S. João de Deus, reparte-se essencialmente pela talha (madeira), pela pedra (variando os materiais por tipologia que vai do granito até ao mármore), terracota e bronze. Só localizamos três exemplares em Portugal, utilizando o azulejo como material base para preenchimento pictórico, nas localidades do Nordeste, em S. Miguel, Açores, em Portimão e em Lisboa. Os monumentos inventariados datam de finais do século XX e inícios do século XXI, propriamente de 1973, 1995 e 2006.

Os monumentos têm, como suporte, outro material que não o azulejo. Nos conjuntos concebidos em pedra, o azulejo relaciona-se como elemento decorativo. A única exceção localiza-se em Portimão em que um busto, em baixo relevo de pedra, colocado no plano central, é ladeado por dois painéis azulejares representando a romã aberta, com os grãos salientes a gotejar do fruto encorpado, e das siglas do Santo *yfo*.



A localização destes monumentos reparte-se por interesses diversificados. No cemitério de Nordeste o monumento é fúnebre, de iniciativa privada, em Portimão é uma obra pública, da responsabilidade da Junta de Freguesia e está na via pública, na Avenida S. João de Deus, e em Lisboa, de iniciativa privada da responsabilidade da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, evocativa da Comemoração dos *400 Anos dos Irmãos Hospitaleiros em Portugal, 1606-2006*, e encontra-se no jardim da sede da referida Ordem Religiosa.

A produção técnica consiste na mistura da pedra com o azulejo tendo, no cemitério de Nordeste, azulejo policromado onde prevalece o castanho. Em Portimão a coloração tem por base os azuis e verdes marinhos e em Lisboa o tradicional azul sobre fundo branco.

Os temas variam quanto ao objectivo pelo qual foram aplicados os azulejos. No cemitério do Nordeste, e devido à evocação da morte de um adolescente, S. João de Deus está a receber uma criança perante um pai ajoelhado. A pintura é uma reprodução do quadro existente na Igreja de St.<sup>a</sup> Úrsula, em Brescia, Itália, propriedade dos Irmãos Joandeínos, da autoria de C. Monti, de 1969. Tem um quadro legendado, com o nome do jovem falecido, o qual também se chamava João de Deus.

Em Portimão, o baixo-relevo do Santo com o doente ao colo, está ladeado por dois painéis azulejares onde se colocou a romã aberta (lateral direito) e as siglas com que João de Deus assinava as suas cartas<sup>3</sup> (lateral esquerdo). Em Lisboa o motivo é o incêndio que ocorreu no Hospital Real de Granada em 1548, com modelo do quadro, em óleo sobre tela, de Palamares, de 1928.

Os centros produtores são, para o registo do Nordeste, da *Fábrica de Cerâmica Aleluia*, de Aveiro, sendo seu autor o pintor Fernando

<sup>3</sup> *Cartas de S. João de Deus*, 2006.

Humberto, o de Portimão é da *Oficina Atrioescola*, entretanto desaparecida, da autoria do escultor e pintor José Joaquim Moreira de Sousa, e o de Lisboa do *Atelier da Casa de Saúde de Barcelos*, em Barcelos, da autoria de José Hilário Portela.

## Painéis

Encontramos em Portugal, e ao longo do século XX, um conjunto notável de painéis individualizados<sup>4</sup>, relativos a S. João de Deus. Caracterizam-se por serem maiores do que os registos, sendo autónomos na sua concepção, podendo estar, ou não, integrados na arquitectura.

Localizam-se, maioritariamente, em paredes interiores, como no Hospital S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, 1965, na Casa de Saúde do Telhal, 1992, no Hospital Militar de Évora, 1982, na Casa de Saúde S. Miguel (Açores), 1998, mas também no exterior, como na Casa de Saúde do Telhal, 1930, e na Igreja do Santo Senhor do Calvário, em Montemor-o-Novo, 1982.

Estas obras caracterizam um estágio evolutivo dos registos, interagindo entre a área onde se encontram e o interlocutor que se prende ao espaço decorativo. Os painéis têm a sua origem e proveniência diversificada, centrando-se todos os desenhos na vida e obra de S. João de Deus.

Outros motivos decorativos enquadram-se num desenvolvimento cenográfico, onde participamos activamente no cenário temático, como

---

<sup>4</sup> Entendemos integrar no estudo dos painéis os monumentos, os registos, a heráldica e a toponímia e agrupá-los, em virtude de constituírem um grupo criado e desenvolvido no século XX. No segundo capítulo desenvolvemos a análise dos painéis históricos e revivalistas, integrados em grupos apologéticos da vida do Santo, entre os séculos XVIII e XX. Neste capítulo analisamos o estudo dos painéis isolados que, sendo parte integrante do século XX, se distribuem pelo território nacional e muito contribuíram para a devoção de S. João de Deus.

no caso do painel existente na Casa de Saúde S. Miguel, em S. Miguel, nos Açores. A dimensão do conjunto artístico da obra faz, também, que sejamos parte integrante da cenografia. Diríamos mesmo que testemunhamos a vivência assistencial do Santo e de todos os que a ele recorriam. Talvez o autor não o fizesse com intenção, mas algumas das personagens recordam-nos um ou outro elemento referenciado no Processo de Beatificação<sup>5</sup>.

Analisemos alguns destes painéis e vejamos as cenografias e temas representados: *S. João de Deus na Porta de Elvira, em Granada*, *S. João de Deus na Enfermaria, No Hospital em Granada*, *S. João de Deus a transportar o doente às costas pelas ruas de Granada*, *S. João de Deus com o doente ao colo*, *S. João de Deus e as Artes* e *S. João de Deus com os Santos Portugueses*. Os painéis têm, por função, serem elementos decorativos/evocativos de uma efeméride ou humanização dos espaços, para onde foram previamente concebidos, articulando-se, em perfeita harmonia, com a arquitectura e decoração<sup>6</sup>.

Denotamos uma evolução cromática dos mesmos. Os painéis começam por ser pintados em azul (1934), para se projectarem policromados, bebendo os seus autores os ensinamentos das correntes pós-modernistas que se desenvolveram na Europa. Destes, apenas dois, e ambos na Casa de Saúde do Telhal (1930-1982), são meramente reproduções, enquanto os outros seis, em Évora, Montemor-o-Novo (2), Barcelos (2) e em S. Miguel, são criações artísticas, assinando os seus autores as obras que executaram.

---

<sup>5</sup> MINA, 1994 e MARTÍNEZ, 1995, ver a valiosa introdução ao Processo de Beatificação, pp. 190-203, deste segundo autor.

<sup>6</sup> Na linguagem actual poderíamos utilizar o conceito design, nomeadamente em alusão ao painel do Mestre Lino António “*S. João de Deus e as Artes*”, no Hospital S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, na antiga Escola do Hospital Infantil.

De 1965 é digno de atenção o painel que Mestre Lino António<sup>7</sup> executou, para decorar o espaço destinado à Escola Primária do Hospital Infantil S. João de Deus. Os motivos decorativos percorrem o imaginário das artes e ofícios, sob o olhar majestático dos patronos, S. João de Deus, S. Rafael e do mecenas Calouste Gulbenkian<sup>8</sup>.

O painel foi aplicado em Janeiro de 1966, ano em que as obras do novo pavilhão progrediam em bom ritmo. O Dr. Almeida e Sá, médico responsável pela aquisição e montagem do equipamento, refere-se, desta forma, às razões dos motivos representados e da legenda ilustrativa:

*“Para a sala da escola dei o símbolo da Ordem, ‘romã entreadverta sangrando, com a cruz’, indirectamente iluminada, feita sob desenho de Lino António, e em toda a parede fronteira um mural de azulejos policromados de autoria também de Lino António com o retrato de Calouste Gulbenkian e simbolicamente os quatro objectivos do seu legado à Fundação: Arte, Cultura, Ciência e Caridade. No canto inferior esquerdo mandei gravar esta legenda que lhe dediquei, como penhor de admiração, respeito e gratidão:*

*‘A sua generosidade só frutificará quando for compreendida pela riqueza do seu espírito – Almeida e Sá’”<sup>9</sup>.*

Os painéis constituem elementos representativos da vida de S. João de Deus, prática que vinha doutros exemplos em território nacional, especificamente nos Reais Hospitais Militares, entre 1640 a 1834<sup>10</sup>. Nessa altura as figurações eram representadas em pintura a

<sup>7</sup> Em 1950 o Mestre Lino António ilustrou, para alguns artigos do livro coordenado por BROCHADO, *São João de Deus, homenagem de Portugal ao seu glorioso filho, 1550-1950*, uma série de desenhos, alusivos a alguns passos da vida do Santo.

<sup>8</sup> Por informação da viúva do Mestre Lino António, que ainda se recorda da feitura do estudo e de como era constituído: desenho a lápis em papel de aguarela, posteriormente aguarelado.

<sup>9</sup> Cf. SÁ, 1990, pp. 46-47.

<sup>10</sup> BORGES, 2007. Parte respeitante à iconografia de S. João de Deus em Portugal.

*fresco*, como em Olivença e em Montemor-o-Novo, e em pintura a óleo sobre tela, tal como ainda se encontram em Estremoz<sup>11</sup>. Outro exemplo significativo, do culto imagético do Santo, é a apologia decorativa que se localiza em Vendas Novas, no Paço das Passagens, na Capela Real, onde a figuração se repete em azulejo e em pintura sobre tela<sup>12</sup>.

Os painéis em análise, são um valioso património para as artes decorativas relacionadas com a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal, e com o culto dos Santos nacionais.



S. João de Deus na Enfermaria, séc. XX, Centro de Saúde Militar de Évora.

<sup>11</sup> Actualmente na igreja de S. Francisco. Foi em 1834, após a exclaustração das Ordens Religiosas, que os bens móveis, as alfaias e pratas litúrgicas, integraram o acervo das igrejas locais. ESPANCA, 1974, pp. 72-74.

<sup>12</sup> Este conjunto é, sem dúvida, um notável exemplar da projecção carismática que obteve em Portugal, colocando-se no mesmo espaço pictórico três dos principais Santos devocionais portugueses: ao centro N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, ladeada (à direita) por Santo António de Lisboa e (à esquerda) por São João de Deus, estando ajoelhado, na base, São Vicente ou São Teotónio.

## Registos

A tradição dos registos em Portugal está directamente associada às crenças da protecção dos Santos contra as manifestações maléficas da natureza, que se generalizaram após o terramoto de Lisboa de 1755. Pretendia-se, ao colocar nos exteriores das habitações figuras dos Santos, proteger os seus proprietários dos cataclismos naturais e doenças, livrando-os de todos os males que ocorreriam em caso de novos e fatídicos acidentes<sup>13</sup>.

Do século XVIII não é conhecido em Portugal, e fora dele, nenhum registo alusivo a S. João de Deus, sendo o mais comum S. Marçal, S. Sebastião, St.<sup>o</sup> António e N.<sup>a</sup> Senhora. Nem mesmo durante o século XIX é conhecida figuração alguma, neste género evocativo, só aparecendo, nos princípios do século XX, propriamente datado de 1908, um registo na Casa de Saúde do Telhal, com a figuração de *S. João de Deus a lavar os pés ao pobre que se transfigurou em Cristo*.

Os primeiros registos de que temos conhecimento, datam do século XX, percorrendo cenograficamente os motivos representados, com base em modelos pré-existentes de estampas, quadros e figurações descritas pelos biógrafos, quer dos mais recuados, quer dos mais recentes.

As suas dimensões oscilam nas medidas 4x3 azulejos, variando estas sempre em devidas proporções, de maior altura que largura. O suporte pode ser concebido em duas formas tradicionais, ou totalmente liso, formando um rectângulo, ou recortado por motivos vegetalistas que contornam o campo pintado, num pleno revivalismo oitocentista.

<sup>13</sup> Cf. SABO e FALCATO, 1998, p. 10: “Após o terramoto de Lisboa em 1755 tornou-se habitual colocar nas fachadas das casas painéis com figuras e cenas nativas do tipo dos ‘Santinhos’ de missal ou pagelas, os chamados registos. São motivos predilectos, para além de Nossa Senhora e das Almas do Purgatório, S. Francisco de Borja e S. Marçal, Santos padroeiros, respectivamente, contra terramotos e incêndios”.

A sua localização é, preferencialmente, no exterior dos edifícios, havendo casos em que os encontramos na decoração de interiores, como iremos referenciar. Os registos que foram pintados têm como base e elemento central S. João de Deus, podendo aparecer outros Santos.

Numa primeira fase, seguem os cânones tradicionais, dos quais damos exemplo o *lava-pés ao doente que se transfigurou em Cristo*, de 1908, passando, na década de 1930 em diante, a ser figurado com o doente, quer no leito da enfermaria, quer transportando aos ombros, ao colo, ou simplesmente amparando-o paternalmente pelo braços.

Estas últimas figurações têm a sua origem na escultura de *S. João de Deus com o doente ao colo*, que o Mestre José Ferreira Thedim<sup>14</sup> apresentou ao concurso internacional de arte sacra em 1928. Desde essa data tem servido, internacionalmente, para a figuração escultórica e pictórica do Santo.

Desde 1950, ano comemorativo do IV centenário da sua morte, foram realizadas, em território nacional, diversas manifestações evocativas a essa efeméride.

Neste caso, também surgiu a vontade colectiva de colocar registos em edifícios públicos, como no Hospital da Misericórdia de Fão, mas também em edifícios privados. Disso nos dá exemplo o Professor Hernâni Monteiro ao referir-se ao Abade de Lordelo do Ouro, sobre a sua casa, “*O quadro (registo) que decora a varanda da casa que o Reverendo Padre Guilherme de Oliveira possui em Folgosa da Maia, representa a escultura de J. F. Tedim, de Coronado*”<sup>15</sup>. Na realização do presente levantamento ainda nos dirigimos à localidade citada mas não encontramos o mencionado registo. Também no Bairro S. João de Deus, de 1950, na Freguesia de Campanhã, no Porto, há um registo do Santo.

Estamos convictos que outros modelos foram encomendados e colocados na arquitectura pública e civil, tal como fomos informados por

<sup>14</sup> TEDIM, 2006, pp. 222-228.

<sup>15</sup> MONTEIRO, 1950, p. 18.

alguns centros produtores<sup>16</sup>.

Em Serzedo, Valadares, Vila Nova de Gaia, numa vivenda particular a cenografia representa o *lava pés ao pobre transfigurado em Cristo*.

No mesmo conceito estético muitos dos registos têm por base o quadro alusivo ao incêndio do Hospital Real de Granada, de Palares, transportando o Santo alguns dos doentes que lá se encontravam para o exterior. Estas figurações podem ser vistas em Montemor-o-Novo, no Hospital S. João de Deus, no Quartel de Bombeiros Voluntários e também na Sede da Ordem Hospitaleira, em Lisboa. A representação pictórica do incêndio, tanto surge com o Santo voltado à direita como à esquerda, dependendo do modelo que o pintor tinha para se basear pois, por erros de impressão, a estampa pode aparecer invertida.

O maior núcleo de registos alusivos a S. João de Deus encontra-se, naturalmente, em Montemor-o-Novo, na terra onde nasceu. Os motivos baseiam-se na figuração de *S. João de Deus com o doente ao colo*, mas também *S. João de Deus com uma criança ao colo e outra pela mão*, tendo por base figurativa a escultura do Mestre Ferreira Thedim, que se localiza no altar-mor da Igreja do Hospital S. João de Deus<sup>17</sup>.

Em Montemor-o-Novo registe-se um magnífico exemplar em que o Santo surge, lado a lado e com a ceira repleta de pães, com N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição, ambos protectores do Bairro baptizado com o nome da Santa Padroeira de Portugal por volta de 1950.

Os registos nem sempre estão identificados pelo centro produtor, nem assinados pelo autor ou datados, pois constituem apontamentos circunstanciais de uma evocação comemorativa, ou simplesmente devocional. Por outro lado, questões formais impediam que os pintores assinassem a obra azulejar, ficando essa regalia exclusiva aos Mestres.

---

<sup>16</sup> Contacto feito às Fábricas de Sant'Anna, em Lisboa, Viúva Lamego, em Sintra, e Aleluia, em Aveiro.

<sup>17</sup> Antigo Hospital Infantil S. João de Deus.



S. João de Deus, séc. XX (1950), Fão, Hospital da Misericórdia

## A heráldica e a romã na azulejaria

As Ordens Religiosas, desde os primórdios do século XII, começaram a utilizar símbolos heráldicos para se identificarem entre si. No século XVI, a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, seguindo os cânones instituídos pelos princípios gerais da heráldica, escolheu armas falantes para a sua identificação. Colocou no seu escudo os elementos caracterizadores da cidade de Granada, onde S. João de Deus desenvolveu um novo conceito assistencial, constituídos pela trilogia: a romã, o luzeiro e a cruz alta.

Em Portugal conhecemos dois períodos para representar a simbologia da Ordem Hospitaleira. A primeira vai desde a vinda dos Irmãos para Montemor-o-Novo, pelos idos de 1606, até à expulsão das Ordens religiosas em 24 de Maio de 1834.

Deste período chegaram-nos diversos elementos heráldicos, distribuídos pelos Conventos-Hospitais de S. João de Deus e pelos Reais Hospitais Militares, administrados pelos Irmãos Hospitaleiros. Em Montemor-o-Novo, aludimos à pintura *a fresco* no tecto e na fachada da igreja de S. João de Deus (actual matriz de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Bispo), em Campo Maior, às representações esquematizadas do lavabo da sacristia do seu Real Hospital Militar, assim como à do Hospital Real de St.<sup>o</sup> André, em Montemor-o-Novo, e às representações, *a fresco* e em estuque, existentes no Real Hospital Militar de Olivença. Desse tempo não temos nenhuma representação azulejar da romã.

A utilização da cor heráldica joandeina não é unanimemente representada pelos artistas, dependendo muitas vezes dos critérios dos encomendadores. Na Província antiga (1606-1834) a única representação do escudo pleno está pintado em cor parda (castanho), enquanto na Província actual tem a cor azul, que representa o zelo, a lealdade, a caridade, a justiça, a beleza e a boa reputação.

O formato do escudo segue as regras da heráldica italiana. A representação das armas nem sempre seguiu a mesma ordem. No passado tinha sempre a romã na ponta (na base) sobrepujada pelo luzeiro colocado no coração, que por sua vez eram encimados pela cruz elevada que se punha em chefe. Por vezes encontramos representações onde o luzeiro está no coração, sobreposta à romã e à cruz.

A coroa real (mal representada por ser a que corresponde na heráldica à coroa de Marquês) é uma nítida alusão, aos cerca de 300 anos, em que os Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus estiveram ao serviço da coroa, na prestação de cuidados aos feridos e enfermos militares em Portugal.

No escudo antigo o virol dava entrada ao coronel, sendo este representado pela mesma romã de sua cor rachada. As cores do virol

são de vermelho, representando a obrigação de socorrer os oprimidos injustamente, debruado a branco, que tem por significado defender as mulheres e amparar os órfãos.

Em Portugal temos conhecimento de três exemplos de heráldica municipal que ostentam, como elemento da sua componente simbólica a romã, sendo o brasão municipal do Concelho de Montemor-o-Novo e da Junta de Freguesia de S. João de Deus, em Lisboa, os únicos que têm relação directa com o Santo.

O brasão municipal do Concelho de Famalicão, tem três romãs que estão associadas à fertilidade, e nada tendo a ver com S. João de Deus. A única representação heráldica institucional é do Município de Montemor-o-Novo<sup>18</sup>.

A heráldica familiar e religiosa que têm romãs, mas que não tem nada a ver com o Santo, não irá ser objecto de análise, pois sai do âmbito do nosso objectivo. A romã<sup>19</sup> está directamente associada com a vida de S. João de Deus, de tal forma que foi escolhida, em lugar de outros elementos, porventura também significantes, para figurar no escudo da Ordem Hospitaleira. Granada, em espanhol, tem a tradução portuguesa de *romã*, alusiva ao fruto, como elemento simbólico para associarmos a Ordem com os Irmãos Hospitaleiros difundidos pelo mundo.

Recentemente, pela liberdade pictórica e policromática, a romã tem sido objecto de diversos desenhos e representações. Esta pode surgir isolada ou, pelos seus elementos constitutivos, acoplados em sé-

---

<sup>18</sup> Cf. *Heráldica do Município de Montemor-o-Novo, Descrição Heráldica – De prata, com um monte de negro, rematado por um castelo de azul, aberto iluminado e lavrado do primeiro, encimado por uma romã de verde, rachada de vermelho e rematada por uma cruz atina de negro; o castelo acompanhado à dextra de um crescente e à sinistra de um sol, ambos de vermelho; em contra chefe assente na base do monte, uma ponte de três arcos de prata, sobre uma ponta onçada de faixetas de azul e prata. Coroa moral de cinco Torres de prata. Listel de prata com legenda a negro CIDADE DE MONTEMOR-O-NOVO.*

<sup>19</sup> A romã simboliza a prosperidade, devido às suas numerosas sementes, sendo a cor vermelha, sinal de felicidade. É também sinal de vida eterna.

ries, formando desenhos geométricos, tais como os que se encontram na Comunidade da Casa de Saúde do Telhal, em forma de cruz alta. O fruto permite, pela sua variada gama policromada, uma representação bastante ampla, tendo alguns pintores preterido o esquema figurativo, passando a representá-la de forma e compleição mais abreviada e estilizada. Realçam, no todo, as pinturas da romã que se expandem interligadas na heráldica e também *per si*. A figuração estética de Querubim Lapa<sup>20</sup>, em Montemor-o-Novo, imprime-lhe um ritmado sentido de movimento, quase lembrando as cearas alentejanas ao soprar do vento, tal como a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus se propagou pelos Continentes.

Os exemplos que temos da romã em território nacional localizam-se, fundamentalmente, nos complexos assistenciais da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, especialmente na Casa de Saúde do Telhal e Residência S. João de Deus, em Fátima. Dentro dos modelos encontrados, esta surge aplicada num puxador, em perfeita harmonia entre o azulejo e o alumínio, no ambiente utilitário duma paragem de autocarros, mas também sob a forma evocativa de efemérides e símbolo estilizado no portão de entrada dos complexos assistenciais.

Em Barcelos, na Casa de Saúde S. João de Deus, encontra-se, numa mina, um conjunto decorativo com azulejos fragmentados: o *embrachado*. Este forma-se a partir da romã, colocada no epicentro da fachada principal da mina, trabalhada em nicho, de onde sobressai copiosa concha para receber e conter a água. Envolvem a frontaria da fachada desenhos geométricos, sob a forma de volutas, realçando-se no todo do embrachado o emblemático fruto.

A romã é representada em dimensões e componentes artísticas diferenciadas, quer no registo existente na *Casa da Romã*<sup>21</sup>, na Casa de Saúde do Telhal, quer no monumento a S. João de Deus em Portimão.

---

<sup>20</sup> Representação esquemática da heráldica do Município de Montemor-o-Novo num painel do átrio dos Paços do Concelho.

<sup>21</sup> Também designada por Vivenda Romã.

No passado o fruto da romã foi diversas vezes pintado. Por vezes é acompanhado pelas siglas<sup>22</sup>, quer integrados em vasto conjunto decorativo quer em figura avulso, tal como encontramos no lambrim da *enfermaria velha* do Convento S. João de Deus em Montemor-o-Novo<sup>23</sup>.

Outros pequenos exemplos continuam a ser produzidos, mas devido à sua profusão não tem cabimento neste trabalho, pois identificamos os que têm mais significado artístico.



Heráldica Municipal de Montemor-o-Novo, séc. XX (1931),  
Montemor-o-Novo, Paços do Concelho.

<sup>22</sup> SALVADOR, 2006.

<sup>23</sup> Este elemento figurativo nada tem a ver com a representação da romã na Ordem Hospitaleira, mas sim com a figuração pictórica utilizada na arte chinesa e que por imitação chegou aos centros produtores europeus.

## S. João de Deus na toponímia

Os topónimos que analisamos referem-se a S. João de Deus e à respectiva Ordem Hospitaleira, através dos seus Irmãos Hospitaleiros, pois surgiram intencionalmente como forma de homenagear o Santo e a obra dos seus continuadores<sup>24</sup>.

Tracemos um quadro geral da toponímia actual de S. João de Deus no nosso país<sup>25</sup>. O saldo geral da pesquisa – evidentemente sujeita a falhas resultantes, nomeadamente, de deficiência das fontes – é de 104 topónimos, sendo estes referentes a 74 ruas, 8 bairros, 7 travessas, 5 avenidas, 3 largos, 1 azinhaga, 1 escadinha, 1 freguesia e 1 paróquia, 1 praça, 1 terreiro e 1 urbanização.

Quanto ao topónimo escolhido, 96 dos casos evocam directamente o nome de *S. João de Deus*, 2 o dia da sua morte, outros 2 a Ordem criada sob a sua inspiração. Também dos *Irmãos de S. João de Deus* há referência: o *Hospital de S. João de Deus*, em Lagos e, dos seus seguidores e membros da mesma Ordem, o *Irmão João José* e o *Irmão Ângelo da Silveira*, em Montemor-o-Novo.

Em termos geográficos, é o Alentejo que reúne maior número de topónimos, trinta em 19 concelhos diferentes, o que até se compreende, pela naturalidade de S. João de Deus e a existência, ao longo dos últimos séculos, de conventos e hospitais da respectiva Ordem nessa região. Nos restantes concelhos do país a concentração toponímica não ultrapassa os três casos por concelho, o que ocorre com Bragança, Lisboa, Loures e Oeiras.

A toponímia, como qualquer outro factor cultural, reflecte as preocupações e as concepções sobre a vida e o mundo dos povos que lhe

---

<sup>24</sup> O texto sobre a toponímia segue o trabalho de FONSECA, 2006, pp. 177-183. Entrada de Augusto Moutinho Borges e Jorge Fonseca.

<sup>25</sup> Utilizamos várias fontes de informação, desde textuais – a lista nacional do Código Postal, listas telefónicas, inventários artísticos, estudos de urbanismo e toponímia e documentos originais de arquivo – até ao contacto oral, por via telefónica ou por via directa.

dão origem. Deste modo, a profusão de designações ligadas a S. João de Deus e à sua Ordem Hospitaleira em Portugal, a maior parte delas de criação recente, evidencia bem quer a ligação afectiva à figura e obra de João Cidade quer, sobretudo, o reconhecimento do povo português pelo esforço e dedicação ao próximo dos seus continuadores.

Encontramos a toponímia em diversas tipologias de materiais. Genericamente, o material onde se inscreve o nome alusivo a S. João de Deus, à Ordem e aos Irmãos Hospitaleiros, abrange os suportes mais conhecidos: em pedra (granito, mármore), metal, acrílicos e azulejo. É este último género que nos interessa analisar. De norte a sul de Portugal continental e no espaço atlântico, o topónimo S. João de Deus tem diferentes motivos para a sua atribuição. O caso da cidade de Lagos, remete-nos para o tempo em que os Irmãos Hospitaleiros administravam e prestavam serviço, no antigo Real Hospital Militar, existindo a *Rua do Hospital S. João de Deus*, atribuído ao eixo viário onde se localizava esse edifício assistencial.

Analisada a ortografia, verificamos que não há uma uniformidade relativamente ao nome do Santo. Este aparece escrito de formas diferentes, *São* e *S.*, com e sem a preposição *de*, como no exemplo *Terreiro S. João de Deus* e *Rua de S. João de Deus*, o que se vai repercutir na distribuição azulejar variando, logicamente, o número de azulejos.

O modelo mais representado é o tradicional rectângulo 2x3 azulejos (dois de altura por três de largura) ou 3x4 azulejos, havendo apenas um exemplo, em Évora, que tem a forma oval. Os campos onde se inscrevem as legendas são de cor branca com legenda azul claro, com excepção da cidade de Évora em que é amarelo-torrado e legenda em azul muito escuro. De todos destacamos a placa toponímica do município de Oeiras.

Consideramos que os exemplos apresentados constituem, uma ampla visão alusiva à toponímia azulejar relacionada com S. João de Deus em Portugal. Raramente encontramos alguma assinatura dos pintores aludindo, quando existe, a referência ao centro produtor, nomeadamen-

te se a fábrica é de reconhecido nível produtivo, no contexto das manufacturas nacionais.



Rua de São João de Deus, séc. XX, Oeiras.



Terreiro de São João de Deus, séc. XX, Montemor-o-Novo.

## Capítulo 4

# CENTROS PRODUTORES

Ao desenvolver o presente estudo, deparamo-nos com a existência de diversos elementos temáticos que, não tendo um cabimento nos capítulos persecutórios, constituem fundamento de análise técnica da própria azulejaria.

No presente estudo procuramos ultrapassar os aspectos meramente figurativos e básicos, relativamente à existência da azulejaria de S. João de Deus. Desenvolvemos estudos comparativos entre a distribuição temporal e quanto aos locais onde se aplicam, se no interior ou exterior, da sua policromia, legendas, temática figurativa e quadros dos autores, assim como dos centros produtivos, pois estes constituem valioso contributo para a definição identificativa.

Desta forma estamos convictos que os leitores vão ter, de forma directa, uma visão global de todo o conjunto temático e agrupado.

Lamentavelmente não nos foi possível introduzir, nesta parte do trabalho, nenhum elemento relacionado com a documentação de contabilidade, pois os centros produtores consultados informaram-nos que os registos ou não existem, ou nunca foi sua preocupação manterem

esses elementos. Desapareceram por um qualquer motivo, damos novamente como exemplo o incêndio que a Fábrica de Sant'Anna sofreu na década de 1980, destruindo a totalidade do seu arquivo histórico.

Em virtude de, muitas das vezes, os estudos e os cartões de trabalho serem propriedade privada, só conseguimos localizar dois exemplares em Portugal, apesar de inúmeras tentativas feitas junto aos actuais herdeiros, hipotéticos detentores desse espólio artístico.

Relativamente aos autores, alguns registos não estão assinados, havendo apenas algumas assinaturas ou iniciais dos mesmos, surgindo casos concretos de nomes e siglas, identificando-se assim os centros produtores.

Os centros fabris, de que temos referência, indicam estarmos perante ciclos artísticos e económicos diferenciados, dependendo o resultado da obra, da vontade do encomendador e dos locais para onde esta ia, ou vai, ser colocada.

Essencialmente as encomendas recaíram na Fábrica de Cerâmica Sant'Anna, em Lisboa, mas também na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego, em Sintra, na Fábrica de Cerâmica das Devezas, em Vila Nova de Gaia e na Cerâmica Micaelense, na Ribeira Grande.

Nos exemplares que estudamos surgem-nos centros produtores de cariz privado mas, infelizmente, sem grandes alusões à origem fabril, motivo pelo qual é difícil localizar a sua origem.

Alguns dos centros produtores ainda se encontram activos, enquanto outros, por diferentes motivos, encerraram as suas portas. Dos que ainda laboram realçamos as Fábricas de Sant'Anna, Viúva Lamego e Micaelense, onde trabalharam nas suas oficinas grandes Mestres da arte cerâmica em Portugal. Dos seus nomes falaremos em capítulo próprio.

De todos os centros produtores destacamos, pela quantidade e qualidade pictórica dos elementos figurativos, a Fábrica de Cerâmica de Sant'Anna, implantada em Lisboa, desde 1778<sup>1</sup>.

As encomendas datam, essencialmente, da década de 1950, integradas nas comemorações do *IV Centenário da Morte de S. João de Deus*.

---

<sup>1</sup> Localizada na Calçada da Boa-Hora, em Lisboa.

Na altura foram realizadas duas importantes obras, a capela nova da Casa de Saúde do Telhal, 1951-1953, e a capela do Hospital Infantil S. João de Deus, 1953-1954.

Outras obras destes centros produtores, mesmo que não identificadas, estão sempre vinculadas pela proximidade de quem encomenda o produto artístico.

Podem ser de iniciativa própria ou por indicação de alguém que sugere o seu trabalho para novas encomendas. Damos o exemplo do belíssimo conjunto de painéis e lambrins que decoram a escadaria principal do Hospital Militar de Belém, estes datados já da década de 1960.

Referimos que a Fábrica de Sant'Anna está localizada a cerca de 500 metros de distância, do citado Hospital Militar, motivo pelo qual, e naturalmente, terá prevalecido a sua escolha para a concepção de tal trabalho<sup>2</sup>. Coincidência, ou não, foi este centro que produziu, desde 1940 (1.<sup>a</sup> fase) e 1950 (2.<sup>a</sup> fase), os maiores conjuntos de painéis sobre o Santo.

Relativamente ao século XVII não há qualquer referência aos centros produtores, mesmo que as obras estejam focalizadas no Convento-Hospital de Montemor-o-Novo, especificamente na igreja conventual e na *enfermaria velha*. Neste último caso era mais uma prática higienista, tal como se desenvolveu no Hospital S. João de Deus em Granada<sup>3</sup>. A semelhança decorativa destes azulejos com outros existentes no país, remetem-nos para uma atribuição fabril de algum centro produtor de Lisboa<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Confirmação da autoria dada na própria fábrica, apontando o Mestre Rogério do Amaral como seu autor, para além da sua assinatura com as iniciais RA (Rogério do Amaral).

<sup>3</sup> Vide LARIOS LARIOS, 2006.

<sup>4</sup> Vide artigo azulejar sobre o tema in *Revista Património Estudo*, n.º 4, IPPAR, 2003, pp. 168-179.

## Fábricas, ateliers e oficinas

O universo fabril que produziu azulejos com motivos alusivos a S. João de Deus, percorre a totalidade dos centros nacionais. Mesmo que não estejam representadas todas as fábricas<sup>5</sup>, pelo menos estão as principais, de norte a sul de Portugal e também das Ilhas Açorianas.

Consideramos que os centros produtores foram de três variedades: as Fábricas, os Ateliers e as Oficinas estando, nalguns casos concretos, devidamente identificados, quer pelo nome da Fábrica, do Mestre ou Oficina. Nalguns exemplares sabemos, por analogia ou composição de cores, matérias e técnica de cozedura, qual a Fábrica onde os Mestres mandaram finalizar os seus trabalhos<sup>6</sup>.

Os centros produtores que localizamos são: *Fábrica de Cerâmica Aleluia* (Aveiro), *Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego* (Sintra), *Fábrica de Cerâmica Constância* (Lisboa), *Fábrica de Cerâmica Sant'Anna* (Lisboa), *Fábrica de Cerâmica das Devezas* (Vila Nova de Gaia) e *Fábrica de Cerâmica Micaelense* (S. Miguel, Açores).

No entanto há silhares, lambrins, painéis e registos que foram produzidos em oficinas e ateliers próprios, sendo os motivos diversificados. Consideramos alguns casos específicos como os assinados por A. d'Almeida (1930), na Casa de Saúde do Telhal e na Casa de Saúde S. João de Deus, em Barcelos, de *Jorge Colaço* (1934), no Hospital da Misericórdia, em Lamego, de *Lino António* (1965), no Hospital Infantil S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, e de *Querubim Lapa* (1982), também em Montemor-o-Novo nos Paços do Concelho, em que as encomendas foram realizadas directamente aos Mestres, motivo pelo qual não aparece a fábrica mas sim o nome do autor associado ao seu próprio atelier.

---

<sup>5</sup> Não localizamos nenhuma proveniência das Fábricas Carvalhinho, Cavaco, ou de Viana.

<sup>6</sup> Sobre Lino António, 1965, apesar de não estar identificada a fábrica atribuímos, por informação administrativa, a cozedura à Fábrica Viúva Lamego.

Recentemente outros centros produtores, de expressão menos relevante, foram responsáveis por diversos painéis e registos, versando a obra de S. João de Deus. Destacamos a *Atrioescola*, em Portimão, a *Azularte*, em Lisboa, a *Azulejos Fachada*, em Sintra, e a *Oficina Ergoterápica da Casa de Saúde de S. João de Deus*, em Barcelos. Também na Casa de Saúde do Telhal se produziram diversos azulejos avulsos, integrados nas oficinas ergoterápicas, que não tiveram projecção e desenvolvimento produtivo.

Encontramos alguns exemplos, onde apenas surge referenciada a Fábrica, sem identificação do pintor e da data, coincidindo com o período que os impedia de assinarem o que pintavam, pois como trabalhavam para a Fábrica apenas esta consta da identificação. Por tal motivo, não podemos afirmar quem é o autor das obras que temos vindo a analisar.

De todos os centros produtores contactados, fomos informados da inexistência de arquivos<sup>7</sup>, o que também não nos permite atribuir al-

---

<sup>7</sup> Após o levantamento dos centros produtores contactamo-los, um a um, para saber da possibilidade de consultar os seus arquivos, na tentativa de localizar notas de encomenda, desenhos, custos ou outros elementos que permitissem enriquecer o nosso levantamento. As tentativas foram em vão, não encontrando as informações que procurávamos. A Fábrica Constância abriu falência em 2002. Por contacto telefónico com o anterior proprietário, D. Francisco de Almeida e com a Dr.<sup>a</sup> Alice Lázaro, autora do trabalho de *Leopoldo Battistini em Portugal, 2003*, referiram não haver documentação, e a pouca que havia era anterior a 1934. A documentação da Fábrica de Sant'Anna ardeu no incêndio que decorreu nos seus escritórios, perdendo-se os registos anteriores à data mencionada. A Fábrica das Devesas fechou as suas portas em 2001, não havendo possibilidade de consultar os seus arquivos, valendo-nos o estudo de Manuel Leão, 1999. As Fábricas Micaelense e Aleluia, que muito atenciosamente se prontificaram a datar (por década) o registo que lhes enviamos para análise, deram-nos um leque de quem poderiam ter sido os autores. Contactada a família de Lino António, e por motivos de partilhas entre filhos e netos, localizaram o estudo do painel para a Escola dos Hospital Infantil de Montemor-o-Novo, assim como de outros desenhos que realizou sobre S. João de Deus. A Oficina Atrioescola deixou de produzir, e a Junta de Freguesia de Portimão já não tem a nota de encomenda nos arquivos. A Fábrica Viúva Lamego respondeu-nos como os anteriores, não tendo registos do período que solicitamos.

guma das autorias apresentadas.

Por vezes, os Mestres eram seguidos pelos antigos alunos, que procuravam continuar as pisadas dos seus patronos, trabalhando com os centros produtores que já conheciam por experiência laboral. Damos o exemplo de Querubim Lapa, que influenciado por Lino António, escolheu a Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego para cozer os painéis existentes na escadaria nobre da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo<sup>8</sup>.

Doutros centros produtores não há nenhuma alusão, com exceção do registo de *S. João de Deus com uma criança ao colo* que se encontra na parede de uma habitação em Montemor-o-Novo<sup>9</sup>.

### Identificação das fábricas e oficinas

<b>Fábricas e oficinas</b>	<b>Localidade</b>
ALELUIA / AVEIRO	Aveiro
ATRIOESCOLA	Portimão
AZULARTE / LISBOA	Lisboa
CERÂMICA – CSSJD (Casa de Saúde S. João de Deus)	Barcelos
BARCELOS-PORTUGAL	
Cerâmica Micaelense / R. Grande	Ribeira Grande
F. <sup>ca</sup> C. <sup>ca</sup> Constância (Fábrica de Cerâmica Constância)	Lisboa
Fábrica Cerâmica das Devezas. Gaya	Vila Nova de Gaia
F.ca José Domingos / Gaia <sup>10</sup>	Vila Nova de Gaia

<sup>8</sup> Destes painéis interessam-nos o símbolo heráldico e a romã que Querubim Lapa pintou.

<sup>9</sup> Rua Gil Vivente, Lote 16, com as letras identificativas VL (Viúva Lamego).

<sup>10</sup> Não conseguimos identificar o autor nem o centro produtor. No levantamento realizado por LEÃO, 1999, não há referências a esta fábrica.

FABRICA S <sup>t</sup> ANNA FABRICA SANT' ANNA F. <sup>ca</sup> St. <sup>a</sup> ANNA FCA STA ANNA F. <sup>ca</sup> S. <sup>t</sup> ANNA S <sup>t</sup> ANNA (Fábrica de Sant' Anna)	Lisboa
AZULEJOS FACHADA / SINTRA	Sintra
V.L. (Viúva Lamego) <sup>11</sup>	Sintra

## Mestres e pintores

Ao longo de toda a produção realizada em torno da temática azulejar, verificamos níveis de grande realismo pictórico, mas também exemplos de alguma ingenuidade artística, nomeadamente pela grande mestria dos seus autores e inexperiência de outros.

Nos séculos mais recuados, apesar de os painéis não estarem assinados, José Meco<sup>12</sup> atribui ao painel exterior que se encontra na varanda voltada ao Tejo no Convento-Hospital de S. João de Deus, na Pampulha, em Lisboa, ao século XVIII, cerca de 1740. O seu autor é o português Valentim de Almeida, com base numa gravura do holandês Otto van Veen.

Quanto ao autor do conjunto monumental que decora o átrio de entrada, do referido Convento, é totalmente omissos, não lhe fazendo qualquer menção.

<sup>11</sup>Nos exemplares que analisamos, a única referência e alusão à Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego, é através das letras V. L..

<sup>12</sup> MECO, 1999, pp. 28-31.

As gravuras que serviram de modelo, tem a sua origem na obra de Frei António de Gouveia, de 1659, as quais se continuaram a imprimir em livros, dos quais realçamos o de Manuel Trinchera, em 1773<sup>13</sup>.

Das obras que nos chegaram dos séculos XVII, XVIII e XIX, temos algumas referências quanto aos seus autores (Convento-Hospital S. João de Deus, em Lisboa, Valentim de Almeida, Hospital Termal das Caldas da Rainha, António Roíz, e Capela Real do Paço das Passagens, Vendas Novas, Oliveira Bernardes<sup>14</sup>), reconhecendo que os modelos originais deram origem a outros exemplares decorativos.

O conjunto de painéis que se encontram na Capela Real, anexo ao Paço das Passagens em Vendas Novas, tem como modelo uma gravura onde o Santo, coadjuvado pelo Arcanjo S. Rafael, ampara um doente que jaz no chão numa enfermaria. Encontramos em Lisboa, no Hospital de S. José<sup>15</sup>, o mesmo modelo iconográfico, mas cujo pintor não foi o mesmo, apesar das referências identificativas constituírem conjecturas analíticas.

É no século XX que começamos a ter certezas, quanto aos mestres e pintores que executaram as encomendas alusivas a S. João de Deus, pois as assinaturas, quer por iniciais, usando siglas, quer pelo nome artístico e profissional, foram assumidas pelos próprios. Estas tanto estão integradas nos emolduramentos ou cenografia da obra, como colocadas em campo visual que permite a fácil identificação das mesmas. Forçosamente temos de mencionar os mais conhecidos, sem desprimor pelos outros. Citamos por ordem cronológica Mestre Teixeira Lopes (Pai)<sup>16</sup>, 1908, Jorge Colaço, 1930<sup>17</sup>, Leopoldo Battistini,

---

<sup>13</sup> A análise destas gravuras teve como primeiro estudo o artigo de GIÃO, 1950, pp. 223-232.

<sup>14</sup> ESPANCA, 1974, pp. 325-326.

<sup>15</sup> VELOSO, 1996, p. 71; PINA, 2007, p. 124; BORGES, 2007, pp. 267-270 e BORGES, 2009, p. 59.

<sup>16</sup> LEÃO, 1999.

<sup>17</sup> COLAÇO, 1937.

1934<sup>18</sup>, Rogério do Amaral, 1949 a 1954<sup>19</sup>, Lino António, 1965<sup>20</sup>, e Querubim Lapa, 1982.

Não menos importantes há outros pintores que deixaram as suas obras em trabalhos de menores dimensões, como em painéis, como o pintor A. d'Almeida, 1930, ou mais recentemente no Telhal, em Évora, Barcelos, S. Miguel e Funchal.

Facto único em que a identificação é feita em simultâneo, é o que se encontra na Igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça, no Funchal, onde se referencia o Mestre e o Pintor. Naturalmente que tal fenómeno é comum nas oficinas e ateliers, em que o Mestre é o responsável pelas pinturas de pormenor, como rostos, corpos, animais, utensílios, paisagens e arquitectura, enquanto os pintores e aprendizes se encarregavam de pintar os elementos decorativos de menor responsabilidade, como os emolduramentos, folhagens, volutas, obeliscos, legendas, etc.<sup>21</sup>.

Por vezes as obras não estão assinadas, o que acontece mais nos registos<sup>22</sup>.

Em análise crítica, verificamos que até ao século XX os painéis não estão identificados, surgindo neste século a identificação fabril e do autor nos silhares e painéis<sup>23</sup>, enquanto nos registos nem sempre seguem esta norma. Nos

---

<sup>18</sup> LAZARO, 2003.

<sup>19</sup> Informações da Fábrica de Sant'Anna. Rogério Amaral, pintor com atelier na Fabrica Sant'Anna, onde trabalhou entre 1945 a 1985, executou diversos trabalhos na área da pintura decorativa em azulejos, com maior destaque em cenas figurativas da época: caçadas, temática religiosa, entre muitos outros. Ainda na Fábrica Sant'Anna, desenvolveu e dinamizou o atelier de moldes, tendo criado diversos baixos relevos. Foi ainda um notável executor de esculturas em faiança. Na cerâmica Sant'Anna sempre foi conhecido como um grande conhecedor e criador de arte, possuindo uma enorme facilidade na execução de qualquer projecto. Colaborou directamente com o Teatro Nacional de S. Carlos, na execução de cenários de ópera. Colaborou com a direcção do Parque Mayer na execução de painéis publicitários de teatros e de revistas. Já nos seus últimos anos de vida, integrou-se no atelier de Pintura da Rua das Taipais, n.º 12 – 2.º Dt.º em Lisboa, executando diversas pinturas em óleo sobre tela.

<sup>20</sup> Vide Catálogo da exposição retrospectiva, LEANDRO, 1998.

<sup>21</sup> Ângelo Manuel Pereira concebeu e pintou o painel na sua totalidade.

<sup>22</sup> Só a partir da década de 1980 é que os pintores começam a assinar as suas obras. Por tal facto, e sendo a maioria dos registos decorados por pintores, estes não aparecem assinados.

<sup>23</sup> Podem ser acoplados ou individualizados.

finais do século XX as encomendas são, por vezes, feitas a pintores em autonomização dos grandes centros produtores, trabalhando, normalmente, em regime de pequena empresa, sendo artífices e simultaneamente empresários. Destacamos os pintores, que através da ergoterapia<sup>24</sup> conceberam interessantes registos alusivos à vida e obra Hospitaleira, deixando exemplares pictóricos de bastante realismo, pese a sua técnica ser de cariz intuitiva.

Sabemos que os Mestres desenvolviam a sua arte em estreita colaboração com os Pintores sendo os primeiros, até determinada altura, os únicos a assinarem as obras, mantendo-se assim a hierarquia de classes profissionais, a qual se foi diluindo até aos nossos dias.

### Mestres e pintores

Nome	Actividade profissional	Centro produtor	Ano
A. d'Almeida	pintor e ceramista		1930 1935
Fr. Alberto Pereira Coutinho	Irmão Hospitaleiro de S. João de Deus		1988
Ângelo Manuel Pereira	pintor e ceramista	Azularte, Lisboa	2004
António Limas	pintor	Aleluia, Aveiro	1973 (?)
António Roíz	pintor e ladrilhador	Lisboa	1747- 1750
Belicha	pintor e ceramista		1992
Carlos Inácio		Barcelos	2002
Fernando Humberto, F. H.	pintor	Viúva Lamego, Sintra	1950

<sup>24</sup> Forma ocupacional para os doentes internados nas Casas de Saúde da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. Sobre este tema sugerimos uma leitura da obra de CEBOLA, 1925.

José Hilário Portela, JHP	pintor, escultor, ceramista	Cerâmica-CSSJD Barcelos, Portugal	1995 2007
Ilídio Machado	pintor e ceramista	Cerâmica Micaelense, Ribeira Grande	1996
J. Domingos	pintor e ceramista	Fábrica José Domingos, Vila Nova de Gaia	1948
Jorge Colaço	pintor e ceramista	Viúva Lamego, Sintra	1934
José Joaquim Moreira de Sousa	escultor e ceramista	Atrioescola, Portimão	1996
José Lúcio	mestre	Azularte, Lisboa	2004
Leopoldo, L. Battistini	pintor e ceramista	Constância, Lisboa	1934
Lino António	pintor e ceramista	Viúva Lamego, Sintra	1965
Loly		Casa de Saúde do Telhal	1995
Lourdes Amado, LA	formadora terapia ocupacional	Casa de Saúde do Telhal	1994
Manuela Soares	pintora e ceramista	Viúva Lamego, Sintra	1982
Policarpo de Oliveira Bernardes	pintor e ladrilhador		1728
Querubim (Lapa)	escultor, pintor e ceramista	Viúva Lamego, Sintra	1992
Rogério do Amaral, R.A.	pintor e ceramista	F. Cerâmica Sant'Anna, Lisboa	1949 1950 1951 1954 1958

Rui de Melo	pintor	Azulejos Fa- chada, Sintra	1998
S/A		Viúva Lamego, Sintra	1946
Teixeira Lopes (Pai)	pintor e ceramista	F. Cerâmica De- vezas, Vila Nova de Gaia	1908
Valentim de Al- meida	pintor e ladrilhador	Lisboa	c. 1730- 1735

## Legendas e datas

Em quase todos os conjuntos azulejares, encontramos legendas referentes aos motivos pictóricos, representados sobre a vida e obra de S. João de Deus. A maior concentração de legendas, localiza-se nos conjuntos de painéis existentes nas capelas da Casa de Saúde do Telhal e do Hospital S. João de Deus em Montemor-o-Novo<sup>25</sup>.

Noutros exemplares também podem existir legendas que, sendo casos esporádicos, reflectem o conceito visual de explicar rapidamente a cenografia pintada reforçando-se, através da legendagem, o que está para além da própria representação.

As legendas dos séculos XVIII e XIX são extremamente objectivas, aludindo ao nome do Santo, colocadas em cartelas na base dos painéis e registos. No Convento-Hospital de S. João de Deus em Lisboa não há nenhuma legenda, pois esta era, naturalmente, desnecessária, em virtude dos seus locais estarem familiarizados com a vida do Santo.

Na Capela S. João de Deus, na Praça de Olivença, existe uma pequena legenda, escrita em castelhano, que alude ao facto do vaticínio que o Menino

<sup>25</sup> As legendas existentes, nos Centros referidos, foram inspiradas na obra gráfica de Manuel Trinchera, 1773.

Jesus diz a João Cidade: “*Juan. granda sera tu Crus*”<sup>26</sup>. Apesar de ter sido mal transcrita, *granda* alude a Granada, este equívoco só foi detectado em 2009 pelo Dr. Servando Rodriguez Franco, motivo pelo qual a devoção da Capela era dedicada a St.º António. Após a leitura correcta da legenda foi possível identificar o seu verdadeiro patrono.

É já no século XX que as legendas e datas começam a estar presentes nos exemplares analisados baseando-se, muitas vezes, nas descrições figurativas que acompanham as estampas. Por sua vez as datas subjacentes certificam, mesmo que aproximadamente, os anos de produção.

Em 1948-1949, o Pe. João Gameiro, OH, foi o autor das legendas que foram inscritas, nas já citadas capelas da Casa de Saúde do Telhal e do Hospital Infantil S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, baseando-se nas fontes iconográficas que já foram desenvolvidas no Capítulo 1.

Da generalidade sobressai a legenda que o Dr. Almeida e Sá<sup>27</sup> escreveu, e que foi aplicada no painel concebido por Lino António, em 1965: “*A sua generosidade só frutificará, / quando for compreendido pela / riqueza do seu espírito*”, e que reflecte a essência da Hospitalidade praticada por S. João de Deus.

No painel existente no claustro do Centro de Saúde Militar, em Évora, uma legenda escrita em castelhano identifica a proveniência do modelo, pelo qual a autora se baseou para pintar a evocação de *S. João de Deus na enfermaria com o doente acamado*, com a legenda “*No mireis mi valor mirad mi zelo*”<sup>28</sup>.

No Salão Nobre da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, o painel alusivo a S. João de Deus tem uma legenda descritiva da cenografia reproduzida: “*Os elementos históricos / foram fornecidos por / Manoel S. Claro*”<sup>29</sup>.

---

<sup>26</sup> Informação dada pelo Dr. Servando Rodriguez Franco, a quem agradecemos. O alerta para a existência deste conjunto foi dado pelo Dr. Alfonso Limpo, Director da Biblioteca Municipal de Olivença a quem manifestamos os nossos agradecimentos.

<sup>27</sup> SÁ, 1990. O painel encontra-se na antiga Escola do Hospital Infantil de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo.

<sup>28</sup> Na actualidade continuamos a ver a utilização de estampas e gravuras, que servem de base para os pintores reproduzirem os seus trabalhos, independentemente da nacionalidade.

<sup>29</sup> Para mais informação vide ANDRADE, 1982.

## Legendas

<b>Local</b>	<b>Autor</b>	<b>Legenda<sup>30</sup></b>	<b>Data</b>	<b>Objecto</b>
Angra do Heroísmo, Casa de Saúde S. Rafael		<i>S. JOÃO DE DEUS ASSISTINDO A UM MORIBUNDO.</i>	c. 1950	Interior
Angra do Heroísmo, Casa de Saúde S. Rafael		<i>S. JOÃO DE DEUS AJUDADO POR S. RAFAEL</i>	c. 1950	Exterior (actualmente)
Barcelos, Casa de Saúde S. João de Deus	J. Domingos	<i>S. JOÃO DE DEUS, LAVANDO UM ENFERMO AO SEU HOSPITAL. É AJUDADO PELO ARCANJO S. RAFAEL.</i>	1930	Exterior
Barcelos, Casa de Saúde S. João de Deus	José Hilário Portela	<i>S. JOÃO DE DEUS 5º CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO 1495-1995</i>	1995	Interior
Barcelos, Casa de Saúde S. João de Deus	José Hilário Portela	<i>Montemor-o-Novo / Barcelos 1495-1995 5º CENTENÁRIO do NASCIMENTO de S. João de Deus</i>	1995	Interior
Caldas da Rainha, Hospital Termal	António Roíz	<i>SÃO JOÃO DE DEOS LAVANDO OS PÉS A CHRISTO S. N. EM FIGURA DE POBRE Q. SE DEO A CONHECER PELO RESPALDAR DE HUMA D SVA CHAGAS</i>	1747/ 1750	Interior

<sup>30</sup>Na transcrição das legendas foi respeitado o grafismo original.

Évora, Centro de Saúde Militar	Manuela Soares	<i>NO MIREIS MI VALOR MIRAD MI ZELO</i>	1982	Interior
Fão, Hospital da Santa Casa da Misericórdia		<i>S. JOÃO DE DEUS; IRMÃOS FAZEI O BEM A VÓS MESMOS (dando esmola); TUDO PERECE: SÓ A BOA OBRA PERMANECE. MÁXIMA DO SANTO</i>	1950	Exterior
Lamego, Hospital da Santa Casa da Misericórdia	Jorge Colaço	<i>S. JOÃO DEUS FUNDADOR DA ORDEM DE HOSPITALIDADE</i>	15 de Janeiro de 1934	Interior
Lisboa, Hospital de S. José		<i>S. IOÃ DE DEOS</i>	1.º quartel do século XIX	Interior
Lisboa, Sede da OHSJD	Carlos Inácio	<i>IRMÃOS NUNCA VOS ESQUEÇAIS DOS QUE SOFREM</i>	2002	Interior
Lisboa, Sede da OHSJD	Carlos Inácio	<i>SEREI O SERVO PARA SERVIR OS QUE SOFREM</i>	2002	Interior
Lisboa, Sede da OHSJD	Carlos Inácio	<i>MEU DEUS OLHA PELOS MEUS IRMÃOS DOENTES</i>	2002	Interior
Montemor-o-Novo, centro urbano		<i>S. JOÃO DE DEUS</i>		Exterior

Montemor-o-Novo, centro urbano		<i>NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E S. JOÃO DE DEUS ABENÇOAI OS HABITANTES DESTE BAIRRO</i>		Exterior
Montemor-o-Novo, centro urbano		<i>S. JOÃO DE DEUS</i>		Exterior
Montemor-o-Novo, Hospital Infantil S. João de Deus, Escola Primária	Lino António	<i>A SUA GENEROSIDADE FRUTIFICARÁ QUANDO FOR COMPREENDIDO PELA RIQUEZA DO SEU ESPÍRITO – ALMEIDA E SÁ</i>	1965	Interior
Montemor-o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS PASTOR EM OROPESA. FELIZES AQUELES CUJA VIDA NÃO TEM MANCHA QUE ANDAM SEGUNDO A LEI DE DEUS.</i>	1952	Interior
Montemor-o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>JOÃO DE DEUS. GRANADA SERÁ A TUA CRUZ.</i>	1952	Interior

Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>“FELIZES OS QUE SO- FREM PERSEGUIÇÃO POR AMOR DA JUS- TIÇA, PORQUE DELES É O REINO DOS CÉUS.”</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS RE- CEBENDO OS CONSE- LHOS DE UM DIREC- TOR ESPIRITUAL BE- ATO JOÃO D’ÁVILA.</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>NOSSA SENHORA E S. JOÃO EVANGELISTA TI- RAM DA CABEÇA DE JESUS A CORÔA DE ES- PINHOS E A PÕEM NA DE S. JOÃO DE DEUS.</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>TOMA, JOÃO, O MEU DIVINO FILHO E APRENDE A VESTI-LO.</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS CON- VIDA OS DOENTES A ENTRAR NO SEU HOS- PITAL. “VINDE A MIM TODOS OS QUE SO- FREM E ANDAIS ACRA- BRUNHADOS E EU VOS SALVAREI”</i>	1952	Interior

Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS É AJUDADO A LEVAR UM DOENTE PELO ARCANJO S. RAFAEL.</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS VESTE OS MENINOS POBRES DE GRANADA. “VEM BENDITO DE MEU PAI, PORQUE EU ESTAVA NU E ME VESTISTE!”</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>“MAIS FORTE O AMOR QUE DENTRO O AR- DIA QUE AS CHAMAS QUE DE FORA CRE- PITAVAM” S. JOÃO DE DEUS SALVA OS DO- ENTES DO INCÊNDIO DO HOSPITAL REAL DE GRANADA.</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>JOÃO, TODO O BEM QUE FAZES AOS PO- BRES É A MIM MESMO QUE O FAZES.</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>TUDO PERECE, SÓ A BÔA OBRA PERMA- NECE.</i>	1952	Interior

Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>NOSSA SENHORA COM S. RAFAEL E S. JOÃO EVANGELISTA ASSISTE A S. JOÃO DE DEUS NA SUA AGONIA</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Capela do Hospital S. João de Deus	Rogério do Amaral	<i>VINDE BENDITOS DO MEU PAI PORQUE TIVE FOME E DESTE-ME DE COMER, TIVE SEDE DESTE-ME DE BEBER.</i>	1952	Interior
Montemor- -o-Novo, Salão Nobre dos Paços do Concelho de Montemor-o- Novo	Leopol- do Battis- tini	<i>S. JOÃO DE DEUS DANDO ESMOLA AOS POBRES DE GRANADA. MDXLVI</i>	1934	Interior
Olivença, Igreja da Madalena, Capela de S. João de Deus		<i>Juan. gran(a)da sera tu Crus</i>	c. 1740	Interior
S. Miguel, Casa de Saúde S. Miguel		<i>Homenagem à dedicação e espírito de ajuda dos Ir- mãos de S. João de Deus, Colaboradores, Voluntá- rios, Benfeitores e Uten- tes da história desta Casa. No 1 Ano do III Milénio Ano Internacional do Vo- luntariado Dia da Saúde Mental 7.04.2001</i>	7 de Abril de 2001	Exterior

S. Miguel, Cemitério da Freguesia do Nordeste	António Limas	<i>S. JOÃO DE DEUS</i>	c. 1973	Exterior
S. Miguel, Cemitério da Freguesia do Nordeste	António Limas	<i>JOÃO DE DEUS VAS- CONCELOS RAPOSO NASCEU A 9-7-1951 FALECEU A 12-7-1972 FILHO ADORADO: QUANTO CAMINHASTE / EU SEI QUE NÃO MORRESTE; APENAS TE AUSENTASTE, / PARA ESPAÇO DIS- TANTE, COM MUITOS AFAZERES / QUE O TEMPO TE OCUPA EM CELESTIAIS PRAZERES. ACOMPANHANDO DEUS. QUE A SI TE QUIZ CHAMAR / NÃO TE SOBRA TEMPO P'RA VIR-NOS VISITAR. / MAS PAIRA SOBRE NÓS A ESPERANÇA / DE UM DIA, MITIGAR TUA LEMBRANÇA / NO EN- CONTRO ETERNO, POR NÓS TÃO PROCURADO, / ONDE A SAUDADE NÃ TEM SIGNIFICADO, PAIS</i>	c. 1973 <sup>31</sup>	Exterior

<sup>31</sup>A data provável da pintura, assim como o seu autor, foi atribuída pela Fábrica de Cerâmica Aleluia.

Telhal, Casa de Saúde do Telhal	Rogério Amaral	<i>ENCERRAMENTO DO ANO MARIANO; 8-12-1954</i>	8 de Dezembro de 1954	Exterior
Telhal, Casa de Saúde do Telhal	A. H.	<i>Recordação do IV Centenário da sua morte</i>	1950	Exterior
Telhal, Casa de Saúde do Telhal	José Joaquim Teixeira Lopes (Pai)	<i>SÃO JOÃO DE DEUS</i>	1908	Interior
Telhal, Casa de Saúde do Telhal	A. d'Almeida	<i>SÃO JOÃO DE DEUS AJUDADO PELO ARCANJO S. RAFAEL A CONDUSIR UM DOENTE AO SEU HOSPITAL EM GRANADA</i>	1930	Exterior
Telhal, Casa de Saúde do Telhal	A. d'Almeida	<i>S. JOÃO DE DEUS RECEBENDO DO ARCANJO S. RAFAEL PÃO PARA OS SEUS ENFERMOS</i>	1930	Interior
Telhal, Casa de Saúde do Telhal	A. d'Almeida	<i>S. JOÃO DE DEUS AJUDADO PELO ARCANJO S. RAFAEL ASSISTINDO A UM DOENTE ENFERMO</i>	1930	Interior

Telhal, Casa de Saúde do Telhal		<i>V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE S. JOÃO DE DEUS; S. JOÃO DE DEUS</i>	1995	Exterior Abrigo, apeadeiro rodoviário
Telhal, Casa de Saúde do Telhal	L. A. (Lourdes Amado)	<i>Vivenda da Romã</i>	1994	Exterior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>ACTIVIDADES DA ORDEM HOSPITALEIRA DE S. JOÃO DE DEUS</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS PASTOR EM OROPESA. FELIZES AQUELES CUJA VIDA NÃO TEM MANCHA. QUE ANDAM SEGUNDO A LEI DE DEUS.</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>JOÃO, TODO O BEM QUE FAZES AOS POBRES É A MIM MESMO QUE O FAZES.</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS É AJUDADO A LEVAR UM DOENTE PELO ARCANJO S. RAFAEL.</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS MORRE DE JOELHOS E FICA NA ATITUDE DE ORAR.</i>	1950	Interior

Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>NOSSA SENHORA COM S. RAFAEL E S. JOÃO EVANGELISTA ASSISTE A S. JOÃO DE DEUS NA SUA AGONIA</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>SÃO JOÃO DE DEUS DESPEDE-SE DOS SEUS DOENTES PARA SE RECOLHER AO LEITO DE MORTE</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>“MAIS FORTE FOI O AMOR QUE DENTRO ARDIA QUE AS CHAMAS QUE DE FORA CREPITAVAM.” SÃO JOÃO DE DEUS SALVA OS DOENTES DO INCENDIO DO HOSPITAL REAL DE GRANADA.</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>TOMA, JOÃO, ESTE PÃO DA DISPENSA DO CEU!</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS CONSOLA OS DOENTES E RESA COM ELES.</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>FELIZES OS QUE SOFREM PERSEGUIÇÃO POR AMOR DA JUSTIÇA, PORQUE DELES É O REINO DOS CEUS.</i>	1950	Interior

Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>NOSSA SENHORA E S. JOÃO EVANGELISTA, TIRAM DA CABEÇA DE JESUS A COROA DE ESPINHOS E A POEMA DE S. JOÃO DE DEUS.</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>TOMA, JOÃO, MEU DIVINO FILHO E APRENDE A VESTI-LO!</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS VESTE OS MENINOS DE GRANADA. “VEM BEMDITO DE MEU PAI, PORQUE EU ESTAVA NU E ME VESTISTE!”</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS CONVIDA OS DOENTES A ENTRAR NO SEU HOSPITAL. “VINDE A MIM TODOS OS QUE SOFREIS E ANDAIS ACABRUNHADOS E EU VOS ALIVIAREI.”</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS RECEBE O HÁBITO RELIGIOSO. “REVESTI-VOS DE N. S. JESUS CRISTO!”</i>	1950	Interior

Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS CAI DE UMA ÉGUA, E É SO-CORRIDO POR NOSSA SENHORA.</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>O PATROCÍNIO DE N. SENHORA.</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>S. JOÃO DE DEUS NA GLÓRIA CELESTE.</i>	1950	Interior
Telhal, Capela da Casa de Saúde do Telhal	Rogério do Amaral	<i>JOÃO DE DEUS. GRANADA SERÁ A TUA CRUZ!</i>	1950	Interior
Vendas Novas, Paço das Passagens, Capela Real	Polícarpo de Oliveira Bernardes	<i>S. Juaõ. de Deus.</i>	1728	Interior



S. João de Deus, séc. XVIII, Pormenor painel da Capela Relá do Paço das Passagens.

# Capítulo 5

## ANEXOS

Ao desenvolvermos o estudo sobre a azulejaria de S. João de Deus em Portugal, constatamos a existência de um valioso património que deve ser valorizado e divulgado. Este encontra-se relacionado especificamente com a vida e a obra do Santo, ou integrado num complexo conjunto decorativo, abordando cenas profanas, tais como no Salão Nobre dos Paços do Concelho em Montemor-o-Novo, e religiosas, como na Capela Real do Paço das Passagens, em Vendas Novas, na Capela de S. João de Deus, na Igreja da Madalena, em Olivença, ou no átrio de entrada do Hospital da Misericórdia de Lamego, na referida cidade.

Entendemos, para análise dos conjuntos existentes, apresentar esquemas da sua contextualização, valorizando-os no tempo e no espaço pois, desta forma, temos oportunidade de compreender a interação iconográfica de S. João de Deus com a arquitectura e a cultura e a mentalidade adjacente à sua aplicação artística.

Muitos dos aspectos citados foram desenvolvidos, para dar uma amplitude generalista da produção azulejar relacionada com a Ordem Hospitaleira em território nacional. Nesse sentido alguns dos edifícios outrora pertencentes, ou

administrados pela instituição religiosa, também foram objecto de figuração artística, servindo a sua arquitectura como elemento a realçar no todo urbano edificado.

Na sequência do trabalho, agrupamos por séries os temas que mais se identificam entre si, surgindo um conjunto analítico que vai desde o século XVIII até ao presente.

Realçamos que os grandes Mestres e Pintores nacionais, do século XX, produziram obra alusiva a S. João de Deus e à Ordem Hospitaleira, fundada sob os cânones do seu conhecimento, motivo pelo qual apresentamos um resumo destes mesmos artistas que nos deixaram a sua mestria pictórica.

## Sobre os mestres, século XX

**Teixeira Lopes (Pai)** pintou, em 1908, na Fábrica de Cerâmica das Devezas, em Vila Nova de Gaia, um registo de *S. João de Deus a lavar os pés a um doente que se transfigurou em Cristo*. Encontra-se na Casa de Saúde do Telhal, desconhece-se o local original onde se localizava. Na actualidade está no corredor, em frente ao refeitório dos colaboradores.

**Jorge Colaço** pintou, em 1930, na Fábrica Viúva Lamego, em Sintra, um painel de *S. João de Deus a carregar um doente aos ombros pelas ruas de Granada*, localizado no átrio do Hospital da Misericórdia de Lamego. Encontra-se *in situ*.

**Leopoldo Battistini** pintou, em 1932, na Fábrica Viúva Lamego, em Sintra, um conjunto de painéis para o Salão Nobre da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Num deles está representado S. João de Deus. Também no brasão municipal existe a pintura de uma romã, em alusão ao Santo e à Ordem que fundou. Encontram-se *in situ*.

**Rogério do Amaral** pintou, entre 1949-1954, na Fábrica de Cerâmica de Sant'Anna, em Lisboa, duas séries de conjuntos de painéis para as capelas da

Casa de Saúde do Telhal e do Hospital Infantil S. João de Deus, em Montemor-o-Novo. Encontram-se *in situ*.

**Lino António** pintou, em 1965, na Fábrica Viúva Lamego, em Sintra, um *painel alusivo às artes e ofícios*, para a Escola Primária do novo Pavilhão do Hospital Infantil S. João de Deus, em Montemor-o-Novo. Encontra-se *in situ*.

## Cronologia

### Século XVII

*1650 (cerca)*

#### ***Montemor-o-Novo, Convento de S. João de Deus***

Revestimento azulejar da igreja com elementos decorativos de repetição. Destaque para um frontal de altar, na capela lateral esquerda, actualmente com a pia baptismal. A enfermaria foi revestida com lambrins de azulejos avulsos, com objectivos higienistas.

Caracterização: Azulejos avulsos e azulejos de tapete. Monocromático (azul).

Centro de Produção: Lisboa (?).

Autor: Desconhecido.

Bibliografia: BORGES, 2006, pp. 21-23.

## Século XVIII

1728 (cerca)

### *Vendas Novas, Paço das Passagens, Capela Real*

Revestimento azulejar com painéis na totalidade das paredes da capela. S. João de Deus faz parte de um conjunto de quatro representações de Santos devocionais: altar-mor (direita) S. Francisco Xavier, (esquerda) St.<sup>o</sup> António. Parede do fundo St.<sup>a</sup> Bárbara e S. João de Deus, ladeados por dois Evangelistas, S. Jerónimo e S. Mateus. Nas paredes laterais (sul) três representações da Paixão e (norte) vida de Nossa Senhora.

Caracterização: Pannel. Monocromático (azul).

Centro de Produção: Lisboa.

Autor: Policarpo de Oliveira Bernardes.

Bibliografia: ESPANCA, 1974, pp. 325-326; BORGES, 2007, pp. 172-173.

1735 (?)

### *Lisboa, Convento S. João de Deus*

Revestimento azulejar com lambrins do átrio de entrada do Convento. Representação de sete passagens da vida e obra de S. João de Deus. Os painéis seguem uma ordem cronológica. Da parede direita para a esquerda: (norte) *Nascimento em Montemor-o-Novo*, *Queda do cavalo e aparição de Nossa Senhora*, *Pastor em Oropesa*, (sul) *Sermão do Mestre João d'Ávila*, *Internado no Hospital Real de Granada*, *Acusado de fazer lume quando chovia*.

As gravuras publicadas em GOUVEIA, 1669 e repetidas em TRINCHEIRIA, 1773, serviram de modelo.

Conservam-se no interior do Convento, na escadaria nobre, azulejos tipo tapete, que se difundem pelos corredores, embora possam estar deslocados. Na varanda a sul, voltada ao Rio Tejo, painel de azulejos decorativos, atribuídos a 1740, com base nas gravuras de Otto van Veen.

Caracterização: Pannel. Monocromático (azul).

Centro de Produção: Lisboa.

Autor: Valentim de Almeida.

Bibliografia: SILVA, 1997, pp. 17-21; BORGES, 2007, p. 165; PINA, 2006, pp. 123-129; MECO, 1999, pp. 23-60.

1740 (cerca)

***Olivença, Igreja da Madalena, Capela de S. João de Deus***

Os Dragões de Olivença, Regimento de Cavalaria, da praça alentejana, tinham como seu patrono S. João de Deus. Por tal motivo edificaram-lhe uma capela na Igreja Matriz, de evocação a Santa Maria Madalena.

O espaço encontra-se revestido com quatro painéis, baseados nas figurações impressas na obra de Frei António de Gouveia, 1659.

A azulejaria revestiu a parede que tem por limites o próprio altar, rivalizando a talha com elementos alusivos à Ordem Hospitaleira de S. João de Deus e ao próprio Regimento de Cavalaria.

Caracterização: Painel. Monocromático (azul).

Centro de Produção: Possivelmente Lisboa.

Autor: Desconhecido.

Bibliografia: GOUVEIA, 1659; BORGES, 2007.

1747-1750

***Caldas da Rainha, Hospital Termal das Caldas da Rainha***

S. João de Deus faz parte de um conjunto de sete representações de Santos devocionais conotados com a assistência: *S. João de Deus*, *S. Camilo de Lélis*, *Nossa Senhora da Boa Morte*, entre outros.

A figuração temática alude ao *lava-pés a um pobre que se transfigurou em Cristo*. Sofreu intervenções de restauro em 2007.

Os painéis encontravam-se nas enfermarias e foram retirados por motivos de obras no século XX, encontrando-se no acervo do Museu Hospital e das Caldas.

Caracterização: Painel. Monocromático (azul).

Centro de Produção: Lisboa.

Autor: João de Roiz (?).

Bibliografia: SAAVEDRA, 1987, pp. 59 e 82; GAMEIRO e BORGES, 2007, pp. 7-11.

## Século XIX

1820 (?)

### *Lisboa, Hospital S. José*

Painel azulejar que se encontrava na *Enfermaria S. João de Deus*. Esta enfermaria foi destinada aos doentes psiquiátricos do sexo masculino.

Painel *rocaille* com motivo inspirado no que se encontra na Capela Real do Paço das Passagens, em Vendas Novas. Varia o tema cenográfico do primeiro exemplo, retirando-lhe o autor a enfermaria e substituindo-a pela figura de Nossa Senhora de Guadalupe com o Menino Jesus.

Caracterização: Painel. Policromático.

Centro de Produção: Lisboa.

Autor: Desconhecido.

Bibliografia: VELOSO, 1996, p. 71; PINA, 2007, p. 124; BORGES, 2007, pp. 268-269 e BORGES, 2009, p. 59.

## Século XX

1908

### *Telhal, Casa de Saúde do Telhal*

Registo com o tema *S. João de Deus a lavar os pés a um pobre que se transfigura em Cristo*, tendo como plano de fundo uma enfermaria.

Nas reservas do Museu S. João de Deus há um conjunto de azulejos fragmentados que deixam antever um registo com a heráldica da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.

Caracterização: Registo. Policromático.

Centro de Produção: Fábrica de Cerâmica das Devezas, Vila Nova de Gaia.

Autor: Teixeira Lopes (Pai).

Bibliografia: BORGES, 2003, p. 127; GAMEIRO e BORGES, 2007, pp. 7-11.

1930

***Telhal, Casa de Saúde do Telhal***

*S. João de Deus a levar o doente às costas acompanhado por S. Rafael.*

Caracterização: Painel. Policromático (azul e amarelo).

Centro de Produção: n./id..

Autor: A. d'Almeida. Este pintor é autor de mais dois registos, localizados na Casa de Saúde do Telhal, que estão assinados da mesma forma.

1932

***Montemor-o-Novo, Paços do Concelho***

S. João de Deus integra um conjunto de diversas representações alusivas à história de Montemor-o-Novo: “*A história e a lenda nos painéis de azulejos do Salão nobre dos Paços do concelho de Montemor-o-Novo*”.

Caracterização: Painel. Policromático (azul e amarelo).

Centro de Produção: Fábrica de Cerâmica Constância.

Autor: Leopoldo Battistini. Assinado e datado. Identificação da fábrica.

Bibliografia: ANDRADE, 1983; LÁZARO, 2003, pp. 169-172.

15.01.1934

***Lamego, Hospital da Misericórdia***

S. João de Deus faz parte de um conjunto de oito representações de Santos devocionais relacionados com a assistência: (da direita para a esquerda) *St.º António de Lisboa; S. João de Deus com o doente às costas nas ruas de Granada; Rainha Santa Isabel curando doentes; Heitorzinho de Loureiro; Santa D. Mafalda, Infanta de Portugal; S. Francisco Xavier, Apóstolo do Oriente;*

*Rainha D. Leonor, Fundadora das Misericórdias; Frei Miguel de Contreiras, Auxiliar de D. Leonor.*

Caracterização: Painel. Policromático (azul e amarelo).

Centro de Produção: Lisboa, Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego.

Autor: Jorge Colaço. Assinado e datado. Identificação da fábrica.

Bibliografia: MONTEIRO, 1950, p. 35.

1940

***Caldas de Monchique, Capela***

Conjunto de quatro figurações de S. João de Deus: *João Granada será a tua cruz, S. João de Deus transporta um doente pelos ombros, Lava-pés ao pobre que se transfigurou em Cristo e Trânsito de S. João de Deus*, e de quatro figurações de St.<sup>a</sup> Teresa de Jesus.

Caracterização: Painel. Monocromático (azul).

Centro de Produção: (?), possivelmente Lisboa.

Autor: (?). Não datado e não assinado. Há uma lápide no exterior que se refere ao arquitecto e ao ano da construção do edifício. Embora não assinados apontamos a autoria para Rogério do Amaral (?).

1949-1951

***Telhal, Casa de Saúde do Telhal***

Monumental conjunto azulejar relativo à vida e obra de S. João de Deus, desde que nasceu até que faleceu e à Ordem Hospitaleira que fundou.

Caracterização: Painel. Monocromático (azul).

Centro de Produção: Lisboa, Fábrica de Cerâmica Sant'Anna.

Autor: Rogério do Amaral. Datado e assinado. Identificação da fábrica.

Bibliografia: Diversas referências na *Revista Hospitalidade*; BORGES, 2005.

1952-1953

***Montemor-o-Novo, Hospital Infantil S. João de Deus***

Grandioso conjunto azulejar relativo à vida e obra de S. João de Deus,

muito semelhante ao da Casa de Saúde do Telhal, mas de menor dimensão.

Caracterização: Pannel. Monocromático (azul).

Centro de Produção: Lisboa, Fábrica de Cerâmica Sant'Anna.

Autor: Rogério do Amaral. Datado e assinado. Identificação da fábrica.

Bibliografia: Diversas referências na *Revista Hospitalidade*; BORGES, 2005, pp. 33-35.

1965

***Montemor-o-Novo, Hospital Infantil S. João de Deus***

Espécime azulejar alusivo às artes e ofícios, sob o patrocínio de S. João de Deus e de Calouste Gulbenkian.

Caracterização: Pannel. Policromático.

Centro de Produção: Lisboa, Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego.

Autor: Lino António. Datado e assinado. Identificação da fábrica.

Bibliografia: Diversas referências na *Revista Hospitalidade*; BORGES, 2005, pp. 33-35.

1982

***Évora, Centro de Saúde Militar***

*S. João de Deus na enfermaria a cuidar de um doente acamado. O Santo é o Patrono dos Hospitais Militares em Portugal.*

Caracterização: Pannel. Policromático.

Centro de Produção: Lisboa, Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego.

Autor: Manuela Soares. Datado e assinado. Identificação da fábrica.

Bibliografia: BORGES, 2009, p. 452.

1985 (cerca)

***S. Miguel, Cemitério do Nordeste***

*S. João de Deus abraça uma criança, perante um adulto (pai) ajoelhado.*

Caracterização: Monumento. Monocromático (castanho).

Centro de Produção: Aveiro, Fábrica de Cerâmica Aleluia.

Autor: António Limas (atribuído pela fábrica). Não datado e não assinado. Identificação da fábrica.

1996

***S. Miguel, Casa de Saúde S. Miguel***

*S. João de Deus nas Portas de Elvira, rodeado por doentes e mendigos.*

Caracterização: Painel. Policromático.

Centro de Produção: S. Miguel, Fábrica de Cerâmica Micaelense.

Autor: Ilídio Machado. Datado e assinado. Identificação da fábrica.

1997

***Portimão, Avenida S. João de Deus***

Romã e sigla em azulejo. Baixo-relevo em pedra de S. João de Deus.

Caracterização: Monumento. Policromático.

Centro de Produção: Portimão, Atelier AtrioEscola.

Autor: José Joaquim Moreira de Sousa. Datado e assinado. Identificação do centro produtor.

Bibliografia: *Revista Hospitalidade*, 1997, pp. 149-151.

## **Século XXI**

2004

***Funchal, Igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Graça***

Exemplar evocativo do carisma de S. João de Deus tendo, como cenografia, o Hospital, de seu nome, em Granada.

Caracterização: Painel. Policromático.

Centro de Produção: Lisboa, Fábrica de Cerâmica Azulate.

Autor: Ângelo Manuel Pereira. Datado e assinado. Identificação da fábrica.

2007

***Lisboa, Sede da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus***

Alusão ao *Incêndio do Hospital Real de Granada quando S. João de Deus evacuou os doentes sem sofrer nenhum dano.*

Caracterização: Monumento. Monocromático (azul).

Centro de Produção: Barcelos, Oficina Ergoterápica da Casa de Saúde S. João de Deus.

Autor: José Hilário Portela. Datado e assinado. Identificação do centro produtor.



# GLOSSÁRIO

**Albarrada** – Vaso com flores para ornato, muito comum na decoração da azulejaria dos séculos XVII e XVIII.

**Artista** – Designação geral aplicada a todo o criador na área das belas-  
-artes. O artista é o que concebe e o que inventa a obra de arte.

**Assinatura** – Marca pela qual se faz conhecer o autor de uma obra de arte: pode ser com o seu nome com todas as letras, com as iniciais ou com o seu monograma.

**Azulejo** – Termo que tem origem no vocábulo árabe “zulaicha” e significa “pedra polida”, não tendo nenhuma relação com a cor azul, que predominantemente foi, e é, utilizada.

**Azulejo de figura-a-vulsa** – Azulejos azuis e brancos representando, cada um por si, um motivo autónomo (flores, animais, barcos, figuras, peixes, entre outros).

**Azulejos de tapete** – Revestimento parietal ocupando toda a extensão de uma parede ou parte dela, formado pela repetição de padrões policromos.

**Cabelo** – Fractura de pequena dimensão e pouco espessa da pasta ou do vidro.

**Campo** – Fundo sobre o qual um objecto ou legenda se destaca em relevo ou em cor.

**Cenografia** – Ramo do desenho arquitectónico que procura representar os edifícios da forma como serão realmente vistos.

**Cerâmica** – Nome genérico que se dá a todo o tipo de argila cozida, modelada, vidrada, esmaltada, decorada a fogo lento ou pleno fogo, compreendendo terracota, grés, majólica, azulejo, faiança e porcelana.

**Cercadura** – Guarnição formada por uma única fiada de azulejos.

**Cornija** – Decoração que assenta sobre um friso. Qualquer ornamento saliente na parte superior dum móvel, duma porta, entre outros.

**Decalque** – É um sistema de decoração que se faz sobre a faiança ou porcelana, mediante a aplicação de um adesivo na superfície do que se pretende decorar. Este método também é conhecido por estampilha, estampagem, decalque ou decalcomania.

**Decoração** – A decoração da cerâmica engloba um vasto conjunto de elementos que podem ser monocromáticos ou policromos, pintados, desenhados, estampados, esponjados, decalcados ou pulverizados.

**Embrechados** – Incrustações de pequenas pedras, conchas, vidros, azulejos ou porcelanas na argamassa ainda mole.

**Estampa** – Gravura executada sobre madeira, cobre (com buril ou água-forte) ou pedra litografada e tirada sobre papel.

**Estofa** – Tecido rico de lã, seda ou algodão, com que se revestem interiormente esculturas para suportarem a pintura (ex.: escultura estofada e policromada).

**Fábrica** – Estabelecimento fabril onde se manufactura ou se prepara e produz qualquer produto.

**Frontão** – Remate superior na fachada do edifício, que veda o espaço compreendido pelas duas águas da cobertura e o plano correspondente à cornija.

**Gomil** – Jarro de boca estreita.

**Hagiografia** – Biografia religiosa: vida dos Santos, Actos Mártires.

**Heráldica** – Arte de representar as armas de família, institucionais, militares e religiosas.

**Iconografia** – Disciplina que estuda e documenta historicamente as características das imagens e das figuras usadas nas artes figurativas (na pintura, escultura e gravura), independentemente das suas qualidades estéticas. Estudo das representações figuradas, quer dum indivíduo, quer duma época, quer dos símbolos e dos dogmas duma religião. Colecção de monumentos figurados.

**Iconologia** – Ciência que estuda os temas utilizados nas artes figurativas com vista a interpretar o seu significado alegórico, histórico, mitológico ou religioso.

**Iconoteca** – Coleção de estampas, gravuras e imagens sacras.

**Lambril, lambrim** – Revestimento de muros com mármore e estuque, especialmente com madeira ou azulejo, servindo de protecção contra a humidade e simultaneamente para ornamento.

**Mestre** – Título que se dá aos artistas que fazem escola.

**Monocromático, monocromo** – Que tem uma só cor. A unidade da cor não exclui a diversidade dos matizes.

**Monograma** – Assinatura de uma obra de arte por meio de cifra composta de uma ou mais letras, iniciais combinadas, entrelaçadas ou justapostas, que serve de assinatura do artista.

**Monumento** – Edifício ou estátua comemorativa destinado a perpetuar a lembrança de um acontecimento. Certos monumentos têm carácter funerário.

**Oficina** – Local onde trabalha um pintor ou escultor, só ou com ajudantes, práticos e aprendizes. Chama-se trabalho de oficina a toda a obra colectiva que não é inteiramente da mão de um mestre e que foi executada sob a sua direcção ou simplesmente segundo os seus desenhos, por aprendizes.

**Oleografia** – Litografia a cor, que imita a pintura a óleo.

**Painel** – Superfície enquadrada de molduras. Em arquitectura, grande superfície (no interior ou exterior do edifício) decorada. Pode ser de mosaico, pastilha de porcelana, cerâmica (azulejo entre outras), baixo-relevo e pintura.

**Painéis historiados** – Referente aos painéis de azulejo nos quais estão representadas cenas religiosas ou profanas.

**Paleta** – Nome dado ao conjunto e gama de cores utilizadas na pintura.

**Panóplia** – Motivo decorativo usado na pintura e escultura ornamentais.

**Pastiche** – Imitação do estilo de uma obra de arte.

**Pintor** – Aquele que exerce a arte da pintura, neste caso em azulejo. O pintor colabora com o Mestre, o qual superintende a obra azulejar. Normalmente o pintor é incumbido de realizar os trabalhos considerados menores, como por exemplo os panejamentos, paisagens e mãos, enquanto o Mestre era o grande responsável pela projecção dos desenhos e dos rostos.

**Placa** – Tabuleta ornamental.

**Placa toponímica** – Local onde se inscreve o topónimo. Inicialmente era pintado, passando posteriormente a ser em azulejo, chapa metálica e em pedra. A sua forma inicial era oval, sendo depois em forma rectangular, com os cantos arredondados. No presente tem a forma rectangular.

**Policromático, policromia** – Diversidade de cores, em oposição à monocromia.

**Registos** – Pequeno painel de azulejos, colocado na fachada das casas ou igrejas, representando um ou vários Santos protectores.

**Reprodução** – Cópia de uma obra de arte mais ou menos exacta, realizada por processos mecânicos (gravura ou fotografia).

**Reserva** – Designação que se dá aos espelhos delimitados, de formas e dimensões variáveis, nas quais se aplicam motivos específicos. Espaço deixado sem ornamentos.

**Rocaille** – Motivo decorativo com utilização de cartelas onde abundam as conchas recortadas, imagens e flores em botão, organizadas assimetricamente e rematadas numa espécie de penacho, acrescidas de motivos de origem chinesa.

**Sigla** – Letras iniciais usadas como sinais abreviados.

**Silhar** – Aplicação de azulejos decorativos na parte inferior de uma parede.

**Tapete** – Em azulejaria designa o revestimento de grandes áreas murais com padrões geométricos ou fitomórficos.

**Toponímia** – Nome atribuído, por via popular e via regulamentar municipal, ao eixo viário.

## **BIBLIOGRAFIA**

Consultando a bibliografia do Santo, muitos são os autores que têm escrito sobre a sua vida e obra. As edições surgem sob a forma de livros, artigos e outros géneros literários, inclusive romances, contos e poemas.

De forma geral, em quase todos os textos, encontramos referências a elementos decorativos apelando às suas acções carismáticas. Os desenhos e pinturas surgem de formas populares e outras com profundo teor académico. Foram esses elementos que serviram de base aos artistas para desenvolver a sua criatividade, a qual nos aparece reproduzida nos lambris, painéis e registos azulejares em Portugal.

No contexto referido a presente bibliografia, quer referida ou não no corpo de texto, serviu de base aos autores do presente estudo para desenvolverem a sua análise, utilizando-se mais alguns trabalhos de que outros, consoante os objectivos propostos.

Os que mais nos interessaram foram aqueles que permitiram, de forma cenográfica, contar a vida e obra de S. João de Deus pela imagem, sem contudo deixarem de se incluir todos aqueles que foram escritos sobre o Santo permitindo, desta forma, ajuizar sobre o modelo assistencial que criou e desenvolveu e a sua grandiosidade humanista.

Estamos convictos que a bibliografia analisada abrange todas as referências que estudamos, as quais constituem fundamentos iconográficos para a difusão azulejar de S. João de Deus em Portugal.

ANGELINI, Fiorenzo, *S. João de Deus e S. Camilo de Lélis: Homens e Modelos para a Humanização e Pastoral da Saúde*. Lisboa: Cáritas Portuguesa, col. Cáritas, n.º 9, 1986.

ANDRADE, António Alberto Banha de, “A história e a lenda nos painéis de azulejo do Salão Nobre dos Paços do Concelho de Montemor-o-Novo”. In: *Cadernos de História de Montemor*. Montemor-o-Novo: Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, n.º 12, 1983.

ANDRADE, Manuel Moreira de, “O 3.º biógrafo de S. João de Deus”. In: *Revista Hospitalidade*. Lisboa: Hospitalidade, Janeiro/Março, 1995, pp. 46-50.

AZEVEDO, Carlos Moreira, “As origens dos ciclos iconográficos de S. João de Deus”. In: *75 anos da Restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*. Braga: Alcalá/OHSJD, 2006, pp. 201-219.

AZEVEDO, Carlos Moreira, *Cristo: fonte de esperança, Ano Jubilar 2000*. Porto: Comissão Comemorativa do Ano Jubilar, 2000.

BETES, José Luís Repetto, *S. João Grande: Discípulo e continuador de S. João de Deus*. Lisboa: Rei dos Livros, 1996.

BIDAULT, Paul e LEPART, Jean, *Etains médicaux et pharmaceutiques*. Paris: Charles Massin, s/d.

BORGES, Augusto Moutinho, “Toponímia de Almeida, 1760/1997”. In: *Revista Altitude*. Guarda: Assembleia Distrital da Guarda, n.º 2, 3.ª Série, 1997, pp. 17-43.

BORGES, Augusto Moutinho, “Revestimento azulejar na Ordem Hospitaleira de S. João de Deus: elementos para a história da arte em Portugal,

séc. XVII-XVIII”. In: *Revista Hospitalidade*. Lisboa: Hospitalidade, n.º 269, 2005, pp. 33-35.

BORGES, Augusto Moutinho, “Iconografia da Ordem Hospitaleira na arte azulejar do século XX em Portugal”. In: *Revista Hospitalidade*. Lisboa: Hospitalidade, n.º 270, 2005, pp. 33-35.

BORGES, Augusto Moutinho, “Irmãos de São João de Deus, 229 Anos de Hospitalidade no Império Português, 1606-1835”. In: *Revista Hospitalidade*. Lisboa: Hospitalidade, n.º especial – 70 anos, 2006, pp. 11-15.

BORGES, Augusto Moutinho, “Culto a S. João de Deus na Bandeira da Misericórdia da Guarda”. In: *Revista Cidade Solidária*. Lisboa: SCM de Lisboa, 2006, pp. 68-73.

BORGES, Augusto Moutinho, “Os Reais Hospitais Militares de S. João de Deus e a defesa do Alentejo”. In: *Revista Almansor*. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 5, 2006, pp. 73-86.

BORGES, Augusto Moutinho, “Elementos de História de Arte na Igreja de S. João de Deus em Montemor: o ferro forjado”. In: *Revista Almansor*. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 5, 2006, pp. 337-344.

BORGES, Augusto Moutinho, “S. João de Deus na arte em Portugal”. In: *Revista Jornadas de História da Medicina da Beira Interior*. Castelo Branco: Cadernos de Cultura, n.º 18, 2007, pp. 96-108.

BORGES, Augusto Moutinho, “Iconografia de S. João de Deus no Alentejo, Séculos XVII-XX”. In: *Revista Almansor*. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 6, 2007, pp. 323-375.

BORGES, Augusto Moutinho, *Os Reais Hospitais Militares em Portugal administrados e fundados pelos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus, 1640-1834*. Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa – Universidade Nova de Lisboa, 2007 (Tese de Doutoramento).

BORGES, Augusto Moutinho, “Mestre Domingos Rebelo em Montemor-o-Novo (1952-1994)”. In: *Revista Almansor*. Almada: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 7, 2008, pp. 205-216.

BORGES, Augusto Moutinho, “S. João de Deus na enfermaria: painel de azulejos policromos”. In: *Museu São João de Deus: Psiquiatria e História*. Lisboa: Hospitalidade, 2009, p. 59.

BORGES, Augusto Moutinho, “Os Reais Hospitais Militares e a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal (1645-1834)”. In: *Museu São João de Deus: Psiquiatria e História*. Lisboa: Hospitalidade, 2009, pp. 117-135.

BORGES, Augusto Moutinho, “Coleccionadores, Médicos e Republicanos”. In: *Coleccionar para a Res Pública: Legado Dr. Anastácio Gonçalves (1888-1965)*. Lisboa: IPM, 2010, pp. 88-101.

BORGES, Augusto Moutinho e DIAS, Ir. Jorge Coelho, OH, “Alegorias da Fé: S. Camilo de Lélis”. In: *Catálogo O azulejo nas Caldas da Rainha: Memória, Cerâmica, Brilho, Expressão e Narrativa Alegórica*. Caldas da Rainha: Museu do Hospital e das Caldas, 2007, pp. 12-16.

BROCHADO, Idalino da Costa (coord.), *São João de Deus, homenagem de Portugal ao seu glorioso filho, 1550-1950*. Lisboa: Bertrand, 1950.

CARPIO, Felix Lope de Vega, *Juan de Dios y Antón Martín*. Madrid: 1618.

CARPIO, Felix Lope de Vega, *Obras Escogidas*. Madrid: Serie Obras Escogidas de Lope de Vega, Edición Aguilar, 1946.

CASTRO, Francisco de, *História da vida e obras de S. João de Deus*. 5.ª ed., Lisboa: Fundação S. João de Deus, 2007.

CASTRO, Raquel Jardim de, *S. João de Deus, um herói português do séc. XVI*. 3.ª ed., Lisboa: Rei dos Livros, 1995.

CEBOLA, Luís, *Almas Delirantes*. Lisboa: Comercial Gráfica, 1925.

CELI, Dionísio, *Miraculosa vida u santas obras del Beato Patriarca Iuan de Dios Lusitano, fundador de la Sagrada Religión que cura enfermos. Compuesta por el Maestro Francisco de Castro. Ahora nuevamente añadida y enmendada por un Religioso de la misma Orden*. Burgos: en Casa de Ioseph de Mena, 1621.

CELI, Dionísio, *S. Giovanni di Dio narrato dal Celi: Sintese selectiva della seconda biografia de San Giovanni di Dio publicata a Burgos nel 1621 da fra Dionísio Celi*. Roma: Hospitalidade, 1993.

CHORÃO, Maria José Mexia Bigotte, “A fundação do Convento-Hospital de S. João de Deus em Lisboa, em 1629”. In: *Revista Almansor*. Almada: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 8, 2009, pp. 79-95.

COLAÇO, Thomaz, “Sobre mestre Jorge Colaço”. In: *Industria Portuguesa*. Lisboa, Janeiro, n.º 107, 1937.

CORDO, Margarida (coord.), *Instituto S. João de Deus, Memória, 1977-2002*. Lisboa: Hospitalidade, 2002.

CORREIA, Frei Joseph, *S. João de Deus, Pai dos Pobres*. Introdução, Transcrição e Índice Remissivo por SALGADO, Abílio José e SALGADO, Anastásia Mestrinho. Lisboa: Multinova, 1997.

COUTINHO, Alberto Pereira, “Monumento a S. João de Deus em Portimão”. In: *Revista Hospitalidade*. Lisboa: Hospitalidade, n.º 238, 1997, pp. 149-151.

Cúria Generalizia Ordine Ospedaliero di San Giovanni di Dio (coord.), *Arte e cultura nell’Ordine Ospedaliero di San Giovanni di Dio*. Roma: Cúria Generalizia Ordine Ospedaliero di San Giovanni di Dio, 2006.

DOMINGUES, Celestino, *Dicionário de Cerâmica*. Lisboa: Caleidoscópio, 2006.

ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora (zona norte)*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, vol. I, 1976.

FERREIRA, F. A. Gonçalves, *História dos Serviços de Saúde em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

FONSECA, Jorge, “Contributo para o estudo da toponímia de S. João de Deus, em Portugal”. In: *75 anos da Restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*. Lisboa: Alcalá/OHSJD, 2006, pp. 177-183.

FONSECA, Jorge, “Montemor-o-Novo e o nascimento de João Cidade”. In: *Revista Archivos Hospitalarios*. Madrid: Fundación Juan Ciudad, n.º 5, 2007, pp. 221-234 (específicas pp. 232-234).

FONSECA, Jorge, “Nobres e burgueses: os mecenas e beneméritos do Convento de S. João de Deus, de Montemor-o-Novo”. In: *Revista Almansor*. Almada: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 8, 2009, pp. 97-106.

FRANÇA, José Augusto, *A arte em Portugal no século XIX*. Lisboa: Livros Horizonte, 2 vols., 1990.

FRÓIS, Virgínia (coord.), *Conversas à volta dos Conventos*. Évora: Casa do Sul/Oficinas do Convento, 2002.

GAMEIRO, Aires, *Tempo e originalidade assistencial de S. João de Deus. Koinonía, Filoxenía e Martýrion*. Lisboa: Hospitalidade, 1998.

GAMEIRO, Aires, “João Cidade, a identidade portuguesa e a dimensão universal de S. João de Deus”. In: *Revista Almansor*. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 5, 2.ª Série, 2006, pp. 7-34.

GAMEIRO, Aires, e BORGES, Augusto Moutinho, “Alegorias da Fé: S. João de Deus”. In: *Catálogo O azulejo nas Caldas da Rainha: Memória, Cerâmica, Brilho, Expressão e Narrativa Alegórica*. Caldas da Rainha: Museu do Hospital e das Caldas, 2007, pp. 7-11.

GAMEIRO, Aires; BORGES, Augusto Moutinho; DORGUETE, José Nunes, e ANDRADE, Sara Morais Saraiva de, “Hospitaleiros”. In: *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*. Direcção de FRANCO,

José Eduardo, MOURÃO, José Augusto e GOMES, Ana Cristina da Costa. Lisboa: Gradiva, 2010, pp. 173-187.

GAMEIRO, Pe. João, *História da vida e obras de S. João de Deus*. Braga: 1980; Montemor-o-Novo, 2007.

GIL, José Luis Martínez, “Documento Histórico”. In: *Revista Juan Ciudad*, Março-Abril, 1996, pp. 33-35.

GIL, José Luis Martínez, *Proceso de Beatificación de San Juan de Dios*. Madrid: BAC, 2006.

GOES, Damião de, *Chronica d’El-Rei D. Manuel*. Lisboa: Escripório, vol. I, 1909, pp. 55-57.

GOMES, Josué Pinharanda (coord.), com a colaboração de Aires Gameiro, Ana Mateus Cardoso, Augusto Moutinho Borges, Estela Rodrigues e Valter Correia, “A Bibliografia portuguesa relativa a S. João de Deus e às Ordens por ele inspiradas, 1950-2006” In: *São João de Deus, homenagem de Portugal ao seu glorioso filho, 1550-1950* (fac-símile). Badajoz: Alcalá/OHSJD, 2006, pp. XXI-LI. Vide obra bibliográfica completa.

GÓMEZ-MORENO, Manuel, *San Juan de Dios primicias históricas suyas, Dispuestas y comentadas*. Madrid: Fundación Juan Ciudad 1950, 2006.

GORRAIZ, Miguel Castillejo, *Apresentação à obra de Francisco de Castro “Historia de la vida y santas obras de San Juan de Dios...”*. Cordoba: Cajasur Publicaciones, 1995.

GOUVEIA, António de, *Vida y Mverte del Bendito P Ivan de Dios, fundador de la ordê de la hospitalidad de los pobres enfermos. Al Exmo. Sr. D. Dvarte, Marquês de Frechilla. D. F. Antonio de Govea – opõ. De Cirene visitador Apos.<sup>co</sup> en Persia del Consejo de Su Mag.<sup>d</sup> y Su Predicador por la Corona de Portugal*. Madrid: por Thomas Iuitti, Impressor del Rey, MDCXXIII, outras edições 1658, 1669.

GOUVEIA, D. Frei António de, *Vida e Morte de S. João de Deus*. Lisboa: Távola Redonda/Hospitalidade, 1996.

HENRIQUE, Paulo, “Os azulejos da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal, um livro e um circuito”. In: *75 anos da Restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*. Lisboa: Alcalá/OHSJD, 2006, pp. 251-252.

JAVIERRE, J. M., *Juan de Dios loco en Granada*. Madrid: Sigueme, 1996.

LAMEIRA, Francisco, “O retábulo barroco no concelho de Montemor-o-Novo”. In: *Revista Almansor*. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 3, 2004, pp. 129-173.

LARIOS LARIOS, Juan Miguel, “Iconografia de San Juan de Dios”. In: *Arte e cultura nell’Ordine Ospedaliero di San Giovanni di Dio*. Roma: Cúria Generalizia Ordine Ospedaliero di San Giovanni di Dio, 2006, pp. 139-184.

LARIOS LARIOS, Juan Miguel, *San Juan de Dios, La imagen del Santo de Granada*. Granada: Comares, 2006.

LAVAJO, Joaquim Chorão, “João Cidade regressa a Montemor como S. João de Deus”. In: *Revista Almansor*. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 5, 2.ª Série, 2006, pp. 53-72.

LAZARO, Luís Ortega, *Antón Martín – el Hermano Antón Martín – y su Hospital en la Calle Atocha de Madrid, 1500-1936*. Madrid: Florentino Martínez, 1981.

LÁZARO, Maria Alice de Oliveira, *Leopoldo Battistini: realidade e utopia, percurso artístico*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, Capital da Cultura, 2003 (específicas pp. 169-172).

LEANDRO, Sandra, *Lino António (1898-1974)*. Leiria: Câmara Municipal de Leiria, 1998.

LEÃO, Manuel, *A cerâmica em Vila Nova de Gaia*. Porto: Fundação Manuel Leão, 1999.

LEMONS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal – Doutrinas e Instituições*. Lisboa: Publicações D. Quixote/Ordem dos Médicos, 2 vols., 1991.

MACHADO, João Saavedra, *Azulejos do Hospital Termal das Caldas da Rainha: séculos XVI-XVIII*. Lisboa: Instituto Português Património Cultural, 1987.

MACEDO, Manuel Machado, *História da Medicina Portuguesa no século XX*. Lisboa: CTT Correios de Portugal, 1998.

MAGLIOZZI, Giuseppe, *Introduzione a "San Giovanni di Dio narrato dal Celi"*. Milano: Edizioni Fatebenefratelli, 1993.

MAGLIOZZI, Giuseppe, *S. Giovanni di Dio narrato dal Celi: Sintese selettiva della seconda biografia de San Giovanni di Dio pubblicata a Burgos nel 1621 da fra Dionísio Celi*. Milano: Edizioni Fatebenefratelli, 1993.

MAGLIOZZI, Giuseppe, "Lo firmo con queste mie tre lettere". *La sigla di San Giovanni di Dio quale chiave per comprenderé il punto di partenza della sua riforma assistenziale*. Roma: Centro Studi "San Giovanni di Dio", 1996.

MAGLIOZZI, Guiseppe, *Pagine Juandediane*. Roma: Centro Studi "San Giovanni di Dio", 1992, pp. 106-108.

MAGLIOZZI, Guiseppe, "Vita Ospedaliera". In: *Revista Hospitalidade*. Lisboa: Hospitalidade, n.º 59, Janeiro-Fevereiro, 1995, pp. 9-10.

MARCOS, Octavio, OH, *Cartas y Escritos de Nuestro Glorioso Padre San Juan de Dios*. Madrid: Orden Hospitalaria San Juan de Dios, 1935.

MARTÍNEZ, José Sánchez, "Kénôsis-Diakonìa" *en el itinerario espiritual de San Juan de Dios*. Madrid: Fundación Juan Ciudad, 1996.

MARTÍNEZ, José Sánchez, "Una Primitiva 'Confraternitas' en el Hospital San Juan de Dios de Granada (1556-1572)". In: *Archivo Hospitalario*. Madrid: Fundación Juan Ciudad, n.º 3, 2005, pp. 417-429.

MARTÍNEZ, José Sánchez, *Hospital San Juan de Dios. Construcción y propiedad histórica (1543-1593)*. Granada: Archivo-Museo San Juan de Dios "Casa de los Pisas", 2007.

MARTÍNEZ, José Sánchez, “Localización documentada del primer hospital que tuvo Joan de Dios”. In: *Revista Juan Ciudad*. Madrid: Fundación Juan Ciudad, 1996, pp. 25-28.

MARTÍNEZ, José Sánchez, “*Compromiso entre este Hospital y el convento de San Jerónimo del pleito sobre el sitio de este Hospital, 1593*”. Manuscrito 1, 29. H de 54 fls. úteis (ADPG Maço 29/H; peças 4 e 5). In: *En torno a la construcción del Hospital San Juan de Dios de Granada*. Separata do simposium (1/5-IX-1995) / coord. por Francisco Javier Campos y Fernández de Sevilla, Vol. 1, 1995 (Arte, arquitectura, restauraciones, iconografía, música, hospitales y enfermerías, medicina, farmacia, mecenazgo, estudiantes), pp. 355-402. **Recoge los contenidos presentados a Simposio Monjes y Monasterios Españoles** (1. 1995. El Escorial).

MATOS, Manuel Cadafaz de, “Para a historiografia de S. João de Deus (novas achegas)”. In: *Revista Almansor*. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 5, 2.ª Série, 2006, pp. 137-167.

ATOS, Maria Antónia Pinto de, *A Casa das Porcelanas: Cerâmica chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: Instituto Português de Museus e Philip Wilson Publishers, 1996.

MECO, José, *Azulejaria Portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1992.

MECO, José, *O azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993.

MECO, José, “Algumas fontes flamengas do azulejo português: Otto van Ven Rubens”. In: *Revista Azulejo*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, n.º 3/7, 1999, pp. 23-60.

MESTRE, Víctor; GASPAR, Maria Alexandra e GOMES, Ana M., “Reabilitação do troço sul/nascente do caminho-de-ronda do Castelo de São Jorge”. In: *Revista Monumentos*. Lisboa: Direcção-Geral de Monumentos e Edifícios Nacionais, n.º 17, 2002, pp. 132-139.

MINGORANCE, Encarnacion Isla, *Hospital y Basílica de San Juan de Dios en Granada*. Leon: Everest, 1979.

MONTEIRO, Hernâni, *S. João de Deus (no 4.º centenário da sua morte)*. Porto: Faculdade de Medicina do Porto, 1950.

MORENO, Calixto Plumed, “De nuevo las tres letras de Juan de Dios”. In: *Archivo Hospitalario*. Roma: 2004, pp. 275-291.

NEVES, José Cassiano, *Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira*. Lisboa: Quetzal, 1995.

NEWCOMB, Corvelle, *Brother Zero, A story of life of Saint John of God*. New York: Dodd, Mead, 1959.

*Normas de inventário – Cerâmica de revestimento, Artes plásticas e artes decorativas*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1999.

PARRA Y COTE, Alonso, *Bulario de la Sagrada Religión de Hospitalidad de N. P. S. Juan de Dios*. Madrid, I e II, 1756 e 1757.

PELICANO, João Luís, “Boletim Familiar”. In: *Boletim Familiar da Província Portuguesa O.H.*. Telhal: Hospitalidade, Janeiro, 1995, pp. 53-57.

PINA, Madalena Esperança, “Azulejos alusivos a São João de Deus na grande Lisboa”. In: *Revista Almansor*. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, n.º 5, 2.ª Série, 2006, pp. 133-135.

PINA, Madalena Esperança, *Traços da Medicina na azulejaria de Lisboa*. Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa, 2007 (Tese de Doutoramento).

PITA, João Rui, *História da Farmácia*. 2.ª ed., Coimbra: Minerva, 2000.

*Primitivas Constituciones. Hermanos de San Juan de Dios*. Madrid: Carsal, 1977.

ROSAY, Jean Mathieu, *Dizionario Cronologico dei Papi*. Milão: Eco, 1990, p. 256.

RUSSOTO, Gabriel, *Le Costituzioni dei Fatebenefratelli del 1596 con introduzioni e note*. Roma: Centro Studi San Giovanni di Dio, 1964.

RUSSOTO, Gabriel, *San Giovanni di Dio e il suo Ordine Ospedaliero*. Roma: Edizione dell'Ufficio Formazione e Studi de Fatebenefratelli, 2 vols., 1969.

SÁ, Almeida e, *História do Hospital Infantil de S. João de Deus em Montemor-o-Novo*. Telhal: Hospitalidade, 1990.

SABO, Rioletta e FALCATO, Jorge Nuno, *Azulejos: Arte e História*. Lisboa: Inapa, 1998.

SALVADOR, Matias de Mina y, *Cartas de San Juan de Dios*. Madrid: Fundación Juan Ciudad, 2006.

SERRÃO, Vitor, “S. João de Deus lava os pés a um pobre, transfigurado em Cristo”. In: *Museu São João de Deus: Psiquiatria e História*. Lisboa: Hospitalidade, 2009, p. 34.

SILVA, Jorge Henriques Pais e CALADO, Margarida, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, Col. *Biblioteca da Arte*, n.º 7, 2006.

SIMÕES, João Miguel Santos, *Azulejaria em Portugal no século XVII*. 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2 tomos, 1997.

SIMÕES, João Miguel Santos, *Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

TEDIM, José Manuel, “As estátuas de S. João de Deus da responsabilidade da oficina do Comendador José Ferreira Thedim, o escultor da imagem de S. João de Deus, da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus”. In: *75 anos da Restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*. Lisboa: Alcalá/OHSJD, 2006, pp. 222-228.

TEROL, Marylène, *Azulejos a Lisbonne: Lumière d'une ville*. Paris: Editions Hervas, 2002.

TORRES, José, *História da Casa de Saúde São João de Deus – Barcelos*. Lisboa: Hospitalidade, 2000.

TORRES, Juan José Hernández (coord.), *Basílica de San Juan de Dios*. Granada: Clave Granada, 2006.

TRINCHERÍA, Manuel, *Pasmosa vida, heroycas virtudes, y singulares milagros del Abrahan de la ley de gracia, Patriarca, y fundador de la Sagrada religión Hospitalaria el glorioso San Juan de Dios. Sácala a luz, y la consagra à su paternal amor, como agradecido hijo, [...] su autor El Padre Manuel Trinchería, de los Clerigos Menores, [...]*. Madrid: Por D. Joachin Ibarra, Impressor de Cámara de S.M, MDCCLXXIII.

TRIPALDI, Elia, *Rapha'el "Medicina Dei"*. Roma: Biblioteca Ospedali-  
era, 2000 (Tese de Doutoramento).

VELOSO, António Barros e ALMASQUÉ, Isabel, *Azulejaria de exterior em Portugal*. Lisboa: Inapa, 1991.

VELOSO, António Barros e ALMASQUÉ, Isabel, *Hospitais Civis: História e azulejos*. Lisboa: Inapa, Col. *História da Arte*, 1996.





**Augusto José Moutinho Borges** exerce funções de Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Turismo e Hotelaria do Instituto Politécnico da Guarda. É Especialista em Turismo e Lazer, Título Académico reconhecido provisoriamente pelo Instituto Politécnico da Guarda (2012); Doutor em Ciências da Vida, na Especialidade em História das Ciências da Saúde, pela Universidade Nova de Lisboa (2008); Mestre em Património e Turismo, pela Universidade do Minho – Braga (2004); Licenciado em Ciências Históricas, pela Universidade Portucalense – Porto (1988).

Investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – CLEPUL (2010); Investigador Colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20 (2008); Investigador Colaborador do Instituto Europeu de Ciências da Cultura, da Universidade de Lisboa (2010).

Membro Correspondente do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar, Ministério da Defesa Nacional (2007); Membro do Conselho Científico do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – CLEPUL (2010); Membro do Conselho Científico do Instituto Europeu de Ciências da Cultura – Padre Manuel Antunes (2012).

Vogal de Número da Secção de História da Medicina da Sociedade de Geografia de Lisboa (2007), onde foi Vice-Presidente da referida Secção entre 2009-2012.

É autor de onze livros sobre História, História da Arte, Património, Turismo, Cultura e História das Ciências da Saúde e tem escrito 135 artigos. Realizou 89 conferências e 107 comunicações em congressos e colóquios, em Portugal e no estrangeiro, sobre História, Arte, Património, Cultura, Cultura e Ciências da Saúde. Na área da azulejaria tem os seguintes livros publicados, para além do que se apresenta: “*Cores na Cidade: Azulejaria de Santa Maria de Belém*” (2012) e “*Azulejaria de Alcântara: Cores na Cidade*” (2013), para além de outros que estão no prelo e de diversos artigos sobre azulejaria editados em revistas e artigos apresentados em congressos e colóquios.

Foram-lhe atribuídos o *Prémio Imprensa Não diária 2002*, pela Sociedade Histórica da Independência de Portugal, o *Prémio Defesa Nacional 2007*, pela Comissão Portuguesa de História Militar – Ministério da Defesa Nacional e o *Prémio SOS Azulejo – Investigação Científica 2010*, pelo Museu da Polícia Judiciária.



**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT –  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto  
“PEst-OE/ELT/UI0077/2011”**





“A *Azulejaria de S. João de Deus em Portugal, Séculos XVII-XXI. Roteiro Cultural e Turístico* é uma obra que se inscreve na reflexão inter-artes desenvolvida no Centro de Literatura e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, atenta às configurações estéticas do imaginário colectivo português, que com outros se cruza e dialoga.

Desta vez, a azulejaria é o cenário e a matéria em que uma personalidade e uma Ordem se encontram e se confundem humanizando a sociedade na esfera mais básica da sua vida: a saúde e a assistência.”

(da Apresentação)

“S. João de Deus ainda não tinha sido abordado na azulejaria em Portugal de forma sistemática, comparativamente às outras figurações iconográficas do Santo e de outros Santos, que têm por base a pintura e a escultura e estão, inúmeras vezes, referenciados em livros temáticos. Sendo Portugal o país do azulejo, também a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus não foi indiferente, em fazer representar o seu fundador neste suporte cerâmico.”

(da Introdução)